



UNIVERSIDADE  
DE LISBOA



FACULDADE DE ARQUITETURA  
UNIVERSIDADE DE LISBOA

# ALBURRICA À MARGEM

## REABILITAÇÃO DA QUINTA BRAAMCAMP E REVITALIZAÇÃO DO VAZIO URBANO

INÊS MARIA DE NORONHA CABAÇO

LICENCIADA EM ESTUDOS ARQUITETÓNICOS

PROJETO FINAL DE MESTRADO PARA A OBTENÇÃO

DO GRAU DE MESTRE EM ARQUITECTURA

ORIENTAÇÃO CIENTÍFICA:

PROFESSORA DOUTORA ISABEL MARIA AUGUSTO DE SOUSA ROSA

JÚRI:

PRESIDENTE: PROFESSOR DOUTOR PAULO MANUEL SANTOS PEREIRA DE ALMEIDA  
VOGAL: PROFESSOR DOUTOR FRANCISCO CARLOS ALMEIDA DO NASCIMENTO E OLIVEIRA

DOCUMENTO DEFINITIVO

LISBOA, FA ULISBOA, MARÇO, 2019



## **AGRADECIMENTOS**

### **Aos meus Pais,**

Por todo o apoio que me deram e pela confiança que depositaram em mim ao longo de todo o percurso académico.

Ao meu pai pela disponibilidade em ajudar-me, e à minha mãe por acreditar sempre em mim, sem vocês seria impossível.

### **À minha orientadora,**

Professora Isabel Rosa, por ter aceite integrar este percurso, pela atenção, disponibilidade e critério com que sempre me acompanhou.

A transmissão de todo o seu conhecimento foi crucial neste processo.

### **Aos familiares,**

Em especial, aos meus avós, tios e primos, que sempre tiveram comigo nos momentos mais positivos assim como negativos.

Pelo apoio e pela disponibilidade em ajudar-me sempre que possível.

### **Aos meus amigos e colegas,**

Em especial à Patrícia, Catarina, Mariana e Mónica que foram as minhas companheiras em todos os momentos, e que tornaram o melhor de todo o percurso académico

sem vocês, teria sido impossível.

### **Ao Diogo,**

Pela ajuda e apoio nesta última fase do percurso académico, pela paciência, motivação e pelo conforto emocional que sempre me deu desde o início.





## RESUMO

Em Portugal, o período industrial foi um dos maiores impulsionadores do crescimento e desenvolvimento urbano. Em meados do século XIX, com a aceleração das industrializações, a vila do Barreiro torna-se um importante polo industrial para o restante País. Contudo após vários anos de auge industrial o vasto património é quase inexistente, devoluto ou em ruínas, tornando-se assim numa zona com fortes dissonâncias e grandes vazios urbanos.

A escolha deste território surge da oportunidade de revitalizar um lugar dotado de um património natural significativo, sustentado num processo de intervenção minimalista e que valoriza a identidade e a memória do lugar. A componente chave da oportunidade enunciada, corresponde à possibilidade de criação de novos usos, quer para os vazios urbanos quer para os edifícios existentes a reabilitar.

A proposta incide na zona ribeirinha de Alburrica, tendo como objetivo a reabilitação da Quinta do Braamcamp e do Moinho de maré, assim como a dinamização de atividades desportivas, recreativas tornando este lugar com cariz turístico e consequente desenvolvimento económico local. A valorização das zonas verdes existentes consiste na conceção e otimização das acessibilidades dentro do local de intervenção assim como a sua ligação com o centro da cidade do Barreiro através de percursos em palafita.

## PALAVRAS CHAVE

Reabilitação | Memória | Paisagem | Turismo | Margem | Palafita



## ABSTRACT

In Portugal, the Industrial Period was one of the main drivers of urban growth and development. In the middle of the nineteenth century, with the acceleration of the industrialization, the village of Barreiro becomes an industrial center for the rest of the country. However, after several years of industrial boom the vast heritage is almost nonexistent, empty or in ruins making it an area of great asymmetries and marked by large urban voids.

The choice of this territory arises from the opportunity of revitalizing a place endowed with a significant natural heritage, in a sustainable way and through a process of minimal intervention and that values the identity and memory of the place. The key component of this opportunity concerns the possibility of creating new uses, both for the urban voids and for the existing buildings being rehabilitated.

The proposal focuses on the riverside area of Alburrica, aiming at the rehabilitation of the Quinta do Braamcamp and its Tide Mill, as well as the promotion of sports and recreational activities, making this place a tourist destination and, consequently, fostering local economic development. The enhancement of existing green areas consists of the design and optimization of accessibilities within the intervention site, as well of its connection with the center of the city of Barreiro through stilt routes.

## KEYWORDS

Rehabilitation | Memory | Landscape | Tourism | Waterfront |  
Wood stilt routes



# ÍNDICE

AGRADECIMENTOS	III
RESUMO	V
ABSTRACT	VII
ÍNDICE	IX
ÍNDICE DE FIGURAS	XI
<b>1   INTRODUÇÃO</b>	<b>1</b>
1.1   OBJETO	2
1.2   OBJETIVOS	3
1.3   METODOLOGIA	5
<b>2   O LUGAR (DA TERRA)</b>	<b>7</b>
2.1   LOCALIZAÇÃO GEOGRÁFICA	8
2.2   ENQUADRAMENTO HISTÓRICO	10
2.3   DEMOGRAFIA	12
2.4   ANÁLISE S.W.O.T.	14
<b>3   À MARGEM (DA ÁGUA)</b>	<b>17</b>
3.1   FRENTE DE ÁGUA	18
3.1.1   ESTUÁRIO DO TEJO	22
3.2   PAISAGEM E TERRITÓRIO	24
3.2.1   ALBURRICA	26
3.3   PALAFITA E PERCURSOS	28
3.4   PLANOS ESTRATÉGICOS: ALBURRICA	30
<b>4   MEMÓRIAS À MARGEM</b>	<b>33</b>
4.1   MEMÓRIA E IDENTIDADE	34
4.2   REABILITAÇÃO	38
4.2.1   MEMÓRIA DA TERRA (QUINTA BRAAMCAMP)	40
4.2.2   MEMÓRIA DO MAR (MOINHO DE MARÉ)	45
4.4   TURISMO	49
4.4.1   TURISMO INDUSTRIAL	53
<b>5   CASOS DE ESTUDO</b>	<b>57</b>
5.1   The Waterhouse at South Bund, Shanghai	58
5.2   La Purificadora Hotel, México	62
5.3   Cabanas no Rio, Portugal	66
5.4   El Pintado Tidal Mill, Espanha	70

5.5   Hostal Ritoque, Chile	74
<b>6   PROJETO</b>	<b>79</b>
6.1   Introdução	80
6.2   Descrição de Projeto	82
6.3   Partido Conceptual	84
6.4   Partido Funcional	85
<b>7   CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>90</b>
<b>8   BIBLIOGRAFIA</b>	<b>93</b>
<b>9   ANEXOS</b>	<b>99</b>

## ÍNDICE DE FIGURAS

Fig. 1 | Mapa de Portugal, localização do Barreiro

in <

Fig. 2 | Mapa de freguesias do Concelho do Barreiro

in <<https://www.idealista.pt/comprar-casas/barreiro/mapa>>

Fig. 3 | Brasão da Cidade do Barreiro

In<<http://www.ngw.nl/arms/websites/Portugal/www.fisicohomepage.hpg.ig.com.br/br.htm>>

Fig. 4 | Vista aérea do Estuário do Tejo in “Trienal de Arquitectura de Lisboa 2007: Vazios urbanos”. Lisboa, 2007 p.153

Fig. 5 | Mapa do Barreiro de 1816

in <https://patrimoniobarreiro.files.wordpress.com/2012/06/barreiro.jpg>

Fig. 6 | Mapa de 1902

Fig. 7 | Mapa de 1993

Fig. 8 | Igreja de Nossa Senhora da Graça

in <https://www.rostos.pt/inicio2.asp?cronica=15000744>

Fig. 9 | Convento De Madre Deus da Verderena

in <https://lifecooler.com/artigo/atividades/convento-madre-de-deus-da-verderena/433681>

Fig.10| Vista parcial da Vila do Barreiro in “O Barreiro Antigo e Moderno: As outras Terras do Concelho” Barreiro, 1963

Fig.11 | Evolução da população residente, entre 1940 e 2011 dados do INE

Fig. 12 | Variação populacional, nos períodos 2001/2011 e 1991/2011 dados do INE

Fig. 13 | População residente por freguesia, em 2011, e taxa de variação populacional entre 2001/2011 dados do INE

Fig. 14 | Estrutura etária, por grandes grupos etários, por freguesia, em 2001, dados do INE

Fig. 15 | Pirâmide etária do concelho 1991-2001 e 2001-2011 dados do INE

Fig. 16 | Vista sobre Lisboa em 1598 in Historic Cities 2009

Fig. 17 | Arqueologia naval do Barreiro on revista “Um olhar sobre o Barreiro” nº5, 1987

Fig. 18 | Muleta de Pesca in revista "Um olhar sobre o Barreiro"

Fig. 19 | Composição fotográfica de Alburrica, Fotografia da autora 2018

Fig. 20 | Estratégia de Acção do programa da candidatura REPARA (Regeneração Programada da Área Ribeirinha de Alburrica) 2009, pág. 92

Fig. 21 | Composição fotográfica da Quinta Braamcamp, Fotografia da autora 2018

Fig. 22 | Composição fotográfica da Quinta Braamcamp, Fotografia da autora 2018

Fig. 23 | *Composição fotográfica do Moinho de Maré da Quinta Braamcamp, Fotografia da autora 2018*

Fig. 24 | The Water house ate South Bund, autor: Pedro Pegenaute

in <https://www.archdaily.com/263158/the-waterhouse-at-south-bund-neri-hu/5029c8a528ba0d256100008f-the-waterhouse-at-south-bund-neri-hu-photo>

Fig. 25 | Idem

Fig. 26 | Idem

Fig. 27 | Idem

Fig. 28 | Idem

Fig. 29 | The Water house ate South Bund, desenhos de Neri&Hu and Research Office in <https://www.archdaily.com/263158/the-waterhouse-at-south-bund-neri-hu>

Fig. 30 | Idem

Fig. 31 | Idem

Fig. 32 | Idem

Fig. 33 | La Purificadora Hotel, desenhos de LEGORRETA + LEGORRETA

Fig. 34 | idem

Fig. 35 | Idem

Fig. 36 | Idem

Fig. 37 | Idem

Fig.38 | La Purificadora Hotel, desenhos in: <https://www.archdaily.com/22243/la-purificadora-hotel-legorreta-legorreta>

Fig.39 | Idem

Fig.40 | Idem

Fig. 41 | Cabanas no Rio, autor: Nelson Garrido in <https://www.archdaily.com/428310/cabanas-no-rio-aires-mateus>

Fig. 42 | Idem



Fig. 43 | Idem

Fig. 44 | Idem

Fig.45 | Maquetes das Cabanas no Rio, de Aires Mateus

Fig.46 | Cabanas no Rio, autor: Nelson Garrido

Fig.47 | Cabanas no Rio, desenhos in  
<https://www.archdaily.com/428310/cabanas-no-rio-aires-mateus>

Fig.48 | Idem

Fig. 49 | El Pintado Tida Mill, autor: Fernando Alda Calvo

in <https://www.archdaily.com/200309/el-pintado-tidal-mill-manuel-fonseca-gallego-javier-lopez-ramon-pico>

Fig. 50 | Idem

Fig.51 | Idem

Fig. 52 | El Pintado Tida Mill, desenhos de Manuel Fonseca Gallego,  
Javier López , Ramón Pico

Fig. 53 | Idem

Fig.54 | Idem

Fig. 55 | Hostal Ritoque, autor: Juan Durán Sierralta in  
<https://www.archdaily.com/501330/hostal-ritoque-alejandro-soffia>

Fig. 56 | Idem

Fig. 57 | Hostal Ritoque, desenhos de Architects Gabriel Rudolphy,  
Alejandro Soffia in <https://www.archdaily.com/501330/hostal-ritoque-alejandro-soffia>

Fig. 58 | Idem

Fig. 59 | Idem

Fig.60 | Idem



## 1 | INTRODUÇÃO

## 1.1 | O OBJETO

O presente trabalho surgiu da potencialidade de um lugar que manifesta francas qualidades patrimoniais e paisagísticas, para as quais se revela premente requalificar/revitalizar, através de um processo de intervenção minimalista e que procure valorizar e preservar o *Genius Loci* do lugar. A questão colocada foi, assim, como reabilitar e intervir de forma a respeitar a estrutura já existente e toda a história que caracteriza o lugar bem como as suas distintas ocupações e vivências carregadas de memórias.

O território a intervir está localizado na zona ribeirinha da cidade do Barreiro, e denomina-se Alburrica, uma área natural que acolhe várias atividades como a piscatória, a industrial, a moageira, e a náutica, onde, parte delas se encontram em declínio atualmente.

Circunscrito por esta envolvente está o principal objeto temático do presente trabalho final: consiste na (re)utilização da Quinta Braamcamp e o seu moinho de maré, um lugar histórico e herança de um passado recente, colocando assim a problemática de como atrair a população dos centros urbanos para Alburrica e devolver este território à população contribuindo para o renascimento de um lugar deixado à margem.

## 1.2 | OBJETIVOS

Procura-se uma estratégia de reabilitação das ruínas da Quinta do Braamcamp, assim como do Moinho de maré, e um melhoramento da zona de habitação piscatória de modo a promover novas soluções e oportunidades em espaços já existentes.

Pretende-se dinamizar atividades desportivas e recreativas incrementando assim a economia local. Também neste sentido, é âmbito do projeto a valorização das zonas verdes existentes e a criação/otimização das acessibilidades dentro do local de intervenção assim como a sua ligação com o centro da cidade do Barreiro.

De um modo a materializar esta visão, propõe-se a criação de um complexo de carácter hoteleiro e recreativo, criando assim espaços de lazer e permanência, assim como, zonas de interação com a comunidade. Esta proposta procura intervir a nível arquitetónico e urbano preservando sempre o carácter natural do lugar salvaguardando que a proposta de projeto não tenha apenas um carácter turístico.

Na proposta de intervenção recorrer-se-á à utilização de uma estrutura palafítica a assentar num lugar, de carácter natural, com diferentes valências programáticas na inserção de um novo edifício e na reestruturação das pré-existências.

Revela-se também importante analisar os planos e propostas da Câmara Municipal do Barreiro para Alburrica e dessa forma conhecer assim as suas estratégias de modo a executar um projeto que prossiga os objetivos desta Câmara Municipal.

Para este processo, é envolvida uma análise S.W.O.T aprofundando as oportunidades, ameaças, forças e fraquezas do local para que se possa depois potencializar os aspetos positivos e minorizar os negativos.

O objetivo deste trabalho centra-se no aproveitamento de um lugar, relegado ao abandono, e que por apresentar potencialidades paisagísticas é possível requalificar incrementando novos usos que poderão ser usufruídos pela população residente e por outros em demanda turística.

### 1.3 | METODOLOGIA

O processo de trabalho iniciou-se com uma investigação e análise do lugar, e será composto em duas partes, a primeira de carácter teórico, na forma de uma dissertação e a segunda materializada no desenvolvimento do projeto onde estão sobrepostos os conceitos desenvolvidos na investigação teórica.

Numa primeira fase, o procedimento passou pelo levantamento de documentos históricos, topográficos, hidrográficos e da evolução da malha urbana, usos, estado de conservação dos edifícios e análise de dados em instituições como a Câmara Municipal do Barreiro, Bibliotecas e Arquivos.

Depois da recolha cartográfica e bibliográfica existiu a necessidade de levar a cabo levantamentos no local à mão e em suporte fotográficos. Após a evolução das análises trabalhou-se em paralelo a componente prática começando por definir-se primeiramente o projeto urbano e posteriormente o projeto arquitetónico.

A Investigação e análise de casos de estudo com programas e/ou contextos semelhantes foi necessária para fundamentar a intervenção prática, servindo os mesmos como referências arquitetónicas. Ao nível da reabilitação foi importante realçar o estado dos elementos existentes, não só as ruínas da Quinta do Braamcamp, bem como, a análise dos elementos patrimoniais classificados, como é o caso do moinho de maré.





## **2 | O LUGAR**

2.1 | LOCALIZAÇÃO GEOGRÁFICA

2.2 | EVOLUÇÃO HISTÓRICA

2.3 | DEMOGRAFIA

2.4 | ANÁLISE S.W.O.T.

## 2.1 | LOCALIZAÇÃO GEOGRÁFICA

*Comecemos pelo Primo Basílio.*

*Quando Sebastião, numa quente manhã de verão de finais do século XIX (por volta de 1878), acompanhou Jorge ao Barreiro e ao transporte que o levaria ao Alentejo, em trabalho, de visita às minas, foi junto a Alburrica que ambos desceram do vapor, fazendo a pé, pelo areal, o caminho até à Estação Ferroviária do Barreiro, início da Linha do Alentejo. Ambos viram o conjunto moageiro de Alburrica, a praia, a Quinta do Braamcamp, o moinho de vento gigante do Barão do Sobral. Ambos, seguramente, comentaram a beleza do local, o início da outra banda, a imponência dos moinhos, o desconforto da ligação entre o vapor e o comboio. (...)¹*

Localizado no Distrito de Setúbal, mas apenas a 6km da baixa pombalina e com uma população de cerca de 78000 habitantes, o concelho do Barreiro cobre uma área com cerca de 36.41 Km<sup>2</sup> na margem Sul do Estuário do Rio Tejo. Parte integrante da área Metropolitana de Lisboa e é subdividida em 4 freguesias: União das freguesias do Alto do Seixalinho, Santo André e Verderena, pela União das Freguesias do Barreiro e Lavradio, União das Freguesias de Palhais e Coina e Freguesia de Santo António da Charneca. A sede do concelho é uma cidade com grande potencial, com vários pontos focais e geradores de dinâmicas, subordinados à localização de diferentes atividades económicas do ramo industrial, circunscritas por áreas habitacionais, onde se inclui a zona histórica.



Fig. 1- Localização geográfica

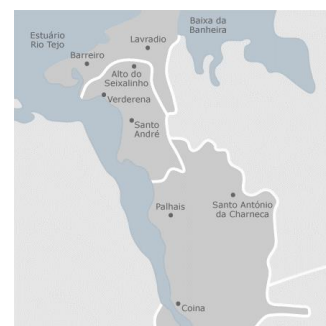


Fig. 2- Concelho do Barreiro

<sup>1</sup> Câmara Municipal do Barreiro – CMB Autorização de aquisição da Quinta Braamcamp (consultado a 2 de Dezembro de 2017) Disponível na internet: <[https://www.cm-barreiro.pt/uploads/document/file/3486/Delib.373\\_2015\\_GP\\_DGFP\\_AQUISICAO\\_QUINTA\\_BRAANCAMP.pdf](https://www.cm-barreiro.pt/uploads/document/file/3486/Delib.373_2015_GP_DGFP_AQUISICAO_QUINTA_BRAANCAMP.pdf)>



Fig. 3- Brasão da Cidade do Barreiro



Fig. 4- Estuário do Tejo

A cidade banhada pelo Tejo alberga um importante terminal rodo-ferro-fluvial que permite a deslocação da população para as cidades próximas. Situando-se a 40Km de Lisboa, por ligação rodoviária, o seu acesso a Norte feito pela Ponte 25 de Abril ou pela Ponte Vasco da Gama, e a Sul pela autoestrada A2.

Ao longo dos anos o concelho do Barreiro teve um rápido crescimento demográfico, principalmente até ao final da década de 70, porém, após os anos oitenta já se fez sentir um abrandamento na demografia. Do ponto de vista macro territorial, o Barreiro, tal como todo o Distrito de Setúbal pertence à Região de Lisboa e Vale do Tejo, cuja a atividade económica é responsável pela maior fatia do PIB nacional.

*A Região de Lisboa e Vale do Tejo – RLVT, é uma Região de Polarização Metropolitana, de dimensão média em termos europeus. Pelos seus recursos naturais e produtivos, pela sua natureza de região-capital e dimensão económica, e pela sua privilegiada inserção geoestratégica, a RLVT é o motor do desenvolvimento do país e, potencialmente, uma das regiões europeias mais atrativas e competitivas. <sup>2</sup>*

<sup>2</sup> Câmara Municipal do Barreiro, (consultado a 9 Dez. 2017) Disponível em: <<https://www.cm-barreiro.pt/pages/611>>

## 2.2| EVOLUÇÃO HISTÓRICA

A história desta região remonta ao período da pré-história. Existem indícios que o Barreiro conta com uma ocupação humana há mais de 5 mil anos, nomeadamente vestígios do período paleolítico com cerca de três dezenas de milhares de anos, encontrados no cordão dunar da Ponta da Passadeira. Os artefactos encontrados tais como: mós manuais, machados e enxós em pedra polida remetem para a ocupação neolítica que explorava os recursos naturais como a pesca e a agricultura. No entanto a olaria foi considerada a atividade local mais importante nesse período, tendo sido recolhidos vestígios de fornos para a produção de peças cerâmicas. Ainda é possível ver parte destes na Praia do Lavradio, a Nordeste do Concelho, onde existem milhares de pequenos fragmentos cerâmicos. Muitas destas peças foram reconstruídas e expostas posteriormente no Museu de Arqueologia e Etnografia de Setúbal.

Ao longo dos séculos XV a XVII houve um grande aumento da atividade económica na Margem Sul do Rio Tejo, principalmente no concelho do Barreiro. Nesta época marcada pelos Descobrimentos, o vinho, a pesca, o sal, a moagem, a madeira, a lenha eram os principais bens materiais que este lado a Sul do Estuário poderia oferecer aos centros comércio de Lisboa.

*A existência de infraestruturas de produção como o Complexo Real de Vale de Zebro (sécs. XV a XIX), o Estaleiro Naval da Telha (finais do séc. XV), o Forno Cerâmico da Mata da Machada (sécs. XV/XVI), constituem testemunhos de um passado em que várias especializações funcionais se congregaram, trazendo para esta região gentes de diversos e muitos saberes. Aqui encontramos profissões como carpinteiros de machado,*



Fig. 5- Mapa 1816



Fig. 6- Mapa 1802



Fig. 7- Mapa 1993

*calafates, lapidários de diamantes, marinheiros, feitores, almoxarifes, biscouteiros, entre muitos outros.*<sup>3</sup>



*Fig. 8- Igreja de  
Nossa Senhora da  
Graça de Palhais*



*Fig. 9- Convento da  
Madre de Deus da  
Verderena*



*Fig. 10- Vista  
parcial da Vila do  
Barreiro*

Como memória edificada dessa época há a registar o portal manuelino da antiga Ermida de S. Sebastião, a Igreja de Palhais (Monumento Nacional desde 1922) e o Convento da Madre de Deus da Verderena, alguns dos exemplos da arquitetura Manuelina deixada como testemunho da expansão local. Estes e outros monumentos anteriormente referidos foram mandados construir por figuras ilustres da história de Portugal tais como, Álvaro Velho do Barreiro, autor do manuscrito sobre a viagem de Vasco da Gama à Índia, D. Francisca de Azambuja, esposa do cavaleiro Álvaro Mendes de Vasconcelos perecido na batalha de Alcácer Quibir, D. Francisco da Gama, filho do grande navegador D. Vasco da Gama, entre outros.

Mais tarde, o concelho do Barreiro assistiu à pela instalação de várias unidades fabris que ocupavam grandes áreas de implantação e que apresentavam bastante qualidade arquitetónica na época industrial. Muitas dessas unidades encontram-se desativadas, mas a sua qualidade na conceção e na construção está agora a ser valorizada, porém, outros edifícios já se encontram ao abandono, em ruínas e alguns foram demolidos.

<sup>3</sup> Câmara Municipal do Barreiro, (consultado a 12 Dez 2017) Disponível em: <<https://www.cm-barreiro.pt/pages/839>>

## 2.3 | DEMOGRAFIA

A Área Metropolitana de Lisboa agrega dezoito concelhos, sendo o concelho do Barreiro o décimo segundo mais populoso com 78764 habitantes (segundo censos 2011, INE). Ao longo dos anos a população do Barreiro contou com grandes períodos de crescimento, inicialmente em 1940 havia cerca de 25000 habitantes e, nos vinte anos seguintes houve um aumento de cerca de 10000 habitantes. Posteriormente, entre a década de 60 e a década de 80 houve um acréscimo populacional elevado, tendo aumentando em cerca de 50000 o número de habitantes no Barreiro. Este crescimento demográfico ocorreu devido ao apogeu industrial que se fez sentir na cidade e que levou pessoas de outras zonas do País a fixar-se no Barreiro à procura de trabalho e de melhores condições de vida.

No ano de 1981, o Barreiro atingiu o seu pico populacional com cerca de 88052 residentes, porém nos anos seguintes essa tendência foi contrariada, sendo o único concelho do distrito de Setúbal a registar um decréscimo populacional. Entre 2001 e 2011 a percentagem de variação da população é quase nula (-0,3%) sendo este período caracterizado pela estagnação.

Em comparação com o País e com a região de AML<sup>4</sup> e da Península de Setúbal, o Barreiro regista uma dinâmica populacional oposta a estas, marcada por um valor de crescimento populacional negativo.

Das outras áreas analisadas destaca-se a Península de Setúbal com uma variação populacional positiva de 21,7%. Ainda no que concerne à demografia, o concelho do Barreiro, apresenta acentuadas disparidades na distribuição da população, e respetiva representatividade etária, pelas suas freguesias:

<sup>4</sup> AML- Abreviatura para Área Metropolitana de Lisboa, que engloba 18 municípios da Grande Lisboa e da Península de Setúbal

A freguesia do Alto do Seixalinho regista a maior concentração populacional do concelho em contraste com as freguesias de Coina e Palhais que agregam um menor número de habitantes.

A estrutura etária no concelho do Barreiro apresenta contrastes interessantes, onde a freguesia de Palhais é a mais jovem, e a freguesia de Verdena e do Barreiro a mais envelhecida (segundo os censos 2011, INE). Nas últimas décadas, o Barreiro apresenta grandes sinais de envelhecimento com 9% dos residentes com 75 ou mais anos. O grupo dos jovens apresenta um crésimo de 1% entre 1991 e 2011 o que é insuficiente para compensar a dinâmica de envelhecimento. Contudo, a população adulta (dos 25 aos 64 anos) regista 57,6% dos habitantes que representa a maioria da população residente.

Em comparação com o País e as regiões da AML e da Península de Setúbal, o Barreiro regista uma percentagem de envelhecimento mais alta resultante da diminuição da natalidade e o aumento da esperança média de vida.

Apesar da predominância feminina, a distribuição por sexos no Barreiro pode considerar-se uniforme, ou seja, o número de homens é aproximadamente igual ao número de mulheres residentes no concelho.

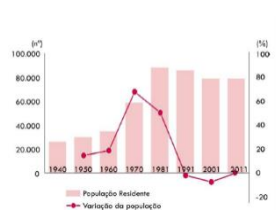


Fig. 11- Evolução da pop. Residente

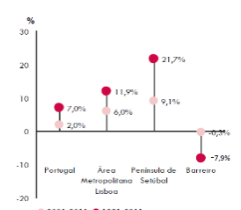


Fig. 12- Variação Populacional

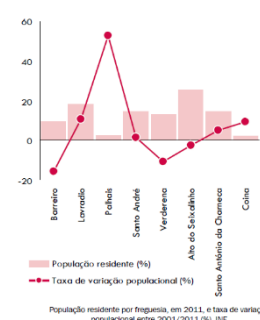


Fig. 13- População residente por Freguesia

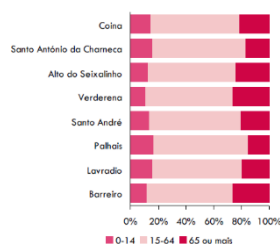
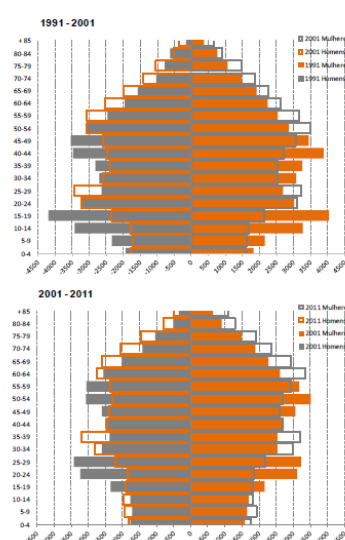


Fig. 14- Estrutura Etária1



Pirâmide etária do concelho 1991-2001 e 2001-2002 - INE

Fig. 15- Pirâmide etária

## 2.4 | ANÁLISE S.W.O.T

### 2.4.1 | CONECTIVIDADE

FORÇAS	FRAQUEZAS	OPORTUNIDADES	AMEAÇAS
Ligação com Lisboa (barco)	Margem ribeirinha fragmentada	A Existência de Vazios urbanos para a possível intervenção e coesão da cidade	Muitos limites e barreiras impostas pela cidade isolando várias zonas da cidade
Diversidade de transportes (barco, comboio, autocarro)	Descontinuidade dos eixos de ligação	Localização favorável para a ligação entre outras frentes de água	Decréscimo populacional devido à fraca relação com as cidades próximas
Cidade plana (o que facilita a circulação pedonal e ciclável)	Barreiras na circulação pedonal e automóvel entre o centro do Barreiro e a freguesia de Verdena		
	Afastamento de pontes provenientes de Lisboa, limitando assim o acesso automóvel direto e consequente afastamento da população		

### 2.4.2 | ECONOMIA

FORÇAS	FRAQUEZAS	OPORTUNIDADES	AMEAÇAS
Localização estratégica no desenvolvimento de novas atividades económicas	Fracas zonas comerciais, empresariais e turísticas	Zonas propícias a atividades piscatórias e náuticas	Encerramento de muitos postos de trabalho e consequente perda de população
	Fraca oportunidade de emprego		
	Zonas industriais devolutas e desativadas		



### 2.4.3 | EDIFICADO

FORÇAS	FRAQUEZAS	OPORTUNIDADES	AMEAÇAS
Rendas das casas mais baixas em comparação com a cidade de Lisboa	Edifícios devolutos e/ou em ruínas no centro histórico  Falta de equipamentos públicos	Possibilidade de novos usos para vazios urbanos e edifícios existentes	Usos urbanos desconectados  Apropriação ilegal dos edifícios devolutos

### 2.4.4 | PAISAGEM

FORÇAS	FRAQUEZAS	OPORTUNIDADES	AMEAÇAS
Forte sistema de vistas para Lisboa, Seixal e Estuário do Tejo	Carência de estruturação dos espaços públicos e zonas verdes  Falta de interação direta com o rio Tejo  Falta de tratamento das águas das lagoas de Alburrica	Vazios urbanos favoráveis à criação de zonas verdes  Atenuar as barreiras físicas dentro da cidade com corredores verdes  Utilização das lagoas de Alburrica para fins de lazer e de desporto.	Imagem da cidade do Barreiro decadente e pouco chamativa



## **3 | À MARGEM (DA ÁGUA)**

### **3.1 | FRENTE DE ÁGUA**

#### **3.1.1 | ESTUÁRIO DO TEJO**

### **3.2 | PAISAGEM E TERRITÓRIO**

#### **3.2.1 | ALBURRICA**

### **3.3 | PALAFITA E PERCURSOS**

### **3.4 | PLANOS ESTRATÉGICOS: ALBURRICA**

### 3.1 | FRENTES DE ÁGUA

Em tempos passados, o mar foi a ponte de ligação de comércio entre as cidades, mas também representava o medo do desconhecido como verificamos no canto V na obra *Os Lusíadas* de Luís de Camões, onde, entre outros é incitado o medo através da personificação de monstros marinhos que mais tarde é superado.

*37 Porém já cinco Sóis eram passados  
Que dali nos partíramos, cortando  
Os mares nunca d'outrem navegados,  
Prosperamente os ventos assoprando,  
Quando ua noite, estando descuidados  
Na cortadora proa vigiando,  
Ua nuvem que os ares escurece,  
Sobre nossas cabeças aparece.*

*38 Tão temerosa vinha e carregada,  
Que pôs nos corações um grande medo;  
Bramindo, o negro mar de longe brada,  
Como se desse em vão nalgum rochedo.  
- «Ó Potestade (disse) sublimada:  
Que ameaço divino ou que segredo  
Este clima e este mar nos apresenta,  
Que mor cousa parece que tormenta?»<sup>5</sup>*

Na maioria das cidades houve sempre uma relação direta entre a água e a terra, seja entre a cidade e o rio, mares, lagoas e baías. As margens de água cedo se classificaram como a porta marítima de entrada nos aglomerados populacionais, e rapidamente se definiram como ponto de partida para a estruturação destes. Os portos e cais, considerados como as portas das cidades, acabaram por se tornar os alicerces destas e foram os pontos fulcrais do desenvolvimento das atividades económicas, industriais e comerciais.

<sup>5</sup> CAMÕES, Luís Vaz de – *Os Lusíadas*. Canto V, Episódio: O Gigante Adamastor (V 37 e 38) 1572

Essas áreas portuárias foram progressivamente deslocadas e desativadas originando assim a perda de importância dos espaços da margem ribeirinha e dando lugar a áreas poluídas, desabitadas e deterioradas.

Contudo, no final do séc. XX existiu uma tentativa de recuperação das frentes de água mais degradadas e deixadas ao abandono tentando promover assim as cidades com espaços lúdicos e de estar para os aglomerados populacionais.

A relação e a proximidade com a água sempre foram a característica principal do desenvolvimento das cidades desde os primórdios da civilização. Os espaços perto das margens começaram a ser ocupados porque reuniam um conjunto de recursos necessários para que essa zona se tornasse o ponto inicial do desenvolvimento das cidades. Algumas dessas características eram a localização estratégica, o clima, as qualidades do solo e a ligação direta e física desses pontos com outras zonas e cidades.

*As mesmas margens, às vezes praias, enseadas, espaços abertos, já tiveram também muralhas, fortes, atalaias, já foram barreiras defensivas da cidade fortaleza. Os mesmos rios ou lagos que umas vezes separaram, defenderam, marcaram os limites da expansão dos assentamentos urbanos, foram, antes ou depois, o elemento de ligação entre as duas margens ou a origem e o destino de relações longínquas.<sup>6</sup>*

A frente ribeirinha é um lugar que estabelece uma ligação direta com um corpo de água que delimita o território. O tipo de percurso hidrográfico pode ter diferentes características, usos e dimensões e por isso podemos classifica-lo como lago, rio, mar ou canal e tendo em conta as suas formas e usos na paisagem podemos classifica-los como porto, cais, praia baía, zona ribeirinha entre outras.

<sup>6</sup> PORTAS, Nuno - *Cidades e Frentes de Água/Cities and Waterfronts*. Centro de Estudos FAUP, Porto. 1998, p.6

Com o início da Revolução industrial e a introdução da máquina a vapor e dos caminhos de ferro, as cidades começaram a alastrar-se progressivamente até às zonas portuárias, sendo um fator de desenvolvimento destas zonas e possível extensão para além dos limites da cidade. No século XX com o aumento das cidades para as periferias as frentes de água acabaram por entrar em esquecimento e em alguns casos foram criadas barreiras físicas de proteção a evitar a ocupação dos armazéns e edifícios de fábricas localizados nessas zonas.

Em 1963, James Bird<sup>7</sup> concebeu um modelo que divide em três partes as relações entre os portos e a cidades, sendo elas: estabelecimento, expansão e especialização. A primeira fase corresponde à criação da zona portuária e ao início das atividades nela inseridas. A segunda fase, de expansão, marca os avanços e as mudanças realizadas pela Revolução Industrial. E a última fase corresponde à evolução económica e tecnológica dos espaços industriais localizados nas margens da cidade, o fim desta fase marca também o início do abandono e degradação destes.

A reabilitação das frentes ribeirinhas é um processo geral que tem vindo a aumentar cada vez mais os programas e propostas urbanas e paisagísticas para as zonas ribeirinhas das cidades. Este processo demonstra uma modernização e uma reafirmação da identidade dos lugares assim como um melhoramento dos transportes marítimos e fluviais.

A água é o elemento fulcral desta intervenção devido à relação de Alburrica com o estuário do Tejo e por isso, independentemente da criação de novos espaços estes podem induzir o sentido do lugar.

<sup>7</sup> BIRD, James – The Major Seaports of the United Kingdom. Hutchinson 1963

Este lugar tem programas de reabilitação e renovação concedendo um sentido de adaptação por parte da população local e dos visitantes. As intervenções devem garantir qualidade arquitetónica e paisagística e o local deve ser acessível física e visualmente. O espaço deve ser dotado de um conjunto de serviços e deve também preservar e fortalecer as espécies e habitats ribeirinhos. A estratégia visa dar à cidade novas centralidades e novas dinâmicas na reconversão do seu património industrial e ribeirinho inserindo cultura, turismo e lazer.



Figura 16- Vista Sobre Lisboa 1598

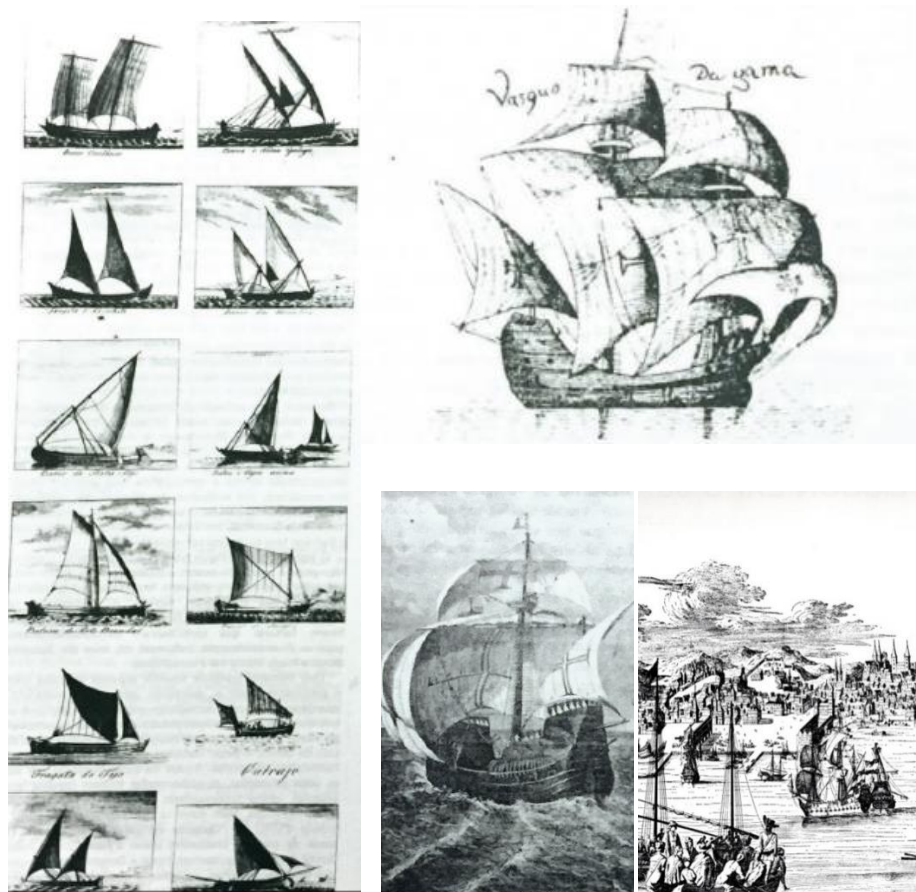


Figura 17- Arqueologia naval do Barreiro

### 3.1.1 | ESTUÁRIO DO TEJO

*Ó mar salgado, quanto do teu sal  
São lágrimas de Portugal!  
Por te cruzarmos, quantas mães choraram,  
Quantos filhos em vão rezaram!  
Quantas noivas ficaram por casar  
Para que fosses nosso, ó mar!*

*Valeu a pena? Tudo vale a pena  
Se a alma não é pequena.  
Quem quer passar além do Bojador  
Tem que passar além da dor.  
Deus ao mar o perigo e o abismo deu,  
Mas nele é que espelhou o céu.<sup>8</sup>*

O rio Tejo, caracterizado como o Rio mais extenso da Península Ibérica, tem origem em Espanha na Serra de Albarracín, com uma extensão de cerca de mil quilómetros, e desagua por fim no Oceano Atlântico formando o imponente estuário do Tejo com características muito particulares de domínio marinho. O estuário do Tejo pode dividir-se em 3 zonas distintas (Mouchões, Mar de Palha e o Estreito Gargalo) e compõe um enorme ecossistema que alberga crustáceos, moluscos e vertebrados. As margens do estuário foram sendo palco de inúmeras atividades relacionadas com as artes da pesca, a produção de bivalves e a extração de sal.

Apesar da sua grande importância portuária, o estuário do Tejo não canalizou apenas as suas aptidões de conexão com Lisboa e todo o País, mas também permitiu o transporte de matérias-primas e produtos para o Mundo. O desenvolvimento do grande porto estuarino foi aumentando progressivamente na zona de Lisboa, porém a área designada hoje de Margem Sul começou a ganhar dimensões desenvolvendo assim também a sua frente ribeirinha devido à

<sup>8</sup> PESSOA, Fernando – *Mensagem*. Poema X Mar Português. 1934



evolução do povoamento do território. Para esta evolução, a criação de núcleos destinados à cabotagem foi essencial, de onde se destaca o esteiro de Coina, com grande importância na época dos Romanos que permitia a ligação (por água) até Azeitão. O rio Coina nasce no Parque Natural da Arrábida e desagua no Rio Tejo, ao longo do Barreiro. A ribeira tem uma forte ligação naval e industrial na época dos descobrimentos devido à construção das Naus, Caravelas e moinhos de maré nas suas margens. Décadas mais tarde, devido à excessiva afluência de população e matérias primas foi construída a estação ferro-fluvial do Barreiro, em 1884, que possibilitava maior facilidade de deslocação entre as diferentes margens.

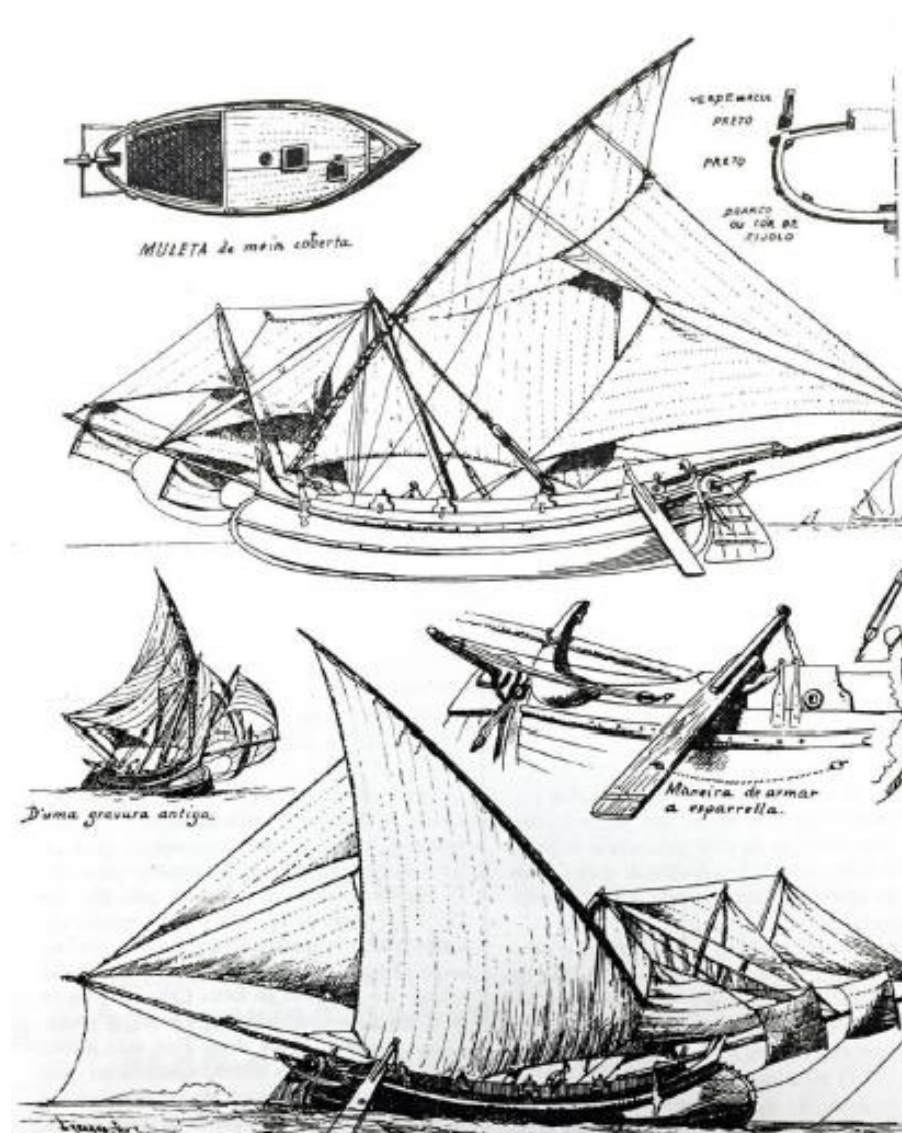


Figura 18- Muleta de Pesca

### 3.2 | PAISAGEM E TERRITÓRIO

*A palavra “Paisagem” deriva do latim pagus que significa território cultivado. Desta, sobrevieram semelhanças nas diversas línguas: em francês paysage, com o termo pays que significa pátria e o age (do latim agine) como a arte de ordenar o espaço em resposta às necessidades do Homem (Telles 2002)<sup>9</sup>*

A definição de paisagem até ao final séc. XVI era considerada apenas como o termo Lugar, que denotava um território com definição própria e características peculiares e só depois o conceito de paisagem começa a ser utilizado. A paisagem surge primeiramente na temática da Arte como base das pinturas holandesas e mais tarde evoluiu para o período renascentista. Com a evolução do estudo da natureza, a partir do séc. XX a paisagem passa a ter um carácter globalizante pois, é vista como a interação entre o Homem e o meio ambiente.

*De acordo com MAGALHÃES (2007), o significado de Paisagem evoluiu de um objecto de essência própria, para um que tem de ser interpretado e descodificado de modo a identificar aquilo que não é visível – a pele do mundo.<sup>10</sup>*

Assim, ao aproveitar os recursos fundamentais à sobrevivência, a paisagem resulta da ocupação do Homem e do potencial do território. Por fim, existem fatores ecológicos que condicionam e modelam a paisagem, tais como: a morfologia do terreno, a geologia e litologia, o valor ecológico do solo, a fauna e flora associados ao clima, entre outros conjugados com os culturais, nomeadamente os patrimoniais. (MAGALHÃES, 2007).

<sup>9</sup> ROSA, Isabel; RIBEIRO, Ricardo - *O Desempenho da Paisagem enquanto Construção da Arquitetura de Tradição em Portugal The Landscape Performance as Conception of Architecture to Tradition in Portugal*. 2012 p.55

<sup>10</sup> Idem

A estruturação do território quando associada ao enquadramento paisagístico tem um efeito de Lugar (AUGÉ, 1992) e reflete o modo como o ser humano se apropriou e reapropriou dos recursos da terra transformando-os no seu *habitat* natural. Porém o paradigma entre a Paisagem e o Turismo orienta-se por um fenómeno que ultrapassa a segunda habitação e também é o resultado de uma crise económica global com base no recurso ao petróleo (KUNSTLER, 2006).

*É neste sentido que o Turismo de Natureza, de acordo com a Carta de Turismo Sustentável (EUROPARC, 2009), tornou-se uma prática que poderá reunir as condições necessárias para compatibilizar o desenvolvimento turístico e a preservação do património natural e cultural.<sup>11</sup>*

<sup>11</sup> ROSA, Isabel; RIBEIRO, Ricardo - *O Desempenho da Paisagem enquanto Construção da Arquitetura de Tradição em Portugal The Landscape Performance as Conception of Architecture to Tradition in Portugal*. 2012 p.56

### 3.2.1 | ALBURRICA

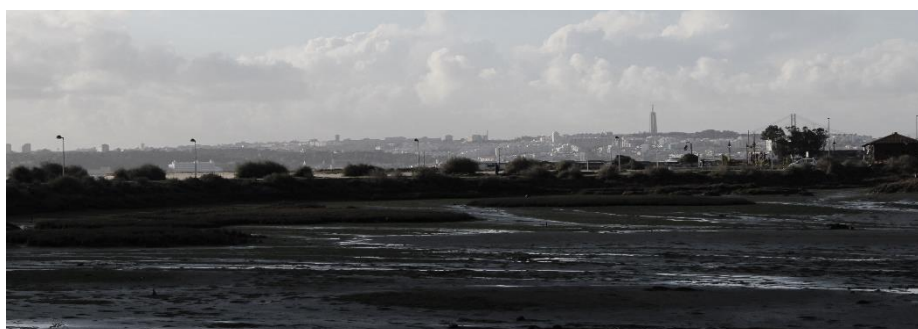
El paisaje de la naturaleza, sin las construcciones, no es más que un luminoso desierto; y es que todo el paisaje que hoy vivimos y conocemos es obra del hombre.<sup>12</sup>

A paisagem está em constante transformação, resultante não só dos métodos naturais, mas também dos processos antrópicos praticados sobre o território. Conhecendo a natureza do território é possível reconhecer as oportunidades e identificar as limitações. No Barreiro existem espaços, que devido à sua relevância ambiental, cultural e histórica foram essenciais na estruturação e desenvolvimento da cidade. A zona de maior valor paisagístico, cultural, histórico e patrimonial da cidade do Barreiro é Alburrica, de onde se destacam a Quinta de Braamcamp, os moinhos de maré e de vento e a Ponta do Mexilhoeiro.

Alburrica localiza-se a noroeste da cidade do Barreiro e é delimitada a Norte e Oeste pelo Estuário do Tejo e a Sul pelo seu afluente Rio Coina. O berço da cidade suportou as atividades ribeirinhas que sustentavam a população e criavam tradições de pesca e de moedura. Em 1960 corroborou-se o carácter histórico da forte ligação da população com o rio, devido à descoberta de vestígios arqueológicos de artefactos em basalto, calcário, granito e sílex. Originalmente, Alburrica era uma zona de forte produção de sal, porém os seus atributos locais eram mais propícios à atividade da indústria moageira. Assim surgem os variados moinhos de vento e de maré quer em Alburrica, quer ao longo do esteiro de Coina.

<sup>12</sup> ROSSI, Aldo – *Para una arquitectura de tendencia: escritos: 1956-1972*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili 1977, pág. 185

A zona mais natural da cidade do Barreiro já contou com uma grande indústria de cortiça, contudo hoje em dia pontuada por grandes vazios urbanos, edifícios em ruínas e outros devolutos. Apesar dos espaços deixados hoje ao abandono, o parque natural possui alojamentos para as gentes da pesca, uma escola náutica, um restaurante e alguns passadiços em palafita.



*Figura 19- Composição fotográfica de Alburrica*

### 3.3 | PALAFITA E PERCURSOS

*Construir sobre a água pode parecer uma ideia revolucionária, tecnicamente complexa e que remete para imagens futuristas de sofisticadas estruturas anfíbias. No entanto, estamos a falar de uma das tipologias mais antigas da Arquitectura vernácula<sup>13</sup>*

Uma das tipologias de arquitetura vernácula mais antigas converteu-se numa prática de construção bastante recorrente nos dias de hoje, apesar do seu aparecimento há cerca de mil anos, no período neolítico. Foram encontradas cerca de 250 povoações palafíticas na Suíça que desapareceram por volta do ano 800a.C. e são consideradas como as primeiras construções palafíticas até às tradicionais casas do Hemisfério Sul, desenvolvidas na América do Sul, África e Oceânia que representam uma ligação direta com a alimentação, proteção, comércio e transporte. A origem destas edificações está diretamente relacionada com as condições ambientais e a economia das culturas e é possível encontrar alguns dos seus vestígios na Europa apesar da sua concentração ser maior nas zonas mais tropicais por razões diretamente relacionadas com o clima: temperaturas altas, humidade e grandes chuvas.

A palafita sobre água era uma forma dos habitantes se protegerem dos animais e também das mudanças dos níveis das águas. Em Portugal e em Espanha há histórias e lendas de cidades inteiras em palafita que agora estão cobertas por água, mas é em Veneza que essas estruturas se tornaram a base de uma verdadeira cidade lacustre. No continente Asiático destaca-se a casa palafítica na Malásia, onde a estrutura que

<sup>13</sup> BAHAMÓN, Alejandro; ÁLVAREZ, Ana - *Palafita - Da Arquitectura Vernácula à Contemporânea*. 2009 p.

sustenta as plataformas das habitações é independente das plataformas de distribuição, e onde existe também uma aldeia palafítica com cerca de 30000 habitantes e uma extensão de cerca de 4000 edificações que alberga mercados, habitações, mesquitas, centros médicos e escolas. Em África não há muitas referências deste tipo de estruturas anfíbias, mas há uma designada de "Veneza Africana" localizada no sul de Benim, que se tornou uma grande atração turística com uma povoação com cerca de 25000 habitantes sobre um lago, que é composta por casas, hotéis, templos e restaurantes. Na Venezuela as primeiras estruturas em madeira eram colocadas a 1,50 metros a cima do nível das águas, e a cobertura era composta com folhas de Palma, no entanto hoje em dia, a estas habitações familiares foram sendo acrescentados novos materiais como estacas de betão e pranchas metálicas.

A arquitetura sobre água é utilizada desde o período neolítico até aos dias de hoje, a sua construção tem vindo a inovar ao longo dos anos desde a sua utilização por grupos indígenas até à sua utilização na arquitetura contemporânea. Algumas destas arquiteturas a cargo de Arquitetos de renome tiveram como base a construção vernácula das palafitas, como é o exemplo da casa *Farnsworth* do Arquiteto Mies Van Der Rohe construída nos Estados Unidos da América e a casa do Arquiteto Ronnie Tallon localizada na Irlanda, onde nestas versões é mantido o conceito e as características das edificações sobre a água e a sua disposição em conjuntos compactos.

*Muitos dos Arquitectos de hoje inspiraram-se na palafita, de forma consciente ou inconsciente, para a concepção de algumas das suas obras mais recentes*<sup>14</sup>

<sup>14</sup> BAHAMÓN, Alejandro; ÁLVAREZ, Ana - *Palafita - Da Arquitectura Vernácula à Contemporânea*. 2009, p24

### 3.4 | PLANOS E ESTRATÉGIAS

*(...)Assim tudo o que se fizer nesta área em termos urbanísticos, não pode desconhecer esta condição, este binário aglomerado-rio, tal como ao talhar um fato se não pode desconhecer o corpo a que o mesmo se destina. Em verdade, algo terá de ser feito nesta área tão sensível e, neste momento, em tão profundo estado de degradação. É urgente uma intervenção urbanística planificada que tenha em vista o superior interesse da população quanto a esta área vocacionada para seu lazer e repouso (desporto e cultura), intervenção que considera o equilíbrio ecológico e histórico que evidenciamos.<sup>15</sup>*

O Município do Barreiro, teve como grande objetivo ao longo dos anos a requalificação e regeneração de toda a sua frente ribeirinha. A criação de novas dinâmicas seria o ponto fulcral para a relação direta da população com o rio – “elemento natural que contrapõe à artificialidade dos elementos construídos da cidade.” (In REPARA) Surge assim um conjunto de ensaios e intervenções planeados pela C.M.B., onde alguns já estão concluídos e outros continuam em curso. Estes programas propõem novas dinâmicas locais a nível social, cultural e económico. Alguns dos planos têm início em 1993 e apresentam propostas desde a reabilitação dos moinhos, requalificação e repavimentação de percursos, eletrificação dos caminhos e obras particulares.

A estratégia mais recente é o projeto REPARA (Regeneração Programada da Área Ribeirinha de Alburrica) que foi produzido com o objetivo da regeneração das frentes ribeirinhas em conjunto com o programa POR Lisboa.

<sup>15</sup> PADRÃO, Cabeça – Um olhar sobre o Barreiro. Editor Augusto Pereira Viegas, Revista não periódica nº3 Dezembro de 1985, Barreiro p.9



Segundo a Câmara Municipal do Barreiro em 2010 o projeto prevê a reutilização de vários espaços tais como: a reconversão de moinhos de vento em bibliotecas, e ateliers de expressão plástica, a reconstrução e recuperação de muralhas dos antigos moinhos de maré, sistemas de produção de energia e atividades culturais e sociais nos moinhos de vento, reabilitação da produção de ostra portuguesa e de um centro de depuração de bivalves e por fim a reconversão de moinhos de maré em restaurantes.

A proposta dividiu-se em três fases, sendo a primeira a definição de objetivos gerais, a segunda objetivos específicos e por fim o programa de ação da intervenção. Assim, a candidatura REPARA destaca uma visão estratégica de valorização territorial com três pontos focais.

O primeiro ponto foca a dinamização turística, de lazer e identidade:

*Regeneração de uma área de valor simbólico e identitário do Município e da População do Barreiro. Projeção das características naturais, patrimoniais, paisagísticas, ecológicas, ambientais, lazer, produtivas e localização privilegiada no Estuário do Tejo. Pretende-se que a regeneração desta área passe pela incorporação de novas dinâmicas sociais e económicas ligadas ao turismo patrimonial/ cultural, natural, gastronómico, tecnológico e de lazer, as quais potenciarão a geração de externalidades positivas e a qualificação das áreas envolventes. (...)*<sup>16</sup>

<sup>16</sup> Programa de Acção REPARA – Candidatura para a regeneração Programada da Área Ribeirinha de Alburrica, Barreiro. Julho 2009 p. 87

Área com potencial de implementação de projeto exemplar no âmbito das energias renováveis e de produção de bivalves. Pretende-se criar e implementar um projeto sob o princípio de eficiência energética, sendo instalados vários sistemas de economia energética ao nível da iluminação pública e outras atividades, constituindo um exemplo na qualificação do espaço público, o qual beneficia da implementação de sistemas de economia energética. (...) <sup>17</sup>

Área com potencialidade endógena de promoção de atividade produtiva ligada à produção de Bivalves, ostra “*Crassostrea angulata*”. Esta atividade tornará possível a criação de emprego, e revitalização socioeconómica. As ações de qualificação dos apoios de pesca permitirão a inclusão social da comunidade piscatória tradicional.

(...)<sup>18</sup>



## **4 | MEMÓRIAS À MARGEM**

4.1 | MEMÓRIA E IDENTIDADE

4.2 | REABILITAÇÃO

4.2.1 | MEMÓRIA DA TERRA (QUINTA BRAAMCAMP)

4.2.2 | MEMÓRIA DO MAR (MOINHO DE MARÉ)

4.4 | TURISMO

4.4.1 | TURISMO INDUSTRIAL

## 4.1 | MEMÓRIA E IDENTIDADE

*Na verdade, quer os lugares da memória, quer as práticas mnemónicas apresentam-se como Loci da contestação. Onde os diferentes grupos se confrontam para conseguirem a veiculação das suas próprias versões da história. Como Olick e Robbins (1998) referiu, a contestação é uma questão central, quer da memória quer da identidade.<sup>19</sup>*

Segundo Maurice de Halbwachs existem dois tipos de memória, a autobiográfica e a memória histórica. A memória autobiográfica representa uma lembrança pessoal e vivida sob a influência do meio social e localizada temporalmente no presente, por outro lado a memória histórica refere-se a elementos do passado que o indivíduo não presenciou, porém passam a fazer parte da sua história. Em 1925 Halbwachs escreveu que os “quadros sociais da memória” só podem existir devido às lembranças que podemos ter do passado, por mais que estas se assemelhem ao resultado de pensamentos, experiências e sentimentos exclusivamente individuais. As nossas memórias são construídas através de momentos partilhados entre grupos sociais na realidade da sociedade que vivemos diariamente, ou seja, os indivíduos “como um só” não se lembram por eles mesmos, é necessário a memória de outros indivíduos para a confirmação ou negação das suas lembranças. O passado é lembrado através de uma imagem reconstruída localizado especificamente no espaço e no tempo, porém, como a imagem estabelecida é uma criação do presente há sempre uma distanciação entre a imagem criada e o passado autêntico.

<sup>19</sup> PERALTA, Elsa - *A memória do mar: Património, tradição e (re)imaginação identitária na contemporaneidade*. 2008, P. 62

A memória individual só é possível através de determinados elementos exteriores ao indivíduo, como as palavras e ideias recolhidas do meio social em que vivem:

*lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado.*<sup>20</sup>

A memória coletiva atua enquanto instrumento de reabilitação da arquitetura, valorizando os valores de identidade local em risco de esquecimento, recuperando a cultura através de reinterpretação do edificado.

*Não é uma simples harmonia e correspondência física entre o aspecto dos lugares e das pessoas. Mas cada objeto encontrado, e o lugar que ocupa no conjunto, lembram-nos uma maneira de ser comum a muitos homens, e quando analisamos este conjunto, fixamos nossa atenção sobre cada uma das suas partes, é como se dissecássemos um pensamento onde se confundem as relações de uma certa quantidade de grupos* <sup>21</sup>

O conceito de permanência é um elemento que segundo Aldo Rossi no livro *A Architectura da cidade* (1966) conecta a arquitetura do passado e a arquitetura contemporânea. Nas cidades notamos a existência da arquitetura e tal como uma estrutura espacial, a cidade é também caracterizada pela sua tipologia construtiva e pela sua morfologia urbana. Aldo Rossi define uma cidade através de vários conceitos base como *locus, tipo, memória e monumento*.

<sup>20</sup> BOSI, Ecléa - *Memória e sociedade: Lembranças de Velhos*. 2007, p. 55

<sup>21</sup> HALBWACHS, Maurice - *A Memória Coletiva*. (Tradução por Laurent Léon Schaffter), 1990, p.132

O tempo e a memória estão intimamente ligados estando em destaque na representação do *Locus*:

*(...) locus como um factor singular determinado pelo espaço e pelo tempo, pela sua dimensão topográfica e pela sua forma, por ser sede de vicissitudes antigas e novas, pela sua memória.*<sup>22</sup>

Para Aldo Rossi, conceder uma identidade material a um objeto não é sinónimo de construção. Construir é recordar a realidade da arquitetura, e por *lembrar* surge a definição de memória.

A memória é como um reconhecimento do passado, através dela confrontamos grupos sociais e adquirimos a individualidade. Ao reconhecer o lugar, consequentemente reconhecemos a sua própria identidade social. Segundo o autor, a memória coletiva surge como o *locus* da cidade e refere-se às imagens arquitetónicas que a integram. Estas imagens são conservadas ao longo do tempo e são uma alusão imprescindível para a percepção da cidade.

*É provável que este valor da história, entendida como memória colectiva, portanto como relação da colectividade com o lugar e com a ideia deste nos dê ou nos ajude a perceber o significado de estrutura urbana, da sua individualidade, da arquitectura da cidade que é a forma desta individualidade.*<sup>23</sup>

Para (re)estabelecer a capacidade cultural da arquitetura pode ser utilizado um instrumento de criação do desenho contemporâneo, designado de memória, quando interligado com a história.

<sup>22</sup> ROSSI, Aldo - *A arquitectura da cidade*. 2001, p.157

<sup>23</sup> ROSSI, Aldo - *A arquitectura da cidade*. 2001, p.193

O respeito das formas do passado é uma forma de conservar a imagem do presente, assim a continuidade da arquitetura depende da *memória* e das *permanências*.

As permanências podem ser grandes potenciais e fortes dinâmicas na cidade, assim como, podem ser prejudiciais para o espaço urbano, tornando-se estáticas e imóveis. O monumento é um exemplo privilegiado da *permanência* e uma realidade conseguida através da história e da memória. Segundo Rossi, a permanência de um monumento está plenamente interligada com o seu uso, e a sua função, que normalmente tem um cariz histórico e cultural respetivamente.

Em suma, Aldo Rossi considera que todas estas questões são elementares na conceção da arquitetura e para sintetizar tudo isso é necessário repensar a arquitetura como uma analogia, e esta é obtida através de um exercício de memória. Logo, a analogia como um procedimento projetual, que relacionado com a mente atua no presente conectando-se com a experiência pessoal de cada indivíduo através de um processo de observação e análise.

*Genius Loci é um conceito romano. De acordo com as crenças romanas qualquer ser "independente" tem o seu "genius", o seu espírito guardião. Este espírito dá vida às pessoas e aos lugares, acompanha-os do nascimento até à morte, e determina o seu carácter ou essência. Mesmo os Deuses têm o seu "genius", um facto que ilustra a natureza fundamental do conceito. O "genius" denota o que um objeto é ou o que quer ser- usando um termo de Luis Kahn.<sup>24</sup>*

<sup>24</sup> NOBERG-SCHULZ, Christian - *Genius Loci, Towards a Phenomenology of architecture*. 1984, p.18

## 4.2 | REABILITAÇÃO

*É uma estratégia de gestão urbana que procura requalificar a cidade existente através de intervenções múltiplas destinadas a valorizar as potencialidades sociais, económicas e funcionais a fim de melhorar a qualidade de vida das populações residentes; isso exige o melhoramento das condições físicas do parque construído pela sua reabilitação e instalação de equipamentos, infraestruturas, espaços públicos, mantendo a identidade e as características da área da cidade a que dizem respeito.<sup>25</sup>*

Em Portugal, no final do séc. XIX com o processo da industrialização houve um aumento do número de empregos e as pessoas começaram a deslocar-se do campo para as cidades, assim como houve um aumento da emigração para os países da Europa, estas deslocações estão diretamente relacionadas com o aumento da população nas cidades e consequente crescimento destas. Porto e Lisboa foram das cidades onde mais se fez sentir essa mudança sobrecarregando inevitavelmente as suas periferias.

Durante os anos 60 assistiu-se a uma tomada de consciência sobre o modo de intervenção na cidade e no seu edificado. Salvaguardando os edifícios existentes de carácter excecional, deu-se início a um novo modo de entendimento/atuação urbana, começando por reconhecer a importância da cidade como um todo sistémico que integra aspetos construtivos, culturais, sociais, económicos e ambientais. E é nessa altura que se assiste à tomada de consciência da importância das intervenções de reabilitação em centros urbanos.

<sup>25</sup> ICOMOS; 1995 – Carta de Lisboa sobre a Reabilitação Urbana Integrada – 1º Encontro Luso-Brasileiro de Reabilitação Urbana; 1995



Objetivando esses propósitos deram-se início aos primeiros projetos de salvaguarda dos centros históricos das cidades assim como, em simultâneo, à promoção pública da habitação.

*As transformações espaciais, demográficas e socioprofissionais ocorridas na sociedade portuguesa ao longo das últimas décadas alteraram de tal modo a configuração do país que, tomando como ponto de partida os anos 60, se pode falar, como propriedade, de trinta anos de mudança estrutural.<sup>26</sup>*

Já na década dos anos 80 são criados os primeiros gabinetes técnicos locais que agregavam equipas técnicas multidisciplinares em diferentes áreas de saber, tais como: arquitetos, engenheiros, juristas, sociólogos, com o objetivo de recuperar/valorizar os centros históricos numa operação integrada que envolvia pessoas e edifícios, se bem que pontualmente estes gabinetes ainda perduram em algumas cidades do país.

<sup>26</sup> MACHADO, Fernando Luís; COSTA, António Firmino - *Processos de uma modernidade inacabada: Mudanças estruturais e mobilidade social*. 1998, p.17

#### 4.2.1 | MEMÓRIA DA TERRA (QUINTA BRAAMBCAMP)

A Quinta Braamcamp localiza-se no Barreiro, mais concretamente na frente de água da zona de Alburrica-Mexilhoeiro. Está localizada num contexto rural e natural em pleno ambiente urbano e tinha como função passada uma atividade industrial, nomeadamente uma indústria corticeira. O lugar é dotado de uma característica única de contemplação da paisagem por ter na sua gênese um sistema de vistas direto com outros centros urbanos e pela sua relação de proximidade com a água. No entanto, a Quinta encontra-se em ruínas e sem qualquer função/uso atualmente, o que pode gerar uma preocupação para a cidade do Barreiro, cidade industrial e ligada às artes do Mar, pois o seu abandono pode culminar num desaparecimento completo do conjunto, o que acabaria com a memória do lugar, que no passado em tanto ajudou ao desenvolvimento da cidade.

É no século XVIII o primeiro registo da Quinta de Braamcamp, quando o seu proprietário Vasco Lourenço Veloso procede à reedificação do moinho de maré que outrora tinha sido arrasado pelo terramoto de 1755. O nome que permanece até aos dias de hoje é proveniente de um dos proprietários denominado de Geraldo Braamcamp, que, após a sua primeira conversão em terreno agrícola, fez da quinta um local de produção, criação de animais e plantação de árvores. Em 1810, o proprietário é estimulado a aumentar as casas e armazéns para a produção de farinha assentando assim os seus interesses no fabrico industrial. Com o desenvolver deste tipo de atividade surgiu a necessidade de construir um outro moinho, neste caso de vento, que teria como objetivo também a produção de farinha. Este moinho tinha uma característica peculiar visto ser o único a nível nacional para o efeito, era um moinho de vento a vapor com uma engenharia de origem inglesa proveniente dos

primeiros anos da Revolução Industrial. Não existem, porém, vestígios deste edificado até à data, questionando-se assim a efetiva construção do mesmo.

Posteriormente, o conjunto foi sendo vendido a outros proprietários até que em 1884 um dos herdeiros Reynolds, após a aquisição do mesmo, procede à adaptação da quinta a uma unidade de indústria corticeira. A produção destinava-se inicialmente á exportação de cortiça *em bruto* para maioritariamente países como a Grã-Bretanha e Espanha, e motivou assim a fixação dos comerciantes ingleses em Portugal. Ao longo dos anos, o proprietário, Thomas William Reynolds Johnson acompanhado pela sua família teve várias incursões pelo Alentejo comprando e arrendando grandes propriedades de sobreiros, que mais tarde foram as bases do que viria a ser um grande negócio, a Sociedade Nacional de Cortiças da quinta Braamcamp.

A história da fábrica corticeira começou em 1882 com o fabrico de rolhas e fruto de uma fábrica do Alentejo. A produção de cortiça tem uma vasta história a nível nacional e cresceu exponencialmente a partir do séc. XVIII a par da produção e forte exportação do vinho do Porto. Este tipo de produção teve um aumento a partir da Revolução industrial, principalmente na cidade do Barreiro onde 1/3 da população (adulta) barreirense eram trabalhadores de corticeiras. A produção local de cortiça teve um declínio marcante em 1929 com a perda dos principais mercados, resultante da Grande Depressão, contudo a maior queda sucedeu na produção das rolhas, que, após a Segunda Grande Guerra Mundial, foram substituídas pela tampa plástica e metálica.

Em 2009, com o declínio da utilização dos produtos produzidos, na Quinta Braamcamp, a última fábrica de cortiça da cidade do Barreiro encerrou e declarou insolvência ficando a cargo do Banco Millennium BCP.

Em setembro de 2011 ocorre um incêndio que degrada ainda mais o estado dos edifícios, deixando-os sem condições de segurança.

Atualmente a Câmara Municipal do Barreiro detém a posse da Quinta Braamcamp, adquirindo-a em novembro de 2015 com o objetivo de analisar as possibilidades de intervenção a nível material e imaterial explorando o Rio Tejo e Coina.

Após a análise histórica, podemos agora analisar a Quinta no momento presente e como é que esta se conecta com o meio envolvente. Como já foi referido anteriormente, a Quinta Braamcamp localiza-se na península no Barreiro e era composta por vários núcleos edificadas, como armazéns, habitações, piscina, zonas de produção e pelo Moinho de Maré, porém hoje em dia, restam apenas vestígios da quinta já em ruínas (alguns edifícios sem coberturas e sem recheio e outros que desapareceram totalmente). Na sua envolvente é importante referir uma estrutura paisagística delineada pelo esteiro do Rio Coina e as margens de água com o Estuário do Tejo, assim como com as próprias lagoas interiores. A Norte da Quinta, existem alguns (escassos) edifícios com usos náuticos, e a Sul localizam-se os restantes moinhos de maré, os característicos moinhos de vento do Barreiro, alguns espaços públicos lúdicos, uma praia fluvial e um bar/restaurante que serve toda a zona de praia. Ao longo de toda a estrutura natural existem também várias aglomerações precárias destinadas aos pescadores, assim como as próprias embarcações atracadas nas lagoas em frente às habitações.

Em termos do ecossistema natural presente é de destacar a existência de várias espécies de vegetação aborígene que se desenvolvem ao longo das praias fluviais e caldeiras, sujeitas à ação da água salgada e do fluxo das marés.

Destaca-se também o ecossistema de sapal, terreno alagadiço, que serve de Habitat periódico para diferentes espécies de peixes, aves e micromamíferos. Relativamente à zona envolvente da Quinta Braamcamp surgem espécies estrategicamente plantadas para delinear os percursos pedonais. Este alinhamento era composto por palmeiras (atualmente destruídas pela doença do escaravelho e pelos diversos incêndios ocorridos) e pinheiros bravo e manso que servem de habitat para a nidificação das garças.

*Único complexo rural em plena cidade do Barreiro, cuja atividade cessou recentemente. Era composto inicialmente por casa de habitação, armazéns, moinho de vento e de maré e terras de cultivo. Conserva ainda a antiga casa solarenga (século XIX), instalações agrícolas e um moinho de maré. É atualmente propriedade da CMB. A Assinatura da Escritura de Aquisição da Quinta, entre o Banco Comercial Português e o Município do Barreiro, teve lugar a 19 de dezembro de 2016. A Autarquia adquiriu a Quinta do Braamcamp por dois milhões e novecentos mil euros.<sup>27</sup>*



*Figura 21- Composição fotográfica da Quinta Braamcamp*

<sup>27</sup> Câmara Municipal do Barreiro (consultado em 20 de Maio 2018) Disponível em <[https://www.cm-barreiro.pt/frontoffice/pages/792?news\\_id=5330](https://www.cm-barreiro.pt/frontoffice/pages/792?news_id=5330)>



*Figura 22- Composição fotográfica da Quinta Braamcamp*

#### 4.2.2 | MEMÓRIA DO MAR (MOINHO DE MARÉ)

O moinho de maré é uma estrutura arquitetónica construída na época da Idade Média em pedra aparelhada e com arcadas voltadas para o Rio. Os moinhos foram os grandes impulsionadores na época da pré-industrialização na atuação como fornecedores de farinha e cujo funcionamento tinha origem na força propulsora da água.

Em Portugal, existem registos, que remontam ao século XIII, confirmando a construção dos primeiros moinhos de maré localizados no Algarve, sendo este caracterizado como o *berço* da moagem maré motriz. Durante a Idade Média, e com o aumento do consumo do pão houve um acréscimo da utilização da moagem, principalmente na produção intensiva de farinha e de azeite.

A água é o elemento principal da utilização dos mecanismos de moagem proporcionando uma ligação aliciante entre a Arquitetura e a Natureza. O funcionamento de um moinho de maré tem na sua base de produção a diferenciação dos fluxos de água (preia-mar e baixa-mar) e tem na sua constituição uma caldeira, uma porta de água e diversas moendas (pares de mós). Como referido anteriormente o moinho funciona através do ritmo das marés e por isso, quando está maré cheia a caldeira enche e a água fica retida com o fecho das comportas, por sua vez, quando a maré está totalmente baixa, o pojadouro permite a passagem da água retida na caldeira escoe de volta ao Rio e através do momento de impulso da água faz rodar a mó (triturando assim os cereais). Segundo Maria Eugénia Santos no livro *Moinhos de maré, Património industrial*, os moinhos de maré podem-se caracterizar em cinco diferentes tipologias, apesar da sua forma retangular e a sua distribuição dos espaços interiores ser sempre comum entre eles.

É, porém, na tipologia volumétrica que estes diferem, moinhos com diferentes pisos, com ou sem habitação do moleiro, edificações originais ou totalmente descaracterizadas e por fim segundos pisos completos ou apenas pequenas parcelas.

*A proto-indústria no Barreiro construiu unidades económicas de extrema importância na altura em que foram edificadas. No caso dos moinhos de maré, a sua presença foi muito marcante em todo o Estuário. No Barreiro, a maioria deste património tende a desaparecer por falta de proteção(...)*<sup>28</sup>

Em termos de materialidade, os moinhos apresentam maioritariamente uma estrutura em pedra calcária aparelhada para a resistência à força das marés que ligavam o piso de laboração com o piso submerso. As paredes interiores originais eram constituídas por uma estrutura em madeira e as coberturas desenvolvidas com asnas e madres também em madeira e com telhados de várias águas.

*As potencialidades destes espaços para reutilização são variadas, sobretudo pelas grandes áreas que ocupam. A sua arquitectura, bem como os materiais utilizados, viriam a caracterizar grandemente a arquitectura do século XX. A sua reutilização perpétua a sua presença, contribuindo para a história e a vitalidade da região.*<sup>29</sup>

No Barreiro, os moinhos, apesar de desconhecidos por muita gente são um componente caracterizador da memória e identidade coletiva, histórica e cultural.

Os moinhos de maré acabam por ser um elemento determinante e caracterizante da estrutura da cidade do Barreiro tendo uma forte ligação com o Rio e com a fase industrial que tanto se fez sentir no século XIX.

<sup>28</sup> FARIA, Miguel; MENDES José - *Actas do Colóquio Internacional Industrialização em Portugal no Século XX: O caso do Barreiro*. 2010, p.378

<sup>29</sup> Idem



Na margem Sul e nas zonas envolventes ao Estuário do Tejo é onde se fazem sentir mais a construção deste tipo de estruturas, mais particularmente no Barreiro, em Alburrica existem cerca de quatro moinhos de maré denominados de Moinho de Maré do Cabo de Pero Moço (que atualmente é o mais degradado), o Moinho de Maré Grande, o Moinho de Maré Pequeno (que fazia a ligação entre o rio e a cidade) e finalmente o Moinho de Maré da Quinta Braamcamp.

O moinho de Maré da Quinta Braamcamp é datado do século XVIII e possuía dez pares de mós apesar de inicialmente ter apenas sete. Foi considerado um dos maiores moinhos da orla ribeirinha e teve um período de reconstrução após o terramoto de 1755. Infelizmente, após vários incêndios, hoje em dia encontra-se em grande estado de degradação e abandono, mantendo-se apenas de pé a sua estrutura porticada, as quatro paredes exteriores principais e uma parte da parede interior.

*A orla ribeirinha do Concelho do Barreiro foi desde a Idade Média privilegiada, pela edificação de engenhos moageiros, numa primeira fase hidráulicos – o moinho de maré mais antigo data do séc. XV, e posteriormente eólicos, desde o séc. XIX. Desde finais do século XV que a presença de moinhos de maré está assinalada ao longo de todo o Concelho. Há conhecimento de terem existido 12 moinhos desde o Lavradio a Coia. Os moinhos de vento são mais tardios – séculos XVIII e XIX e são considerados um ex-líbris do Barreiro.<sup>30</sup>*

<sup>30</sup> Câmara Municipal do Barreiro (consultado a 29 de Dezembro 2017) Disponível em <<https://www.cm-barreiro.pt/pages/853>>



Figura 23- Composição fotográfica do Moinho de Maré da Quinta Braamcamp

#### 4.4 | TURISMO

O turismo teve origem no século XVII e XVIII com o *Gran Tour*, desenvolvendo-se ao longo de quase três séculos de história marcados pela expansão e massificação. O fenómeno *Gran Tour* marca o começo histórico do turismo quando jovens da aristocracia viajavam pelas principais cidades da Europa (mais particularmente em Itália) com o objetivo de aperfeiçoar e enriquecer o seu intelecto. As viagens tinham a duração de dois anos e nelas aprendiam novas línguas e conheciam novas culturas sempre acompanhados pelos seus tutores passando por grandes cidades e por centros termais.

Thomas Cook em 1841 cria um sistema de viagem organizada através da invenção de bilhetes de comboio para famílias e grupos. Em seguida, o turismo de massas teve o seu grande crescimento com a evolução dos meios de transporte, principalmente através da invenção do automóvel, que possibilitava a sua democratização para a classe média, e posteriormente o autocarro, que aliado ao baixo custo das deslocações facilitou o acesso da classe baixa. Novamente, com o desenvolver da Revolução industrial e o seu grande impacto na sociedade, o Turismo também foi bastante influenciado através da criação do conceito de *férias*, que até à data era apenas visto como um “tempo de recuperação da força de trabalho” usado somente para dormir e descansar.

A partir dos anos trinta, o conceito de “férias pagas” e a programação de viagens começaram a ser democratizadas tendo como propósito o descanso físico, a prática do desporto, a formação social e política entre outros tipos de atividades que os turistas procuravam na altura.

Segundo Carminda Cavaco (2006) e Daniel Cohen (1999) na chegada do século XX, o turismo volta á sua hegemonia devido a múltiplos fatores tais como: o direito às férias pagas, o desenvolvimento económico, o aumento do consumo e dos rendimentos, a banalização do automóvel, o desenvolvimento da aviação entre outros.

O turismo de massas não significa necessariamente que todas as pessoas têm a mesma probabilidade de ir de férias, mas está interligado com crescimento vertiginoso do turismo e por isso as estatísticas afirmam que:

*o turismo de massa significa taxas anuais impressionantes de crescimento das deslocações turísticas, das passagens de fronteira e das receitas e despesas correspondentes, assim como da frequência de certos lugares turísticos novos ou reservados antes apenas às elites.<sup>31</sup>*

A massificação do turismo está intimamente relacionada com um grande número de pessoas com o mesmo tipo de comportamento, não existindo a “escolha” do destino, e do modo de deslocação. Porque os fluxos turísticos em massa têm por base a uniformização, a maximização e a centralização causadas pelo mercado reflexo de uma sociedade de consumo, inevitavelmente estes levam a que um grande número de pessoas se desloquem todos da mesma maneira, ao mesmo sítio para verem exatamente a mesma coisa, criando assim uma afluência desmesurada a determinados destinos e promovendo a sua saturação com impacto negativo para o seu património e qualidade de vida dos habitantes locais.

<sup>31</sup> CAVACO, Carminda – *Práticas e Lugares do Turismo* in FONSECA, Maria - *Desenvolvimento e Território: Espaços Rurais Pós-Agrícolas e Novos Lugares de Turismo e Lazer*. 2006, p.327

É devido a este fenómeno que presentemente se verificam medidas de controlo da entrada de estrangeiros em diversos países/cidades, assim como o controlo de visitantes em diversos locais, maioritariamente naturais, visto que o turismo em massas está a intensificar-se cada vez mais e acaba por destruir a beleza da natureza quando descontrolado.

Ao longo dos anos o turismo tem vindo a transformar-se numa das maiores atividades económicas mundiais assim como a definição do seu conceito se torna difícil no alcance de um consenso generalizado. Segundo Licínio Cunha, em 1910 surgiu a primeira definição de turismo desenvolvido pelo economista austríaco Herman Von Schullern zu Schrattenhofen onde turismo significa:

*o conjunto de todos os fenómenos, em primeiro lugar de ordem económica, que se produzem pela chegada, estadia e partida de viajantes numa comuna, província ou um estado determinado e, por consequência estão diretamente ligados entre eles*<sup>32</sup>.

Décadas depois, o Turismo ganha uma nova definição introduzindo o carácter temporal das deslocações e o aumento das razões para a realização das viagens, pois até à altura não estava incluída a questão monetária, contudo estaria já implícita no conceito. Os conceitos foram se intensificando ao longo dos anos, havendo algumas definições mais técnicas e outras mais gerais, todavia em 1982 Mathieson e Wall procuraram uma abordagem mais vasta realçando a questão de oferta e procura de pontos turísticos:

*Mathieson e Wall (1982) definem turismo como sendo o movimento de pessoas para fora das suas áreas habituais de residência habitual por períodos não inferiores a vinte e quatro horas, bem como os impactos que essas mesmas pessoas geram a nível das áreas-destino, com particular*

<sup>32</sup> CUNHA, Licínio - A Definição e o Âmbito do Turismo: um aprofundamento necessário in Repositório Científico Lusófona, (consultado a 13 de Maio de 2018) 2010, p.10

*destaque para os impactos a nível da cultura, do património e da sociedade.*<sup>33</sup>

Por fim, atualmente o conceito oficial da ONU-OMT datado de 1994 e define que:

*o turismo compreende as actividades das pessoas que viajam e permanecem em locais fora do seu ambiente habitual, por não mais do que um ano consecutivo, por motivos de lazer, negócios ou outros fins*<sup>34</sup>

<sup>33</sup> COSTA, Carlos – *Turismo e cultura: avaliação das teorias e práticas culturais do setor do turismo (1990-2000)*. 2005, p.282

<sup>34</sup> CUNHA, Licínio - *A Definição e o Âmbito do Turismo: um aprofundamento necessário*. in Repositório Científico Lusófona, (consultado a 13 de Maio de 2018). 2010. P.13

#### 4.4.1 | TURISMO INDUSTRIAL

O conceito de turismo industrial é originário das décadas de setenta e oitenta do século XX e consiste num arquétipo turístico variado, no qual o trabalho se transforma em curiosidade pelo valor cultural e histórico. Atualmente o consumismo está cada vez mais intensificado ficando de nível com a produção em massa que hoje em dia é bastante mecanizada e automática. Foi na fase da Revolução Industrial, que se deu o apogeu da repetição e da montagem em série, muitas fábricas foram construídas, criando aglomerados de pré-fabricação nas periferias das cidades, contudo por diversos motivos essas fábricas foram fechando, outras entraram em insolvência permanecendo abandonadas e com o passar do tempo totalmente descaracterizadas.

O património industrial possui várias valências na temática da paisagem e de arquitetura estabelecendo relações diretas entre o espaço e a memória. E para definir de forma clara o conceito de património industrial foi redigido um documento em 2003 pelo Comité Internacional para a conservação do Património Industrial designado de Carta de Nizhny Tagil que expõe:

*O património industrial compreende os vestígios da cultura industrial que possuem valor histórico, tecnológico, social, arquitectónico ou científico. Estes vestígios englobam edifícios e maquinaria, oficinas, fábricas, minas e locais de processamento e de refinação, entrepostos e armazéns, centros de produção, transmissão e utilização de energia, meios de transporte e todas as suas estruturas e infra-estruturas, assim como os locais onde se desenvolveram*

*actividades sociais relacionadas com a indústria, tais como habitações, locais de culto ou de educação.*<sup>35</sup>

Assim, o turismo industrial depende direta e indiretamente do património industrial permitindo a preservação e valorização da paisagem, protegendo o património edificado. Quando revitalizadas as estruturas industriais posteriormente desativadas permitem o enriquecimento do seu património oferecendo às regiões várias vantagens na vertente económica, cultural, local e de património. A utilização dessas infraestruturas inativas em ruínas ou grandes complexos industriais torna-se a principal premissa deste conceito, permitindo ao antigo espaço a transformação museológica, hoteleira, cultural, desportiva, recreativa e/ou religiosa.

Nos países mais industrializados, como a Polónia ou o Japão, a prática do turismo industrial é bastante requisitada, destacando-se uma das mais antigas minas de sal que foi distinguida pela UNESCO como património industrial quando a antiga zona de laboração foi transformada em museu, espaços culturais, religiosos entre outros.

No Japão, existem vários exemplos, entre eles, uma pequena vila industrial dedicada à cerâmica é hoje em dia composta por centros de investigação, museus, aldeia de artesãos, e espaço de comércio.

Em Portugal a tradição industrial foi muito pouco difusa, porém existem cidades com fortes ligações industriais, tais como o Barreiro, Marinha Grande e São João da Madeira. Nas cidades de Marinha Grande e de São João da Madeira o turismo é utilizado como forma de estimular a economia e o turismo local apostando nos *workshops* e visitas guiadas aos visitantes durante o período de produção o que se torna uma mais valia à componente turística com a vertente pedagógica.

<sup>35</sup> Definição retirada da Carta de Nizhny Tagil sobre o Património Industrial, traduzida para português pela Associação Portuguesa para o Património Industrial (APPI). 2013 p.3



O Barreiro é uma cidade com bastante património industrial, porém uma vasta parte desses grandes complexos industriais encontram-se inativos e devolutos. O edifício da estação do Caminho-de-Ferro, os complexos das indústrias corticeiras, o bairro da CUF (companhia União Fabril) de indústria química e os bairros operários são as áreas com maior potencial turístico da cidade, detendo diversos fatores dinamizadores capazes de implementar ou formar um destino turístico. Um destino turístico pode ter diversas valências turísticas, mas ao mesmo tempo funcionar como outrora, o que pode desenvolver ainda mais o interesse de um turista/visitante por uma determinada região.



## 5 | CASOS DE ESTUDO

5.1 | The Waterhouse at South Bund, Shanghai

5.2 | La Purificadora Hotel, México

5.3 | Cabanas no Rio, Portugal

5.4 | El Pintado Tidal Mill, Espanha

5.5 | Hostal Ritoque, Chile

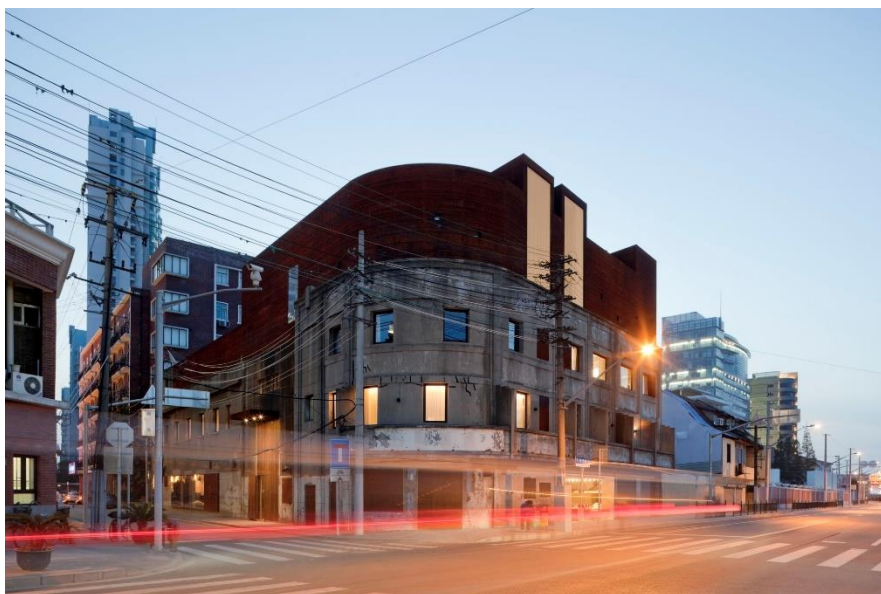


Figura 24- Fachada principal do hotel, Fotografia: Pedro Pegenaute

## 5.1 | The Waterhouse at South Bund

| Neri&Hu Design and Research Office, Shanghai, 2010

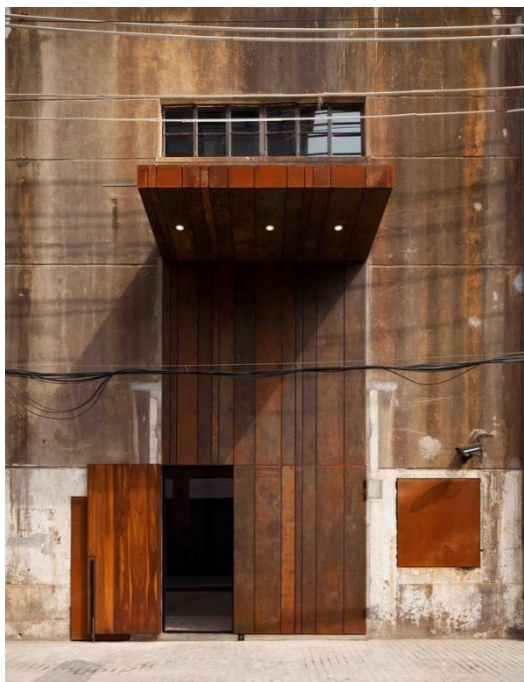
*Waterhouse* é um boutique hotel localizado no *South Bund District* em Shanghai que inclui dezanove quartos distribuídos por três pisos num antigo edifício do Exército Japonês datado de 1930. Os visitantes do hotel podem contemplar uma vista para o rio Huangpu assim como o luminoso horizonte de Pudong. O conceito chave desta intervenção pertence à relação de memória e identidade do edificado existente, visto que o objetivo arquitetónico dos autores do projeto seria o acentuar do contraste entre o antigo e o novo.

O edifício original de três andares foi concebido em betão e posteriormente restaurado contando com alguns acrescentos de peças colocadas sobre a estrutura existente utilizando um material de forma a remeter para o passado industrial: o aço Cor-Ten. Na parte superior do edifício foi acrescentado um novo piso, com um novo material formando um contraste do antigo com o novo, com o intuito de proporcionar uma ligação análoga entre a cultura e a história local, essa adição remete para a natureza industrial dos navios antigos que passavam pelo rio Huangpu.

A dupla de arquitetos Neri & Hu foi também os responsáveis pela arquitetura de interiores, que se manifesta na indefinição da relação do interior e do exterior e do público e privado, criando assim uma experiência de desorientação, mas ao mesmo tempo calmante para o hóspede. A surpresa de alguns espaços é um fator que pode suscitar nos hóspedes uma certa curiosidade quando são feitas várias ligações visuais entre espaços públicos e privados, quando os espaços públicos convidam o olhar para salas privadas e vice-versa.



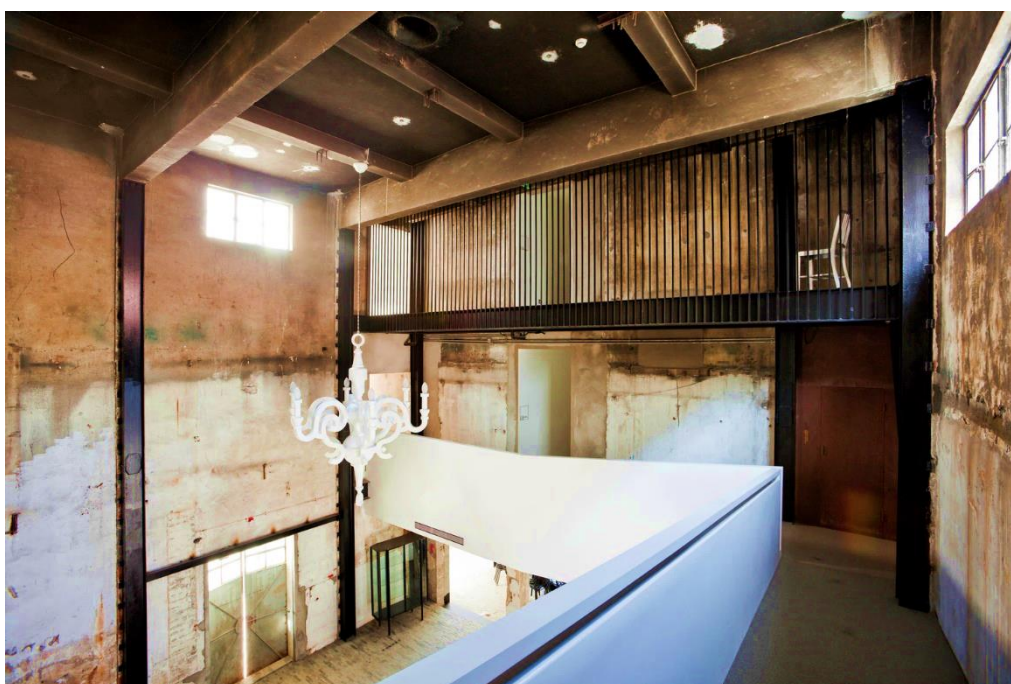
*Figura 25- Detalhe de Fachada  
Fotografia: Pedro Pegenaute*



*Figura 26- Entrada, Fotografía: Pedro Pegenaute*



*Figura 27- Interior, Fotografía: Pedro Pegenaute*



*Figura 28- Interior, Fotografía: Pedro Pegenaute*



Figura 29- Planta  
Piso 0

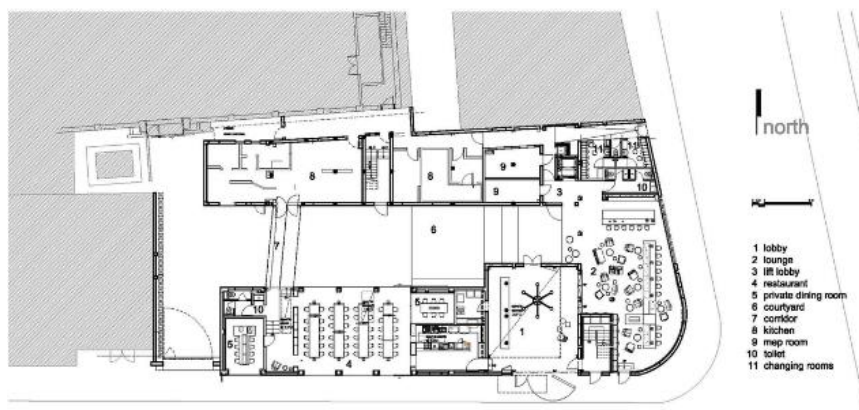


Figura 30- Planta  
Piso 2, Quartos

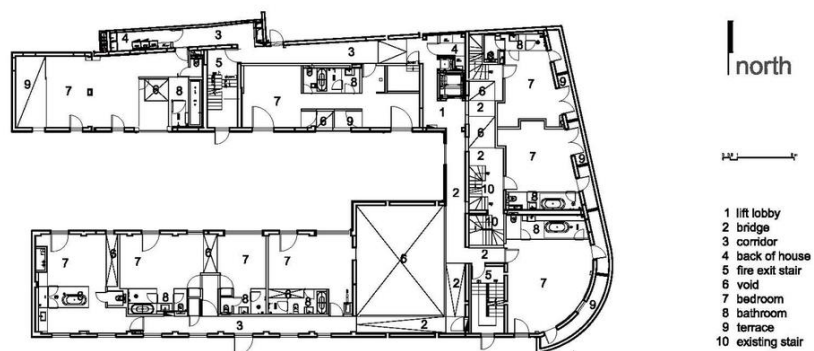
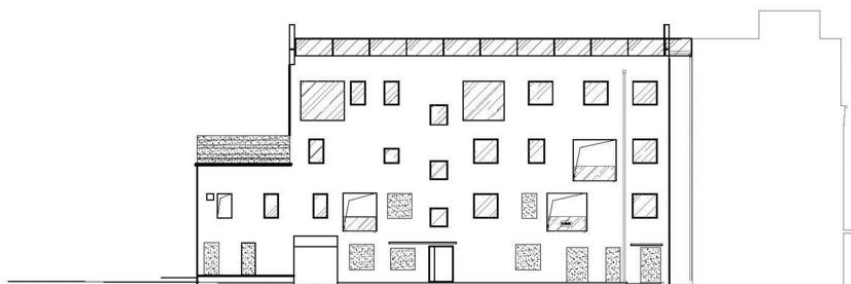


Figura 31- Corte  
Longitudinal



Figura 32- Alçado





*Figura 33- Fachada Principal, Fotografia: Desconhecido*

## **5.2 | La Purificadora Hotel**

| LEGORRETA + LEGORRETA, México, 2007

La Purificadora é um Hotel localizado na cidade de Puebla no México com a relação entre o edificado antigo e o novo, onde as suas pré-existências são classificadas como Património Histórico, e também dotado de um vasto património colonial. O edifício era uma antiga fábrica de gelo onde a água era purificada e engarrafada, e o facto de ser um edifício com grande valor histórico houveram algumas restrições vertentes a ter em conta que tiveram que ser respeitadas no novo projeto.

O Hotel foi projetado com diversas funções, entre elas: uma receção, vinte e seis quartos, restaurante, bar, cozinha, salas para reuniões e outras para eventos, escritórios, um pátio exterior e uma cave. Em seguida, o hotel oferece também aos seus hóspedes diferentes comodidades como uma piscina, ginásio, SPA com jacuzzi, massagens e sauna e um terraço para eventos.

O edifício em forma de "L" tem 4 pisos e está compreendido num grande pátio envolvendo-o. No piso térreo está localizada a entrada principal, a sala de estar ao ar livre com uma



continuação da sala de refeições interior e as partes técnicas e administrativas. No primeiro e segundo piso encontram-se os quartos assim como áreas de distribuição e apoios técnicos. No terceiro e último piso do terraço estão presentes as valências de lazer, sendo elas: a piscina, ginásio e o SPA.

Em termos de materialidade, o edifício tem na sua constituição a pedra e madeira originais da época da fábrica, elementos esses que são bastante contrastantes com os materiais utilizados na nova intervenção: vidro, aço e azulejos especialmente desenhados para os quartos. As fachadas originais são em gesso e pedra e durante todo o processo de reabilitação foram encontradas um aglomerado de peças em vidro pertencentes ao edifício original que foram incorporadas posteriormente no projeto do Hotel.



*Figura 34- pátio exterior, Fotografia: Desconhecido*



Figura 35- Restaurante,  
Fotografia: Desconhecido



Figura 36- Reabilitação da  
fachada, Fotografia:  
Desconhecido



Figura 37- Terraço com  
Piscina

Figura 38- Alçado Norte

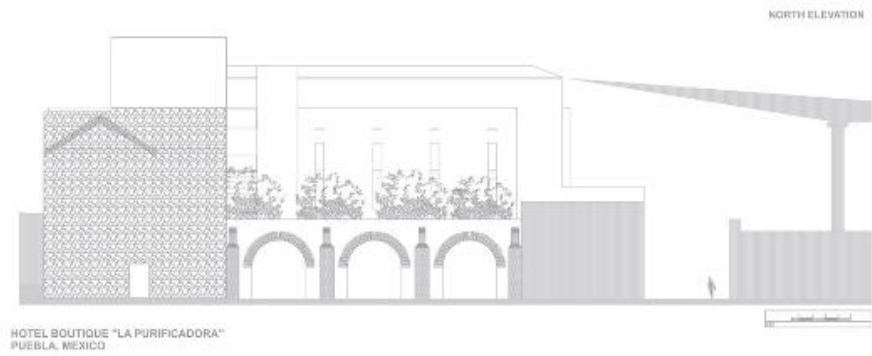


Figura 39- Planta piso 0

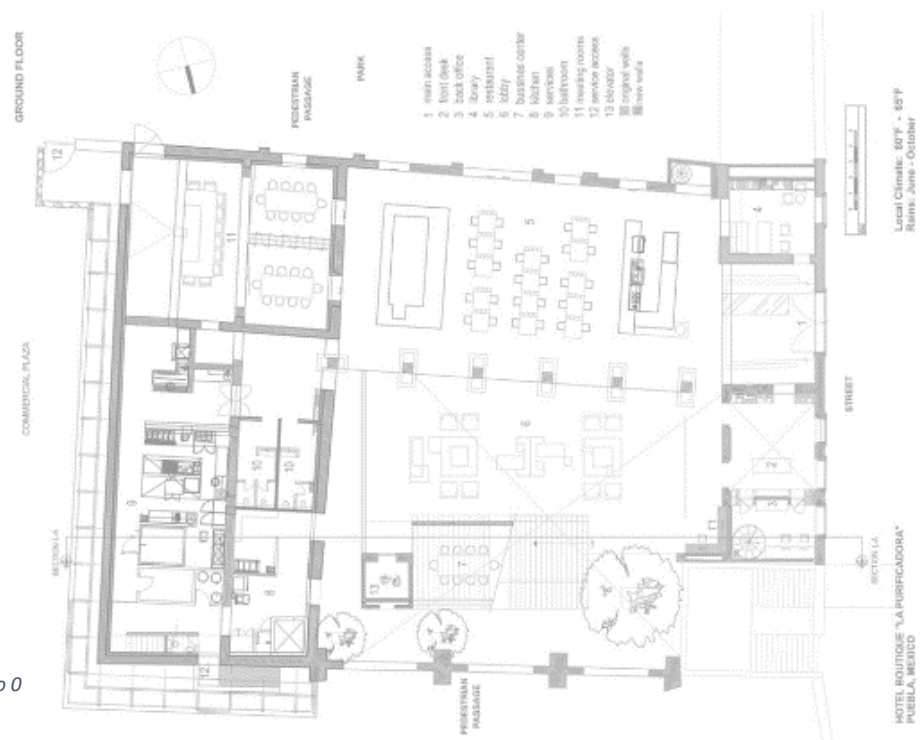
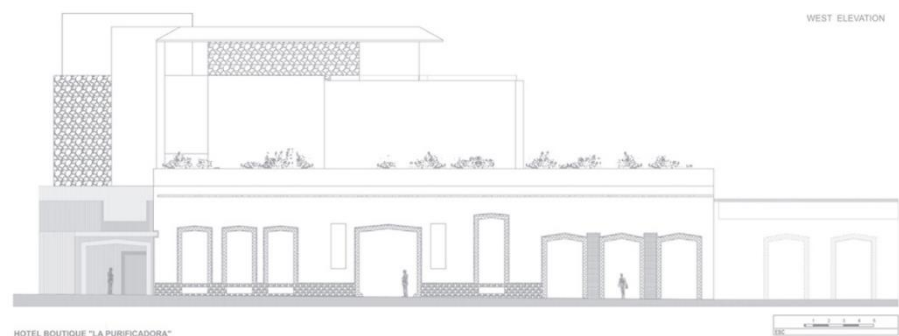


Figura 40- Alçado Oeste





*Figura 41- Cabanas no rio e envolvente, Fotografia: Nelson Garrido*

### **5.3 | Cabanas no Rio**

| Aires Mateus, Portugal, 2013

Cabanas no Rio é um projeto localizado na Comporta em Portugal com uma área de implantação de vinte e seis metros quadrados. Toda a sua estrutura é em madeira, desde o cais palafítico até aos espaços das cabanas, criando uma identidade de resistência e mudança do material visto ser possível substituir ou alterar as peças mantendo sempre os seus princípios projetais.

O projeto está desenvolvido em dois espaços interiores (cabanas) e um aglomerado de três superfícies exteriores interligadas com uma plataforma já existente no território. As cabanas, estão divididas entre dois espaços funcionais, uma está servida com zona de estar integrada com um apoio de cozinha, a outra cabana tem como função espaço de dormir e uma instalação sanitária.

Em termos de materialidade e própria aplicabilidade, a construção do projeto foi totalmente realizada em madeira reutilizada que estará exposta às intempéries que podem determinar a sua alteração.



A forma das Cabanas é atípica desde as paredes à cobertura, e claramente utilizada para controlar os espaços, pois, segundo a dupla de arquitetos a inclinação dos tetos varia consoante os espaços e as suas funções tornando-os mais amplos ou simplesmente mais intimistas.



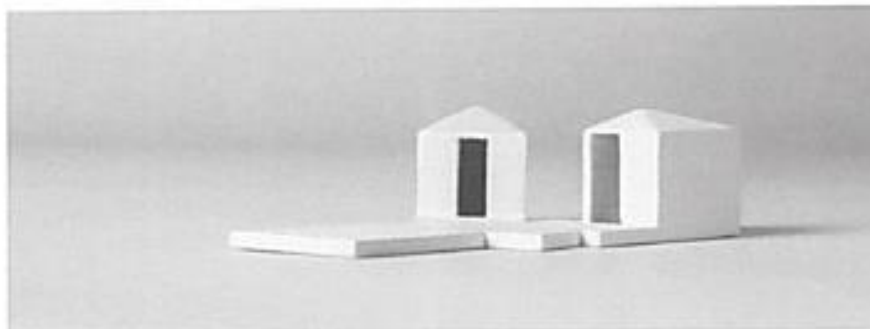
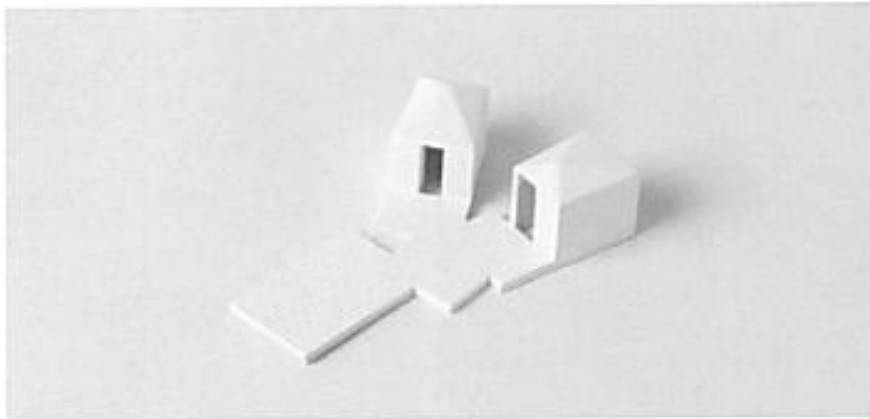
*Figura 42- Cabanas e palafita, Fotografia: Nelson Garrido*



*Figura 43- Duche, Fotografia: Nelson Garrido*



*Figura 44- Cabanas,  
Fotografia: Nelson  
Garrido*



*Figura 45- Maquete*



*Figura 46- Cabanas  
inseridas no  
território, Fotografia:  
Nelson Garrido*

Figura 47- Alçados

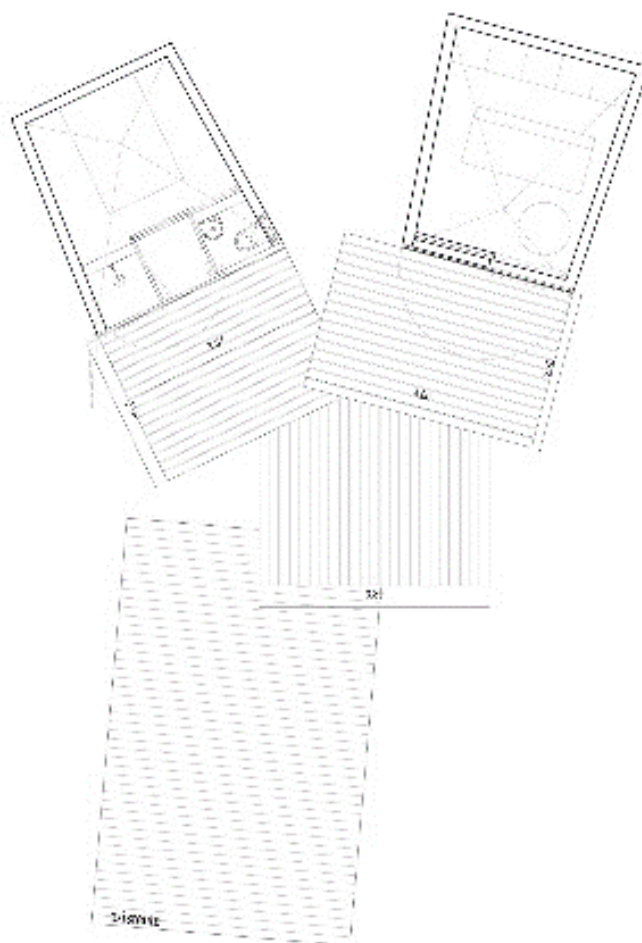
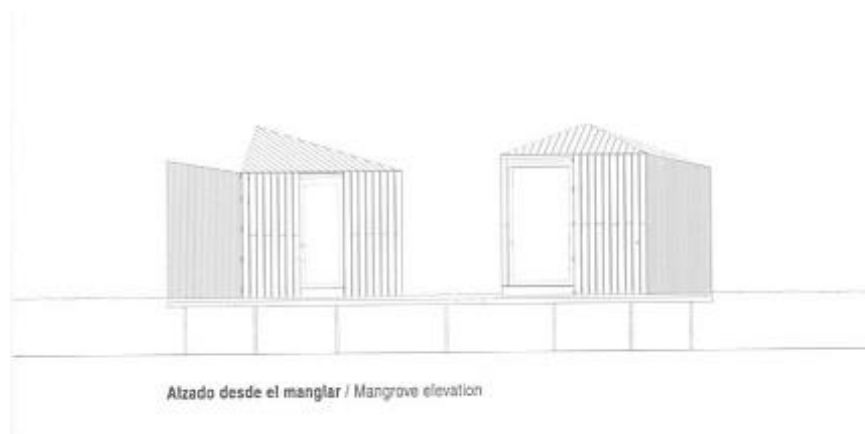


Figura 48- Planta de  
implantação

PLANTA IMPLANTAÇÃO



*Figura 49- El pintado, Moinho de Maré, Fotografia: Fernando Alda Carvo*

## **5.4 | El Pintado Tidal Mill**

| Manuel Fonseca Gallego, Javier López, Ramón

Pico, Espanha, 2007

O Moinho de Maré *El Pintado* localiza-se no Sul de Espanha, em Aiamonte, na fronteira com Portugal, datado de 1750 mandado construir por um índio denominado de D. Manuel Rivero. Segundo a história, o primeiro moinho de maré da Europa surge no Sul de França em 1125, porém na segunda metade do século XIV foram construídos cerca de cinquenta moinhos por toda a costa entre Faro (Portugal) e Aiamonte (Espanha). No século XVIII, apenas dez dos moinhos se encontravam em pleno funcionamento produzindo cem por cento da sua capacidade, contudo atualmente apenas cinco, dos cinquenta moinhos, continuam em atividade.

Durante a Guerra Civil a utilização dos moinhos era fundamental, mas posteriormente a falta dos grãos, o surgimento de novos moinhos de farinha e o aperfeiçoar das técnicas vem alterar os hábitos da população tendo como consequência o abandono dos moinhos e paragem de funcionamento na sua plena capacidade de produção.



O moinho é um objeto arquitetónico independente visto sempre como um elemento distante colocado na paisagem em cima de água ligado por dois pontos térreos. O edifício está orientado a Leste/Oeste e é composto por vários programas funcionais, desde o Centro de Exposições da Natureza, um Centro de Visitantes do Espaço Natural.

A Recuperação do Moinho de trabalho, uma última paragem na Excursão "Via Verde Gibrleon- Ayamonte" e por fim um Centro Cultural de Exibição. O Centro de Exposições consiste numa sala de exposições, postos de observação de espécies e percursos de exploração em barcos pelo rio. O centro de Visitantes do Espaço Natural consta em visitas guiadas organizadas especialmente para escolas e grupos que inclui a receção dos visitantes, demonstrações audiovisuais, visitas às salas de exposição e aos escritórios administrativos. A recuperação do Moinho de Trabalho baseia-se num reviver da memória passada como indústria tradicional agora extinta, atualmente utiliza energia renovável (solar para a iluminação) com uma demonstração de técnicas utilizadas no passado com a mesma relação da energia maré motriz. A paragem de uma excursão da "Via Verde Gibrleon- Ayamonte" abrange um pequeno bar com terraço onde as pessoas podem "recarregar energias" antes da viagem de regresso e também uma zona com uma pequena explicação de todos os centros anteriores tal como os visitantes têm direito. E por fim, o Centro Cultural de Exibição existe para o uso das pessoas locais, englobando uma sala de conferências com equipamento necessário e espaços destinados a uma pluralidade de atividades incluindo exposições de arte sazonais.

Em termos técnicos, foram mantidas todas as ruínas antigas e utilizadas como as diretrizes para o projeto elaborado. A estrutura básica foi respeitada, assim como as paredes divisórias originais.

O edifício é dotado de uma grande dualidade com as suas vistas Norte/Sul, o telhado de duas águas, a composição entre a terra e o mar, o contraste entre os moinhos de vento e os moinhos de maré e as duas marés diárias, maré baixa e maré alta.



*Figura 50 e 51- interiores,  
Fotografia: Fernando Alda  
Carvo*

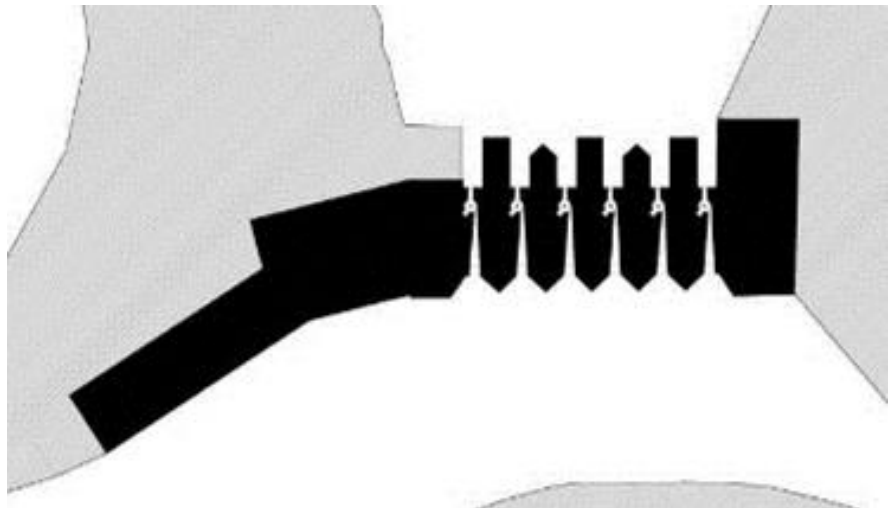


Figura 52- Planta de  
Piso Subterrâneo

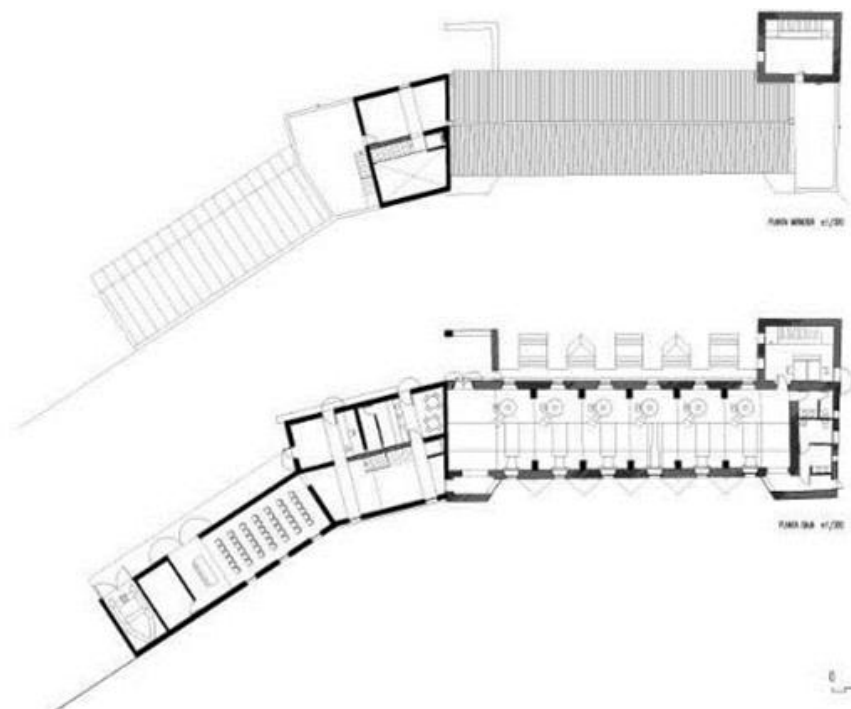


Figura 53- Planta de  
cobertura e de Piso 0

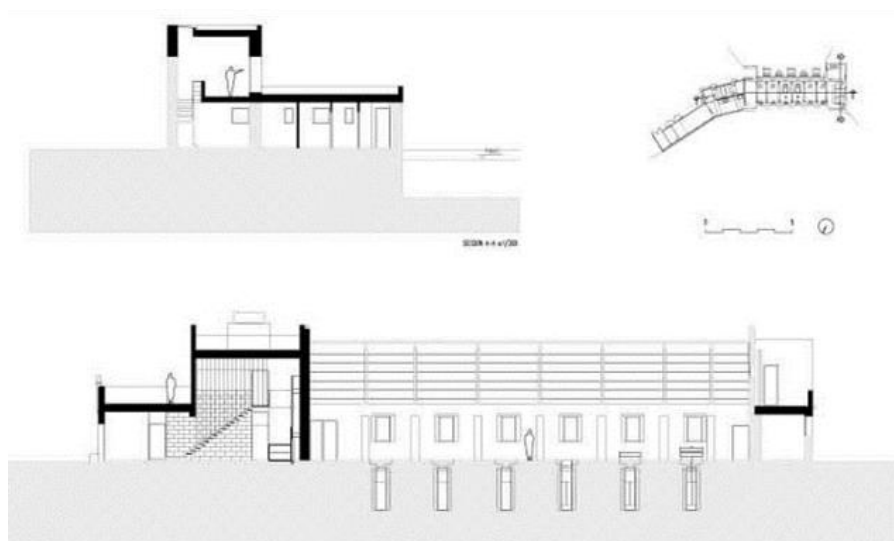


Figura 54- Corte e  
Corte-Alçado



*Figura 55- Fachada do Hostal,  
Fotografia: Juan Durán Sierralta*

## **5.5 | Hostal Ritoque**

| Alejandro Soffia + Gabriel Rudolphy, Chile, 2014

O Hostal Ritoque é um projeto localizado na região de Valparaíso no Chile com uma área de cerca de 183 metros quadrados e consiste num conjunto de cinco apartamentos individuais colocados numa pequena encosta junto a uma zona de água.

O objetivo do grupo de arquitetos consistiu em criar um projeto bom e de baixo custo através da utilização de tecnologias simples e do (re)aproveitamento dos materiais. O projeto insere-se numa zona rural da região e para a redução dos custos foram utilizadas tecnologias e mão-de-obra locais, usando para a sua construção uma arquitetura simples em madeira de Pinho.

O Hostal, localizado a norte da praia de Ritoque está dividido em cinco volumes independentes, como foi referido anteriormente, e todos eles são construídos sobre uma estrutura em estacas de madeira que fazem a conexão do edifício com o toque no chão criando uma sobrelevação e melhor vista para a paisagem. Ambos os blocos têm um acesso individual exterior



para gerar a independência dos utilizadores e são compostos por dois pisos. Dos cinco edifícios, três são utilizados para os visitantes, noutro estão localizados os serviços e espaços comuns e por fim, outro bloco é o apartamento do proprietário.

Os edifícios de habitação são idênticos, tendo na sua composição uma instalação sanitária, uma zona de dormir, um terraço e uma área de distribuição no piso zero, e posteriormente no nível de cima existe uma repetição parcial da planta inferior em apenas dois dos quatro blocos.

O edifício de cariz público da composição é constituído por lavandaria, áreas técnicas, instalações sanitárias, sala de estar, cozinha, espaço de refeições e terraço no piso térreo, posteriormente existe apenas uma continuação da fachada criando um duplo pé direito em algumas zonas para a criação de entradas de luz e possivelmente um acesso à cobertura.



*Figura 56- Estrutura,  
Fotografia: Juan Durán  
Sierralta*

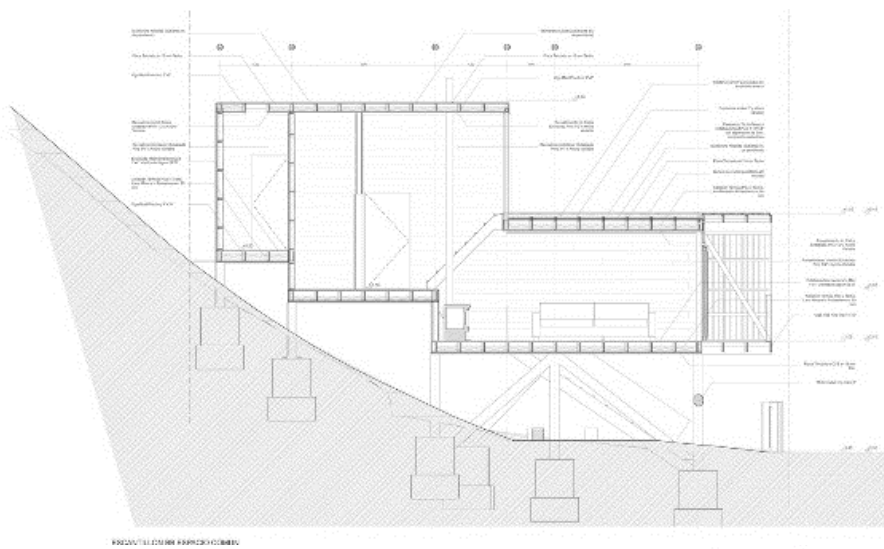


Figura 57- Corte Longitudinal

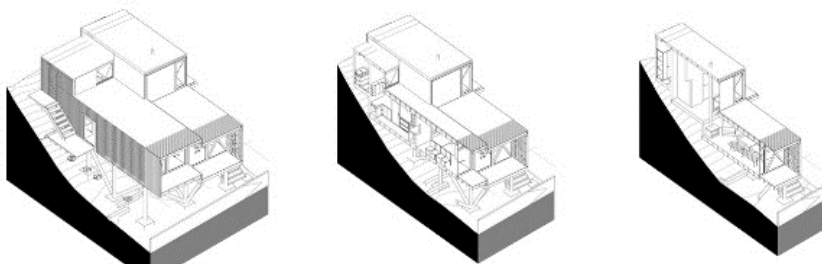


Figura 58- Modelo 3D de um módulo

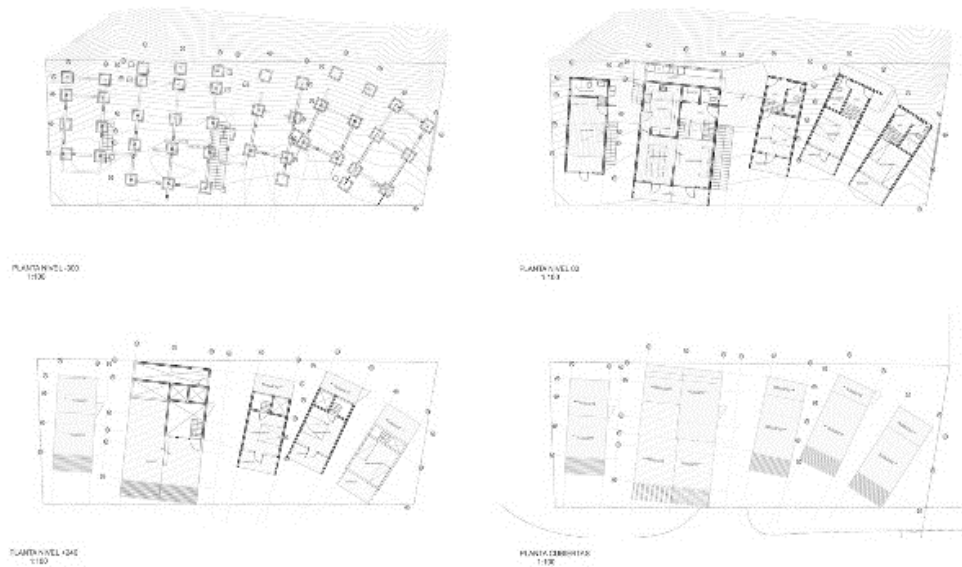


Figura 59- Plantas



Figura 60- Modelo 3D







## 6 | PROJETO

## 6.1 | INTRODUÇÃO

O projeto insere-se na área natural da cidade do Barreiro, em Alburrica, uma zona de grandes vazios urbanos, edifícios devolutos e ruínas, porém uma área com bastante potencial de intervenção.

Ao analisar o terreno, as suas orientações e as exposições solar, de ventos e marés, surgiu o conceito de uma estrutura palafítica leve que assente no terreno de forma não intrusiva, minimizando assim o efeito de uma intervenção em massa. Em termos de plano urbano foram geradas linhas guias com diferentes características e importâncias, posicionados pontos de interesse visual e cultural e programas funcionais que interligassem os diferentes espaços de estar, lazer e permanecer. O programa geral engloba percursos, miradouros, espaços de atividades relacionadas com a arte da pesca e da cortiça, observatório de espécies e um empreendimento turístico.

O objetivo da proposta centra-se mais concretamente na reabilitação da Quinta Braamcamp e do Moinho de Maré a ela pertencente aproveitando os elementos arquitetónicos e preservando a memória do lugar. A ocupação visa ser discreta e dentro dos limites das pré-existência procurando produzir pouco impacto na envolvente daí considerar manter a altimetria de no máximo dois pisos.

Ao aproveitar as pré-existências, houve a preocupação de resolver as diferentes funções dentro de um sistema estrutural em madeira, por ser um material bastante leve e ligado às convivências com a frente de água. Este material está diretamente relacionado com o conceito palafítico criando assim uma pele de união entre o lugar e a proposta.

A organização funcional parte do programa de Hotel com um grande espaço de entrada e de estar, diversidade das tipologias de quartos, áreas técnicas e de administração, áreas de cafeteria e restauração assim como, espaços de estar e de piscina.

## 6.2 | DESCRIÇÃO DE PROJETO

A presente proposta aborda, como já ficou expresso, o reordenamento do território em Alburrica. Neste sentido foi elaborada uma proposta de reabilitação de edificado e a dinamização do território ribeirinho envolvente, tendo em conta os objetivos programáticos que visam a realização de um complexo turístico. Neste âmbito estão previstas vias de acesso, zonas de estar e lazer, arborização, estacionamento e edificado, sendo este, composto pelo conjunto de edifícios que a seguir se enuncia:

### 1- Casa Mãe

Edifício central, localizado entre dois espaços, de novo e antigo edificado, com o propósito de ligação entre os dois extremos da intervenção assim como da península.

### 2- Edifício de albergue de Quartos

Localizam-se em dois espaços distintos, mas fisicamente juntos para criar a união entre a intervenção nova e a reabilitação de um espaço antigo. Assim, os quartos estão presentes, quer na zona envolvente ao pátio da Quinta Braamcamp, quer na área projetada para a ampliação desta.

### 3- Restaurante e Auditório

No conjunto do edificado proposto, encontramos um edifício com duas funções distintas, que se interligam por um núcleo de acesso vertical, são elas: um auditório e um restaurante e suas áreas técnicas correspondentes.

### 4- Spa

O Spa trata-se de um edifício com funções de saúde, beleza e bem-estar, onde o objetivo é proporcionar ao utilizador uma variedade de espaços, com diferentes tipos de intensidade de luz que lhe permitem disfrutar de uma experiência relaxante e adequada às suas preferências e necessidades.

#### 5- Centro Expositivo

A estrutura original do antigo Moinho de Maré foi mantida e restaurada com o intuito de receber uma exposição fixa relacionada com a história do Moinho. Paralelamente, foram criadas divisões internas que permitem criar diferentes espaços com funções de suporte à atividade museológica.

#### 6- Bar/ Cafeteria

O edifício mais a Oeste na área abrangida pela proposta conjuga várias atividades de lazer, a cafeteria e o salão de jogos para a convivência entre os hóspedes. Junto ao bar, existe também a piscina e suas zonas de estar e permanecer na envolvente.

#### 7- *Bungalows*

Os *Bungalows* encontram-se dispersos pelo espaço verde e adjacente às lagoas de Alburrica. Esta tipologia de alojamento, pertencente ao Complexo turístico, que prima pela sua privacidade e autonomia em relação aos restantes quartos de Hotel, bem como por uma maior proximidade com a envolvente paisagística.

### 6.3 | PARTIDO CONCEPTUAL

*Lança-se uma pedra na água. A areia agita-se e volta a assentar. O distúrbio foi necessário. A pedra encontrou o seu lugar. Mas o lago já não é o mesmo. Penso que os edifícios que, a pouco, são aceites pelo seu espaço envolvente devem possuir a capacidade de atrair, de diversas formas a emoção e o raciocínio. O nosso sentimento e compreensão estão, no entanto, enraizados no passado. É por isso que o significado que criamos com o edifício deve respeitar a memória.<sup>36</sup>*

Tratando-se de uma proposta que visa intervir numa margem ribeirinha e com várias valências, tentou-se preservar, sempre que possível, o edificado local, assim como, se idealizou utilizar a mesma expressão formal, material e conceptual.

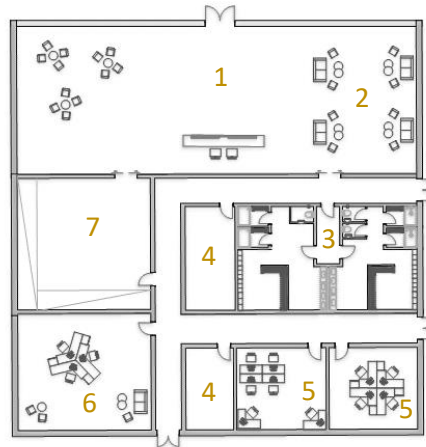
Tal como refere Zumthor, apesar do arquiteto intervir num espaço, deve sempre preocupar-se com a memória do lugar, seja nos materiais utilizados, nas formas concebidas ou na malha desenhada. E, apesar dessa intervenção, o lugar nunca será o mesmo, mas deve ter as características necessárias para cativar o utilitário e visitantes.

Assim, o conceito do projeto baseia-se na preservação e na ampliação do edificado existente e de criação de novos módulos com várias funções para combater o abandono do território classificado hoje em dia como um vazio urbano.

<sup>36</sup> ZUMTHOR, Peter: Pensar a Arquitectura. 2009, pág.17

## 6.4 | PARTIDO FUNCIONAL

### 6.4.1 | Casa Mãe



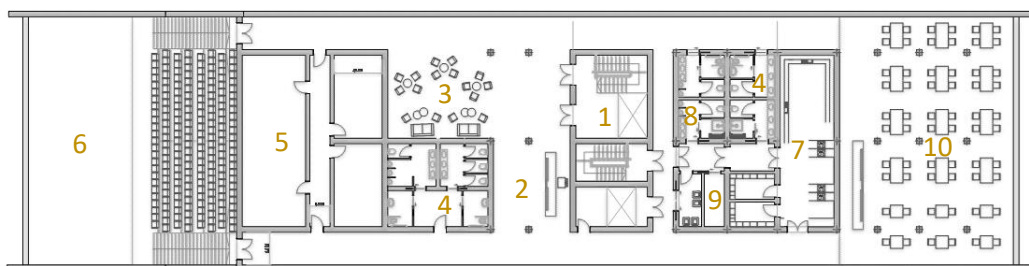
- 1- Vestíbulo
- 2- Espaço de Estar
- 3- Vestiários Funcionários
- 4- Sala de Funcionários
- 5- Administração
- 6- Sala de Reuniões
- 7- Sala de Bagagens

### 6.4.2 | Albergue de Quartos



- 1- Espaço de Estar, permanecer e percurso
- 2- Jardim interior
- 3- Quartos Duplos (edificio novo)
- 4- Suites
- 5- Apartamentos
- 6- Lavandaria
- 7- Apoio técnico

#### 6.4.3 | Restaurante e Auditório



- 1- Núcleos de Distribuição (público e privado)
- 2- Recepção
- 3- Espaço de estar
- 4- Instalações sanitárias (feminino, masculino e mobilidade reduzida)
- 5- Área Técnica
- 6- Auditório
- 7- Cozinha
- 8- Balneários funcionários
- 9- Espaços de Lixos, sala de funcionários, dispensa e frigoríficos
- 10- Sala/espço de Refeições

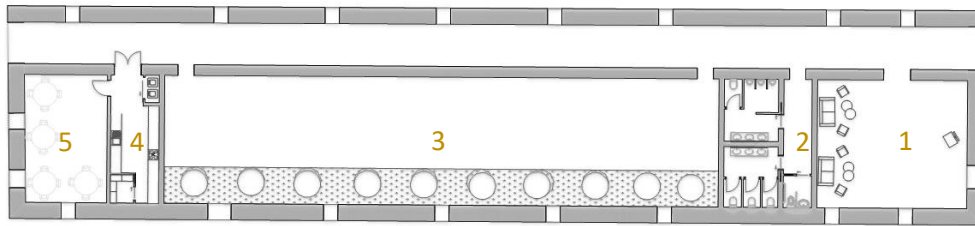
#### 6.4.4 | Spa



- 1- Vestíbulo
- 2- Vestiários Funcionários (Masculino e Feminino)
- 3- Área Técnica e Sala de Funcionários
- 4- Vestiários Masculinos
- 5- Vestiários Femininos
- 6- Vestiários Mobilidade Reduzida
- 7- Salas de Massagem Duplas, individuais, VIP e relaxamento
- 8- Sauna e Banho Turco
- 9- Piscina interior

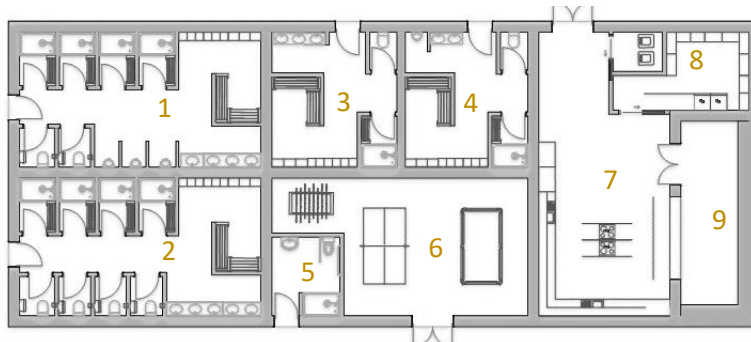


#### 6.4.5 | Centro Expositivo



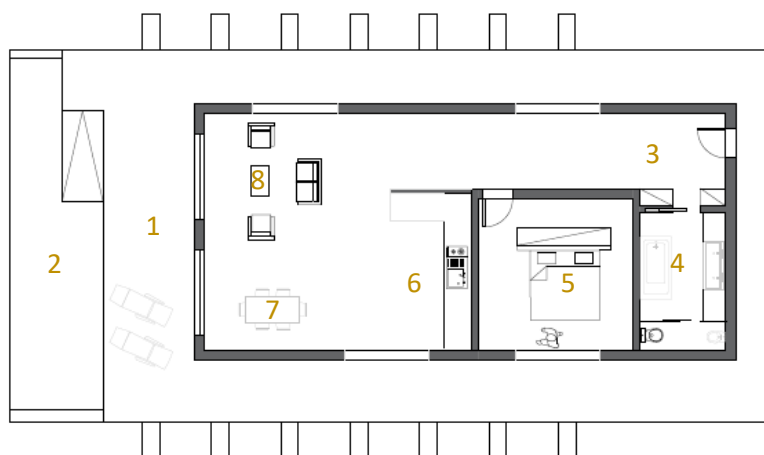
- 1- Hall Entrada e Espaço de Estar
- 2- Instalações Sanitárias
- 3- Espaço Expositivo
- 4- Cafeteria (copa)
- 5- Cafeteria (espaço de permanecer)

#### 6.4.6 | Bar/Cafeteria



- 1- Balneários Masculino
- 2- Balneários Feminino
- 3- Balneários de Funcionários Femininos
- 4- Balneários Funcionários Masculinos
- 5- Balneário Mobilidade Reduzida
- 6- Sala de Jogos
- 7- Cafeteria (zona de Produção)
- 8- Cafeteria (zona de lixos e Dispensa)
- 9- Cafeteria (Zona de Venda)

#### 6.4.7 | Bungalows



- 1- Deck exterior
- 2- Piscina
- 3- Entrada e hall de distribuição
- 4- Instalações sanitárias
- 5- Quarto
- 6- Cozinha
- 7- Espaço de Refeições
- 8- Sala de estar



## 7 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

## 7.1 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

O arranque deste projeto parte de um olhar crítico sobre um lugar que outrora representou um importante polo de atividade económica e levou à fixação e à criação de uma comunidade ligada à mesma. Do passado resta o ónus da memória, simbolicamente representado *in situ* pelas bolsas de comunidades piscatórias ainda existentes no local, e o património imóvel passível de ser reabilitado.

Esta herança e uma componente paisagística rica são assim identificadas e realçadas como sendo as forças motrizes com potencial de conduzir Alburrica a um processo revitalização que leva à sua redescoberta por parte da comunidade e à atracção de novos públicos ligados ao turismo. Para tal, e dada a importância da memória para o local, o estudo inicial debruça-se exaustivamente sobre documentação em arquivo que atesta a evolução urbanística e do edificado de Alburrica.

Para melhor se entender o objeto deste projeto é também feita uma análise crítica, plasmada numa matriz SWOT, do que é o Barreiro e, genericamente toda a malha urbana adjacente à margem sul do estuário do Tejo, nomeadamente a ascensão e declínio da atividade fabril ao longo do século XX e o impacto desta mudança de paradigma na demografia e relação com o “lugar” dos habitantes.

Num território à margem como é Alburrica, é por demais inevitável referir o ascendente que o corpo de água que a banha tem sobre si. O estuário do Tejo é uma força dominante que moldou este território e também a sua

atividade económica durante anos, deixando uma herança de edificado ligado ao mesmo, do qual é exemplo o Moinho de Maré. A Palafita, uma das tentativas mais ancestrais da humanidade de fazer da água terra, é assim uma escolha que procura preservar esta herança e restabelecer de forma orgânica uma relação entre o lugar, a margem e quem o visita.

A Memória é o último dos elementos desta tríade, em conjunto com o Lugar e a Margem, e a sua análise merece um estudo aprofundado sobre as origens e desenvolvimento da Quinta Braamcamp. Paralelamente, numa fase pré-conceptual existiu uma reflexão aprofundada sobre o papel da Arquitetura na preservação da memória de um lugar e do equilíbrio entre o passado e o presente, num âmbito de um processo de reabilitação que se deseja que seja estimulado pela memória, mas não coibido por esta. Ademais, apresentam-se alguns casos de estudo que guardam em si exemplos válidos desta dicotomia.

O projeto culmina assim numa proposta de intervenção que procura refletir um partido conceptual alicerçado nessa mesma memória. O conjunto de edifícios propostos parte de uma matriz de edificado existente e inclui tanto segmentos de reabilitação e amplificação do mesmo como construção de raiz.

## **8 | BIBLIOGRAFIA**

## 8.1 | BIBLIOGRAFIA CONSULTADA E REFERENCIADA

- AUGÉ, Marc- *Não lugares: introdução a uma antropologia da sobremodernidade*. ([1992] 2005), Lisboa
- ANA David - *Trienal de Arquitectura de Lisboa 2007: Vazios urbanos*. Lisboa, 2007
- BAHAMÓN, Alejandro- PALAFITA; *Da Arquitectura Vernácula à Contemporânea*, Lisboa, 2009
- BERTRAND, George- *Paysage et Géographie physique globales: esquisse methodologique*, Toulouse, 1968
- BIRD, James – *The Major Seaports of the United Kingdom*. Hutchinson 1963
- BOSI, Ecléa - *Memória e sociedade: Lembranças de Velhos*. 14ª Edição: Companhia das Letras, Brasil, 2007.
- COSTA, Carlos – *Turismo e cultura: avaliação das teorias e práticas culturais do setor do turismo (1990-2000)*. 2005
- CUNHA, Licínio - *A Definição e o Âmbito do Turismo: um aprofundamento necessário* in Repositório Científico Lusófona, Lisboa, 2010
- DEUXIEME, Tome- *Comptes Rendus Du Congrès International De Geographie Amsterdam*, 1938
- FARIA, Miguel; MENDES José - *Actas do Colóquio Internacional Industrialização em Portugal no Século XX: O caso do Barreiro*. 1ª Edição: EDIUAL, 2010
- HALBWACHS, Maurice – *A Memória Coletiva*. 1ª Edição: Vértice. (tradução do Original *La Mémoire Collective*) Brasil, 1990
- NOBERG-SCHULZ, Christian - *Genius Loci, Towards a Phenomenology of architecture*. Rizzoli, 1984
- LINCH, Kevin - *A imagem da cidade*. 1ª Edição: Edições 70, Lisboa. 1960
- KUNSTLER, J - *O Fim do Petróleo – o grande desafio do séc. XXI*. Lisboa, 2006



- MACHADO, Fernando Luís; COSTA, António Firmino - *Processos de uma modernidade inacabada: Mudanças estruturais e mobilidade social*; 1998
- MAGALHÃES, M. R. – *Paisagem- Perspetiva da Arquitetura Paisagista*. Lisboa, 2007
- MENDES, Maria Clara- *O Planeamento Urbano na CE: evolução e tendências*, Dom Quixote, Lisboa 1990
- MEYER, Han - *City and Port: The Transformation of Port Cities: London, Barcelona, New York and Rotterdam: changing Relations between Public urban Space and large-scale infrastructure*. International Books. Michigan, 1999
- PADRÃO, Cabeça – *Um olhar sobre o Barreiro*. Editor Augusto Pereira Valegas, Revista não periódica, Barreiro 1985
- PAIS, Armando da Silva - *O Barreiro contemporâneo: a grande e progressiva vila industrial*. Barreiro, 1965
- PAIS, Armando da Silva – *O Barreiro Antigo e Moderno; As outras terras do Concelho*. Barreiro, 1963
- PERALTA, Elsa - *A memória do mar: Património, tradição e (re)imaginação identitária na contemporaneidade*. Instituto Superior Ciências Sociais E Políticas, Lisboa, 2008.
- PORTAS, Nuno - *Cidades e Frentes de Água/Cities and Waterfronts*; Centro de Estudos FAUP, Porto. 1998
- QUEIRÓS, Eça de - *O Primo Basílio*. Livraria Chardron, Porto, 1878
- ROSSI, Aldo – *A Architectura da Cidade*. Edições Cosmos, 2001
- SERRA; Nuno - *Estado, Território e Estratégias de Habitação*, Quarteto Editora, Coimbra, Fevereiro de 2002
- TELLES, M de Q.; ROCHA, M.B. da; PEDROSO, M. L. & MACHADO, S.M. de C. - *Vivências integradas com o meio ambiente*. São Paulo, 2002.
- ZUMTHOR, Peter – *Pensar a Architectura*, Barcelona, 2009

## 8.2 | NORMATIVAS, LEGISLAÇÃO E OUTROS DOCUMENTOS

- Decreto de Lei 574 de 1970; 24 de Novembro de 1970
- Decreto-Lei 21697, de 30 de Setembro de 1932
- Diário da República, 1ª Série- Nº 222 no Decreto de Lei 36 de 1997; 25 de Setembro de 1997
- Diário da República, 1ª Série- Nº 158 no Decreto de Lei 191 de 2009; 17 de Agosto de 2009
- ICOMOS; Carta de Cracóvia 2000; Cracóvia; 2000
- ICOMOS; 1995 – Carta de Lisboa sobre a Reabilitação Urbana Integrada – 1º Encontro Luso-Brasileiro de Reabilitação Urbana; 1995
- PDM, Município do Barreiro
- CARTA DE NIZHNY TAGIL SOBRE O PATRIMÓNIO INDUSTRIAL The International Committee for the Conservation of the Industrial Heritage (TICCIH), Julho 2003

## 8.3 | WEBGRAFIA

- <http://www.jf-corroios.pt/patrimonio-historico/moinho-de-mare>
- [https://www.culturanorte.pt/fotos/editor2/1995\\_\\_carta\\_de\\_lisboa\\_sobre\\_a\\_reabilitacao\\_urbana\\_integrada-1%C2%BA\\_encontro\\_luso-brasileiro\\_de\\_reabilitacao\\_urbana.pdf](https://www.culturanorte.pt/fotos/editor2/1995__carta_de_lisboa_sobre_a_reabilitacao_urbana_integrada-1%C2%BA_encontro_luso-brasileiro_de_reabilitacao_urbana.pdf)
- <http://www.patrimoniocultural.gov.pt/media/uploads/cc/ConvencaoparaaProteccaodoPatrimonioMundialCulturaleNatural.pdf>
- [http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP\\_PagesUser/SIPA.aspx?id=5664](http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=5664)
- <http://www.turismodeportugal.pt/Portugu%C3%AAs/Pages/Homemepage.aspx>
- <https://patrimoniobarreiro.wordpress.com/publicacoes/artigos/895-2/>
- <https://patrimoniobarreiro.wordpress.com/publicacoes/artigos/os-antigos-moinhos-de-mare-da-verderena/>

- <https://www.archdaily.com/22243/la-purificadora-hotel-legorreta-legorreta>
- <https://www.archdaily.com/428310/cabanas-no-rio-aires-mateus>
- <https://www.archdaily.com/501330/hostal-ritoque-alejandro-soffia>
- <https://www.archdaily.com/200309/el-pintado-tidal-mill-manuel-fonseca-gallego-javier-lopez-ramon-pico>
- <https://www.archdaily.com/263158/the-waterhouse-at-south-bund-neri-hu>

#### 8.4 | OUTROS:

- AAVV- *Urban Regeneration Initiative of the Year; Urban Regeneration of Barreiro's Central Business District (CBD)*, Barreiro, Câmara Municipal do Barreiro, 2009
- AAVV- *Workshop Estejo: Alburrica*, Lisboa, Faculdade de Arquitetura e Artes da Universidade Lusíada, 2013
- SANTOS, Emanuel AM- *My place in the XXI: Barreiro 2033* Barreiro, Câmara Municipal do Barreiro
- AAVV- *Candidatura para a Regeneração Programada da Área Ribeirinha de Alburrica*. Barreiro, Câmara Municipal do Barreiro, Departamento de Planeamento e Gestão Urbana, 2009



## 9 | ANEXOS

## 9.1 | CONCEITOS

**Reabilitação:** "Obras que têm por fim a recuperação e beneficiação de uma construção, resolvendo as anomalias construtivas, funcionais, higiénicas e de segurança acumuladas ao longo dos anos, procedendo a uma modernização que melhore o seu desempenho até próximo dos atuais níveis de exigência." (ICOMOS, 1995)

**Identidade:** "Entende-se como a referência coletiva englobando, quer os valores atuais que emanam de uma comunidade, quer os valores autênticos do passado." (ICOMOS, 2000)

**Património Natural:** "Os monumentos naturais constituídos por formações físicas e biológicas ou por grupos de tais formações com valor universal excecional do ponto de vista estético ou científico; As formações geológicas e fisiográficas e as zonas estritamente delimitadas que constituem habitat de espécies animais e vegetais ameaçadas, com valor universal excecional do ponto de vista da ciência ou da conservação; Os locais de interesse naturais ou zonas naturais estritamente delimitadas, com valor universal excecional do ponto de vista da ciência, conservação ou beleza natural." (UNESCO, 1972)

**Conjuntos Turísticos (resorts):** "São conjuntos turísticos (resorts) os empreendimentos constituídos por núcleos de instalações funcionalmente interdependentes, situados em espaços com continuidade territorial, ainda que atravessados por estradas e caminhos municipais já existentes, linhas de água e faixas de terreno afetas a funções de proteção e conservação de recursos naturais, destinados a proporcionar alojamento e serviços complementares de apoio a turistas, sujeitos a uma administração comum de serviços partilhados e de equipamentos de utilização comum, que integrem pelo menos

dois empreendimentos turísticos, sendo obrigatoriamente um deles um estabelecimento hoteleiro." (Turismo de Portugal)

**Memória:** É a capacidade dos indivíduos de reterem a informação visual, auditiva e motora. A memória é uma lembrança, reminiscência, recordação. (Dicionário da língua Portuguesa)

**Conservação:** "é o conjunto das atitudes de uma comunidade que contribuem para perpetuar o património e os seus monumentos. A conservação do património construído é realizada, quer no respeito pelo significado da sua identidade, quer no reconhecimento dos valores que lhe estão associados." (ICOMOS, 2000)

**Restauro:** "é uma intervenção dirigida sobre um bem patrimonial, cujo objetivo é a conservação, da sua autenticidade e a sua posterior apropriação pela comunidade." (ICOMOS, 2000)

**Palafita:** É um conjunto de estacas colocadas verticalmente e horizontalmente que sustentam uma construção acima do solo ou sobre a água. A palafita é normalmente uma estrutura em madeira ou metal e é utilizada maioritariamente nas margens dos rios, lagoas e baías. São utilizadas também para uma construção mais anfíbia, não danificando a área de implantação protegendo-a. (BAHAMÓN, Alejandro 2009)

## 9.2 | CASOS DE ESTUDO (outros)

### **Vila Galé Albacora**

Como primeiro caso de estudo optámos por escolher o caso de Tavira onde é possível perceber a reabilitação/recuperação do antigo Arraial Ferreira Neto e sua transformação num complexo hoteleiro com diversas funções. Este projeto foi levado a cabo pelo Engenheiro Sena Lino em 1943, anteriormente o arraial incluía instalações industriais, instalações habitacionais que serviam cerca de 150 famílias de pescadores, e incluía também uma escola, um posto médico, balneários, uma capela, um clube recreativo e sanitários públicos. Após a intervenção arquitetónica, o espaço dispõe agora de 162 quartos, piscina exterior, restaurantes, bar, parque para as crianças e um SPA com jacuzzi, sauna, piscina interior aquecida, banho turco, duchas, salas para massagens e tratamentos e um ginásio. O hotel é o resultado de uma recuperação do arraial de pesca de atum e localiza-se no Parque Natural da Ria Formosa, perto de Tavira onde é possível participar em várias atividades como a pesca, o mergulho, observação de espécies e outras atividades náuticas e térreas.

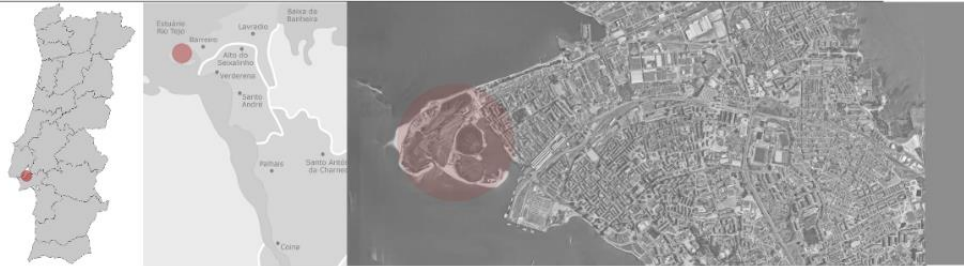



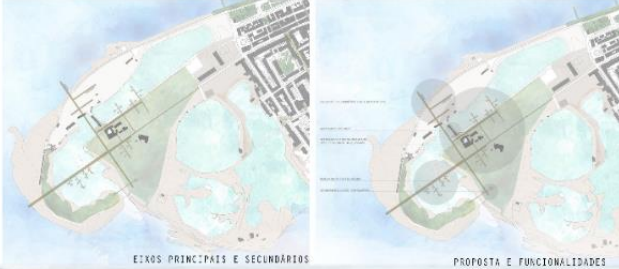
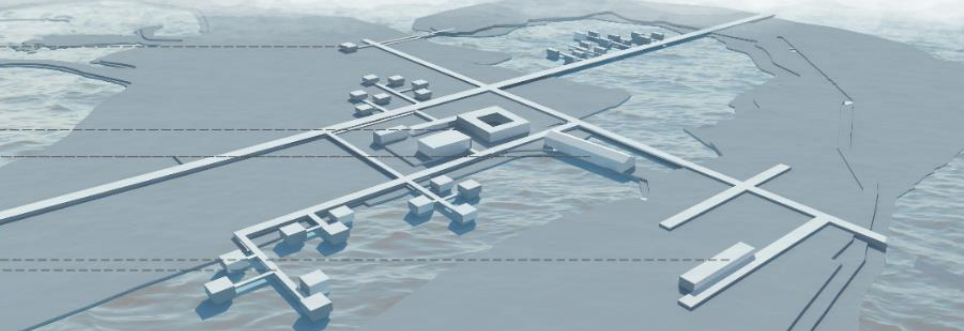
### **Cocoon Eco Design Lodges**

Um outro caso de estudo é o projeto denominado de "Cocoon Eco Design Lodges" e trata-se de um empreendimento de turismo rural na Comporta que balança a relação entre a harmonia, a natureza e o mar tendo como base de conceito a sustentabilidade, a baixa densidade de ocupação e a preocupação com o meio ambiente. Esta unidade de turismo rural é composta por cerca de 30 casas modulares pré-fabricadas em madeira numa propriedade de 28 hectares e foi desenhada pela empresa "Arquiporto" com um objetivo ecológico.



As habitações apresentam um traço contemporâneo e abordagem funcional, com 12 metros por 13,5 e albergam dentro dessa área um quarto principal, um quarto secundário, uma instalação sanitária, cozinha e sala. O sistema modular funciona como um LEGO o que permite que as casas possam ter o dobro do tamanho, e possam ser desmontadas ou reposicionadas muito facilmente. O Cocoon tem também um grande leque de opções em as atividades de lazer, porque é possível usufruir de um lago biológico, passeios a pé, a cavalo ou bicicleta, existem áreas dedicadas exclusivamente às crianças e outras onde é exequível vários desportos náuticos devido à sua proximidade com as praias e outros ambientes naturais.

### 9.3| PAINÉIS DA DISCIPLINA DE SEMINÁRIOS (Análise urbana, conceptual, funcional e histórica)

<p><b>TÍTULO</b> ALBURRICA À MARGEM</p> <p><b>SUBTÍTULO</b> REABILITAR O PATRIMÓNIO NO CONTEXTO DO ESPAÇO NATURAL</p> <p>A ESCOLHA DO LUGAR: - GRANDES POTENCIALIDADES - PAISAGEM - ORIENTAÇÃO - FRENTE RIBEIRINHA</p> <p>LOCALIZAÇÃO ESCALA NACIONAL DA LOCALIZAÇÃO ESCALA REGIONAL DA LOCALIZAÇÃO ESCALA LOCAL</p>	<p>FACULDADE DE ARQUITECTURA ULISBOA SEMINÁRIOS 5ºD 2018 INÉS MARIA DE NORDONHA CABACO Nº20121018</p> 
<p><b>CONCEITOS</b></p>	<p>REABILITAÇÃO   PALAFITA   PAISAGEM   CONJUNTO TURÍSTICO   MEMÓRIA   CONSERVAÇÃO</p>
<p><b>PROBLEMÁTICA</b></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• COMO ATRAIR A POPULAÇÃO DO INTERIOR DO BARREIRO PARA ALBURRICA?</li> <li>• COMO INTERVIR DE MODO A RESPEITAR A ESTRUTURA PRÉ-EXISTENTE?</li> <li>• COMO CRIAR ESPAÇOS DE INTERAÇÃO ENTRE A POPULAÇÃO LOCAL E VISITANTES?</li> <li>• COMO FAZER UM PROGRAMA FUNCIONAL PARA UMA CONSTRUÇÃO INDUSTRIAL EM RUÍNAS?</li> <li>- QUAL A IMPORTÂNCIA DA MEMÓRIA DE ALBURRICA PARA A POPULAÇÃO DO BARREIRO?</li> <li>- QUE DINÂMICAS SERÃO NECESSÁRIAS PARA REGENERAR O PARQUE NATURAL?</li> </ul> 
<p><b>OBJECTIVOS</b></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• PERCEBER O MODO DE HABITAR TEMPORÁRIO ALIADO A OUTRAS ACTIVIDADES.</li> <li>• COMPREENDER O IMPACTO DA IMAGEM FUTURA.</li> <li>• ANALISAR AS POSSIBILIDADES DE ATRAIR NOVOS RESIDENTES E VISITANTES.</li> <li>• CONCILIAR A PRESERVAÇÃO DO PATRIMÓNIO NATURAL COM A RECUPERAÇÃO DO EDIFICADO PRESENTE</li> <li>• PRESERVAR A IDENTIDADE DE ALBURRICA</li> <li>• FOMENTAR FUNÇÕES DE ATRATIVIDADE PARA INTENSIFICAR AS ACTIVIDADES ECONÓMICAS E SOCIAIS DO BARREIRO</li> </ul> 
<p><b>BIBLIOGRAFIA</b></p> <p>HISTÓRIA PLANO URBANO ESTRUTURA PALAFÍTICA PROGRAMAS PROPOSTOS INDUSTRIALIZAÇÃO EM PORTUGAL VAZIOS URBANOS OS ESPAÇOS</p>	 
<p><b>INTRODUÇÃO DE PONTOS DE VISTA E OBSERVATÓRIOS</b></p> <p>MANTER AS PRE-EXISTÊNCIAS DA QUINTA BRAAMCAMP</p> <p>VALORIZAR PATRIMÓNIO MOAGEIRO</p> <p>NOVOS EQUIPAMENTOS NOVO EDIFICADO NOVOS PERCURSOS</p>	

ALBURRICA À MARGEM  
REABILITAR O PATRIMÔNIO NO CONTEXTO DO ESPAÇO NATURAL

IMAGENS HISTÓRICAS

[...] o Tijuco, uma acção mais rápida  
 perto do mundo, e se grande seja  
 fazendo-se navegável no espaço de  
 vinte e quatro horas, para que não continue  
 na mesma languida, barrendo notícias  
 de todos os pontos, sem as quais  
 barra para o resto do Tijuco, e para  
 e outra parte, pontos do Tijuco  
 da parte Sul, e da Costa, e da  
 B'fe, e para o Sul, e para o Sul,  
 e para o Sul, e para o Sul, e para o Sul,  
 e para o Sul, e para o Sul, e para o Sul,  
 e para o Sul, e para o Sul, e para o Sul,

VASQUES, ANTÓNIO J. E. FAIA-  
FERNANDES MARCELO PORTUGAL  
em Portugal em revista "FORTES" 2011

## REFERÊNCIAS

EDIFÍCIOS INDUSTRIAIS  
TRANSPORTADOS EM  
NOVOS HOTÉIS

CASAS EM MADEIRA  
LOCALIZADAS  
PERTO DE ÁGUA

REABILITAÇÃO  
MOINHOS DE MARÉ

## ESTRUTURA BASE

ANTIGA FÁBRICA CORTIÇEIRA  
ESTRUTURA IRREGULAR  
PÁTIO INTERIOR  
ARCADAS  
RUÍNAS

## COBERTURA

A RELAÇÃO ENTRE O  
ANTIGO E O NOVO ATRAVÉS  
DA DIFERENCIAÇÃO DOS MATERIAIS


REABILITAÇÃO DA ESTRUTURA ANTIGA  
E INTRODUÇÃO DA MADEIRA COMO  
ELEMENTO DE CONTRASTE E  
DEFINIÇÃO DA PALATEIA

## INTERIORES

ALGANO

COSTS

## CALENDERIZAÇÃO

A photograph showing two small, weathered wooden buildings with gabled roofs, situated in a dry, sandy desert landscape under a clear blue sky. The buildings are made of vertical wooden planks and appear to be old or abandoned. There are some small, spiky desert plants in the foreground.

	JAN FEV	MAR ABR	MAY JUN	JUL AGO	SET OUT	NOV DEZ
1  INIMEDIÇÃO						
1.1   OBJECTO						
1.2   OBJECTIVO						
1.3   MODALIDADE						
2   LOCAL						
2.1   LOCALIZAÇÃO GEOGRÁFICA						
2.2   HISTÓRIA						
2.3   PATRIMÓNIO						
2.4   DEMOGRAFIA						
2.5   ACTIVIDADE ECONÓMICA						
3   A NARRAR						
3.1   MARGEM DO ESTUÁRIO DO TEJO						
3.2   TERRITÓRIO À MARGEM						
3.3   PLANOS E PROPOSTAS						
4   CASOS DE ESTUDO						
5   PROJECTS						
5.1   PROGRAMA						
5.2   CONCEITOS						
5.3   PRÉ-EXISTÊNCIAS						
5.4   ENFIQUEADO NOVO						

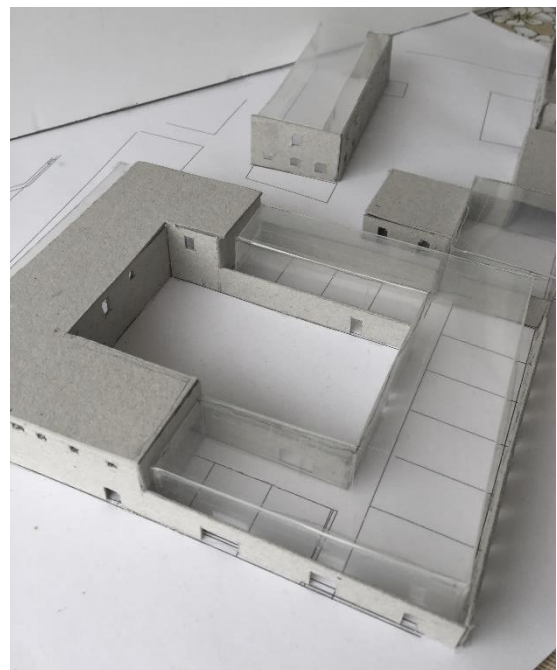
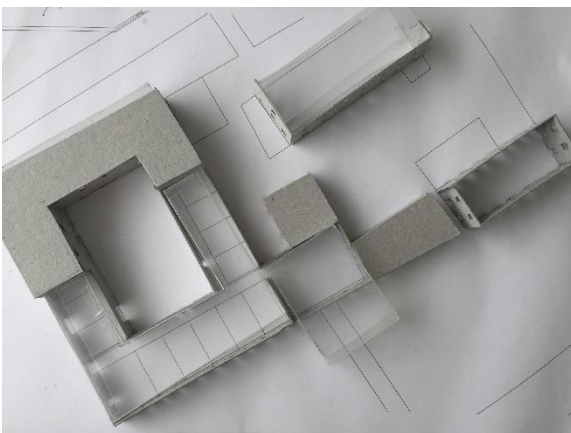
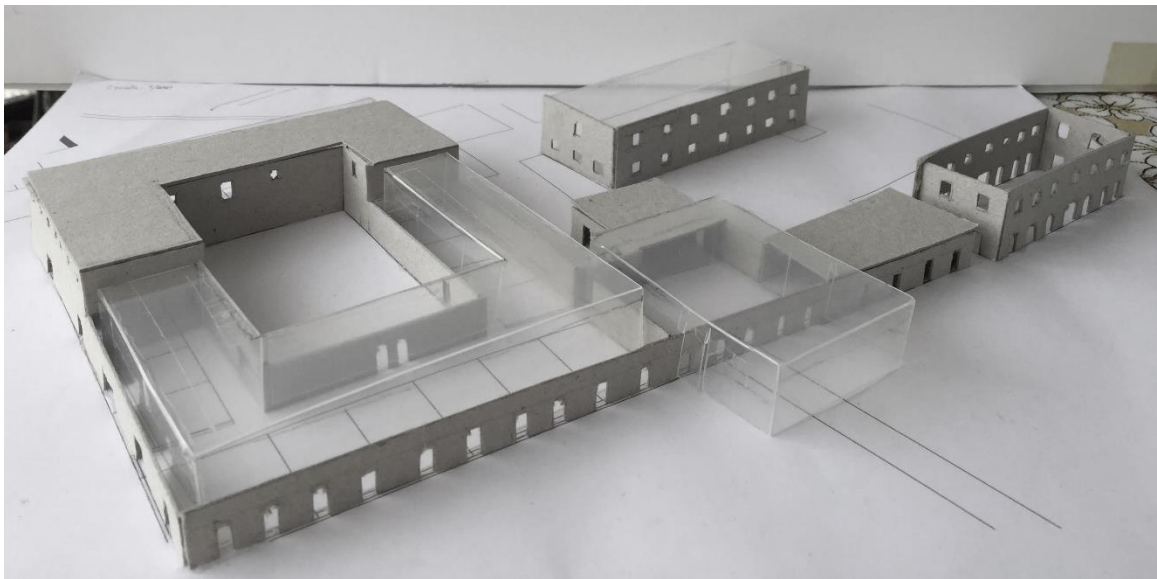
EVOLUÇÃO DOS ESQUIÇOS DESENHO URBANO

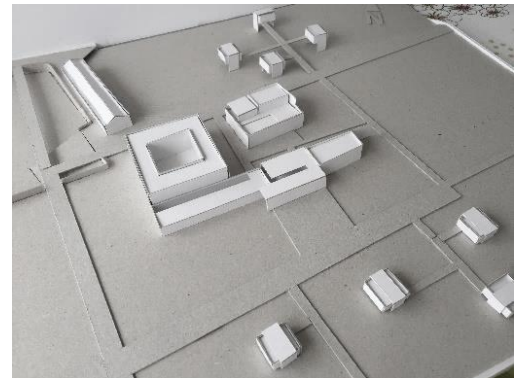
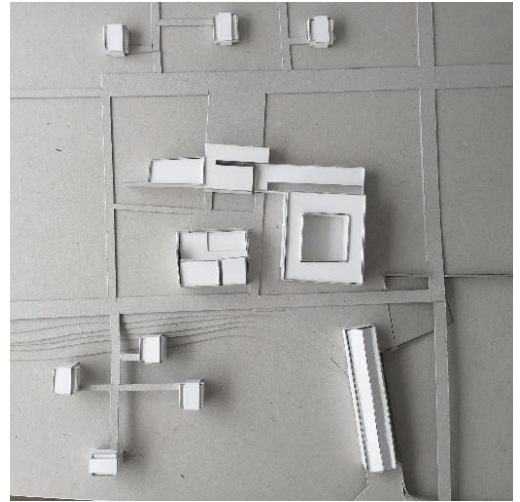
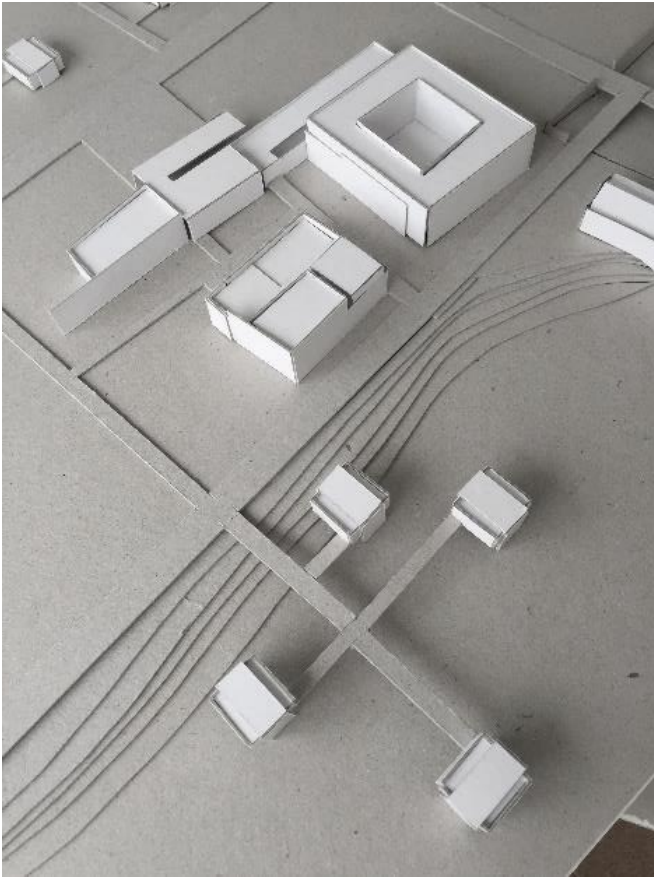
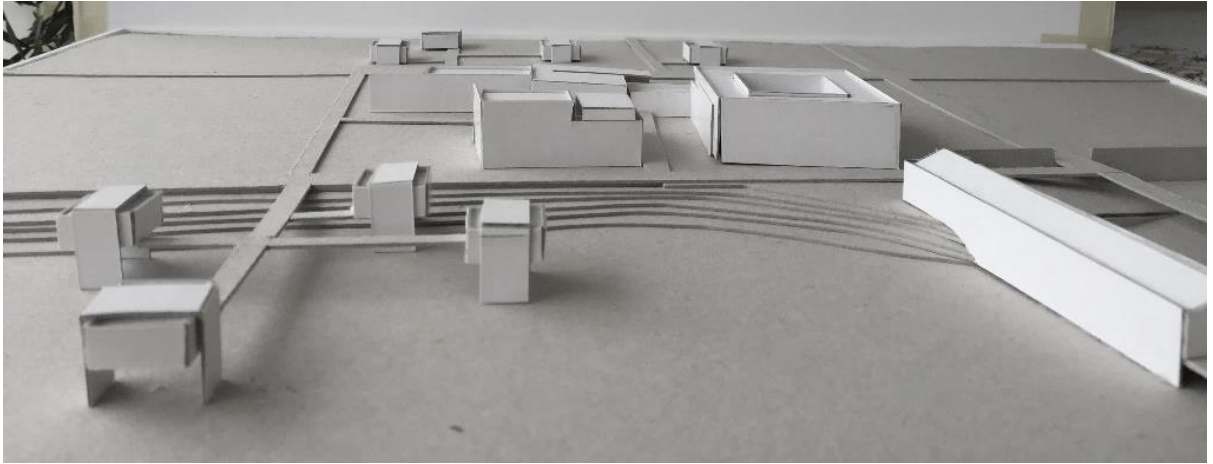
EVOLUÇÃO DOS ESQUIÇOS DESENHO ARQUITETÔNICO





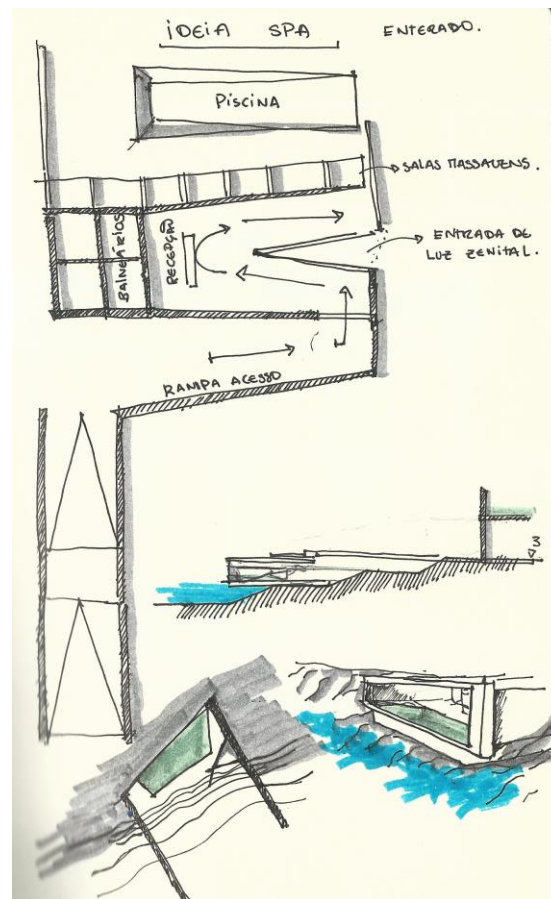
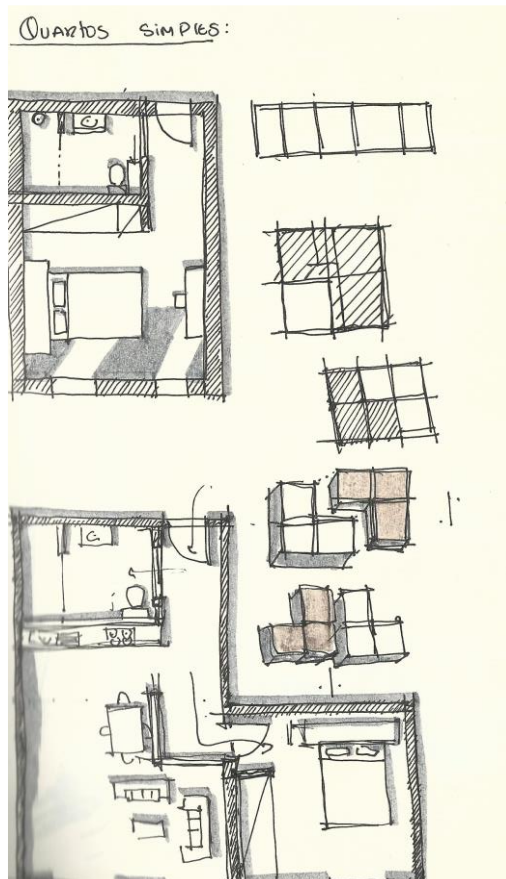
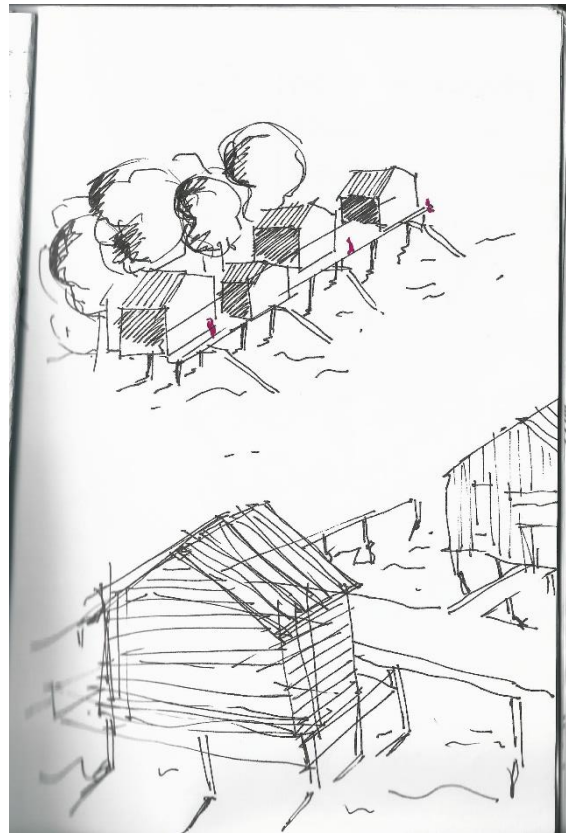
#### 9.4 | MAQUETES DE ESTUDO (1/200 e 1/500 respectivamente)

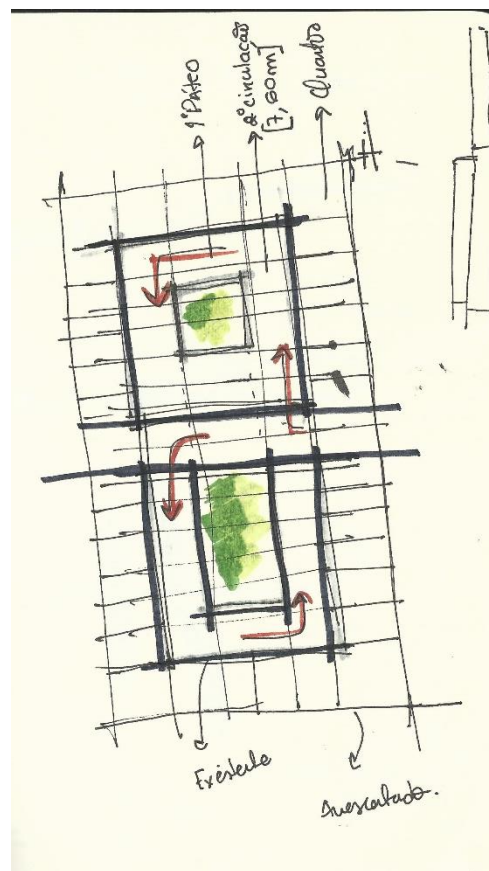
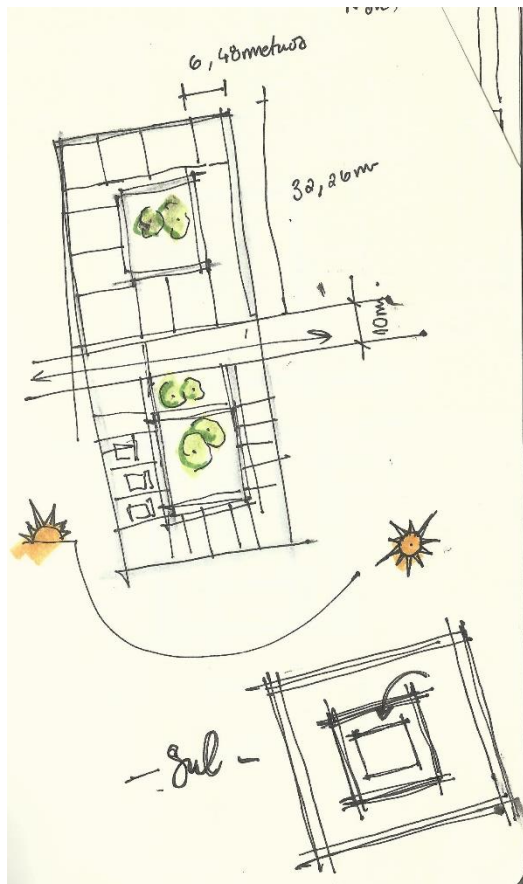
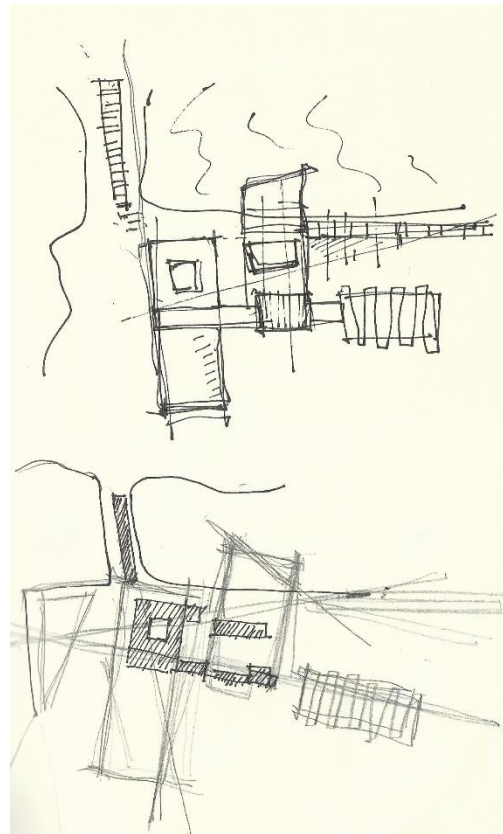
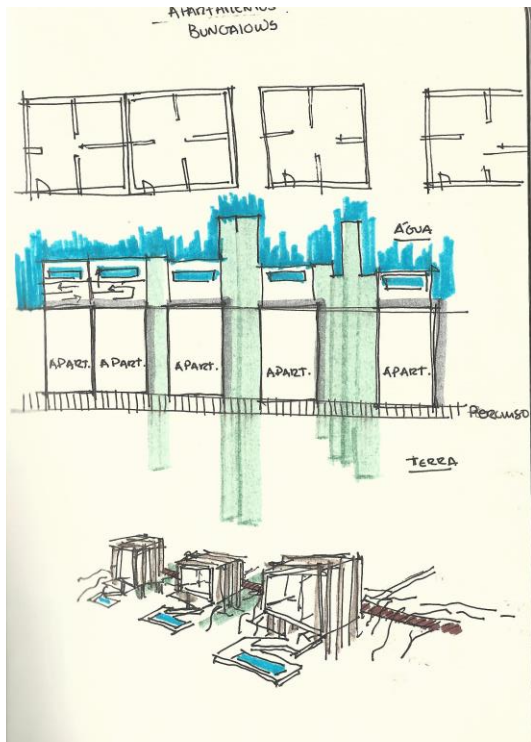






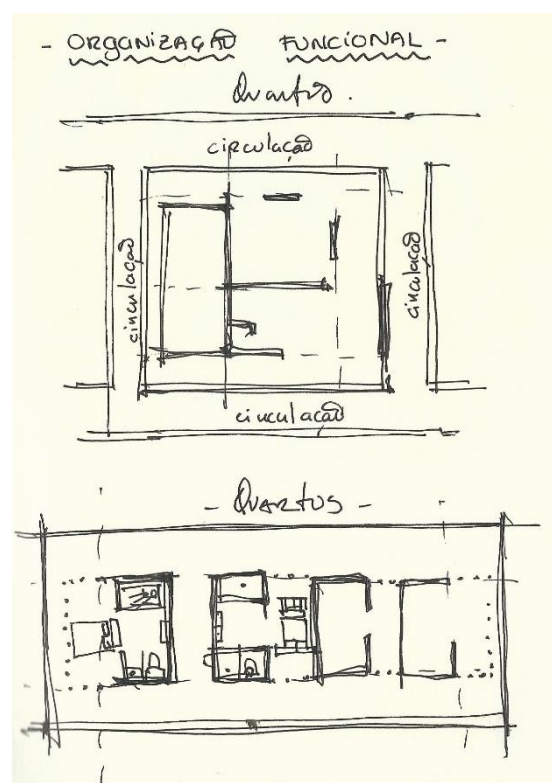
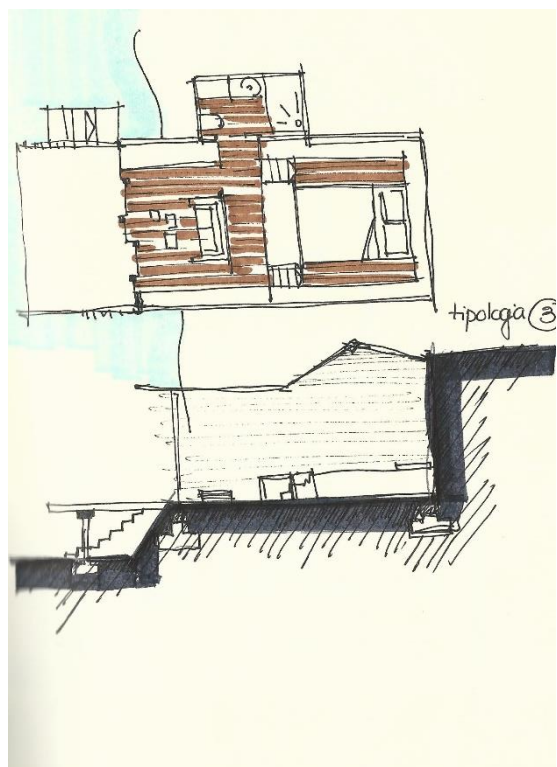
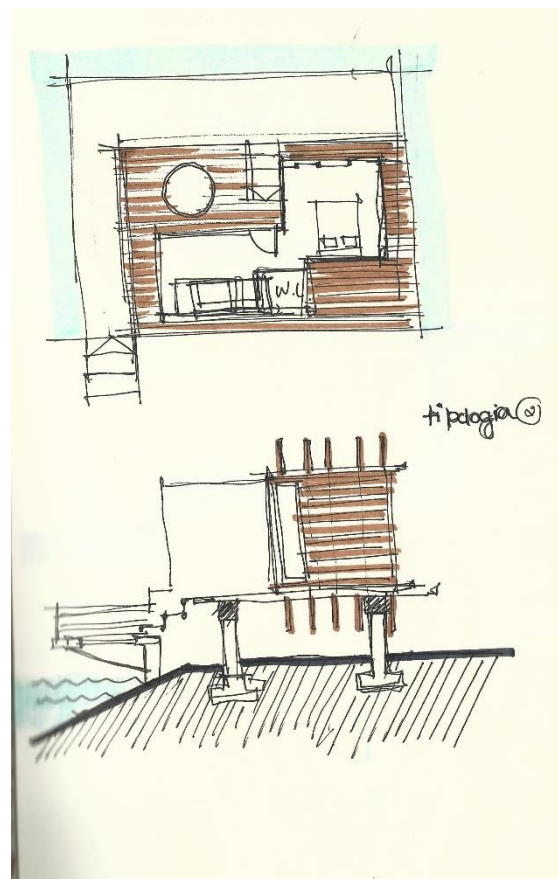
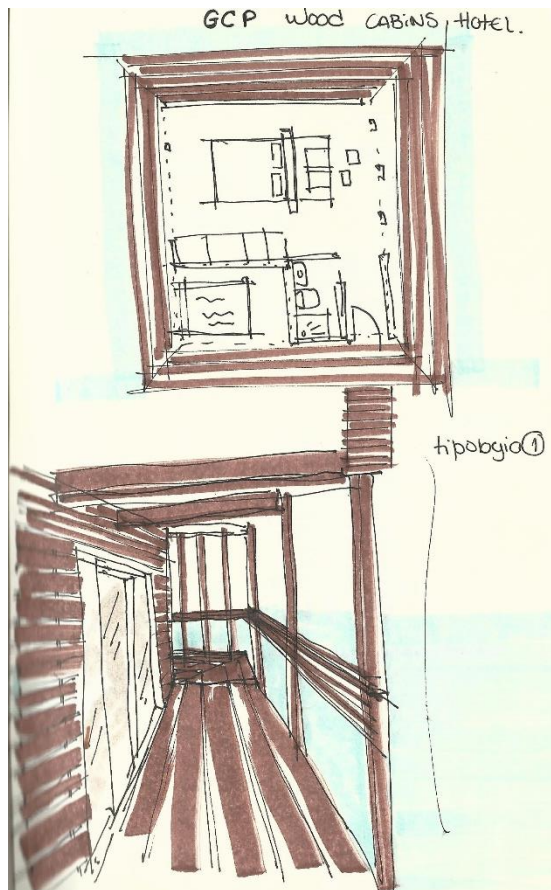
## 6.5 | ESQUIÇOS

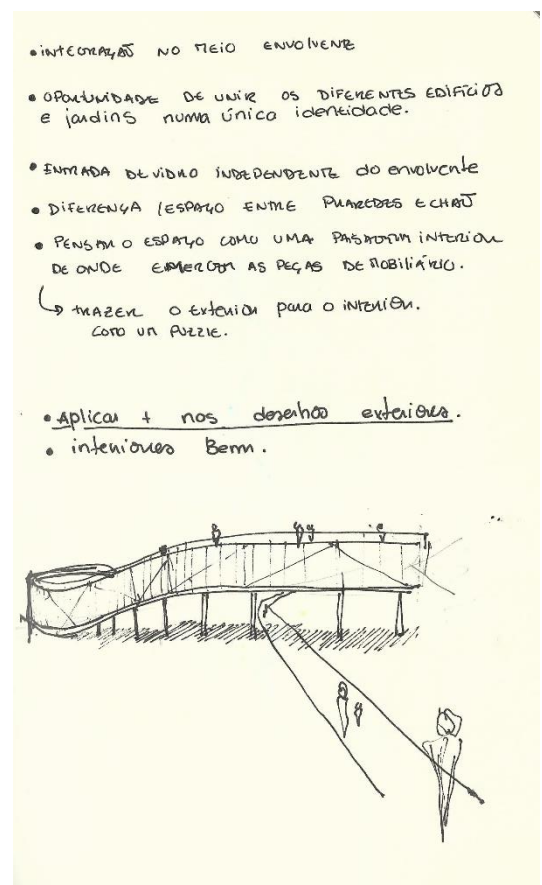
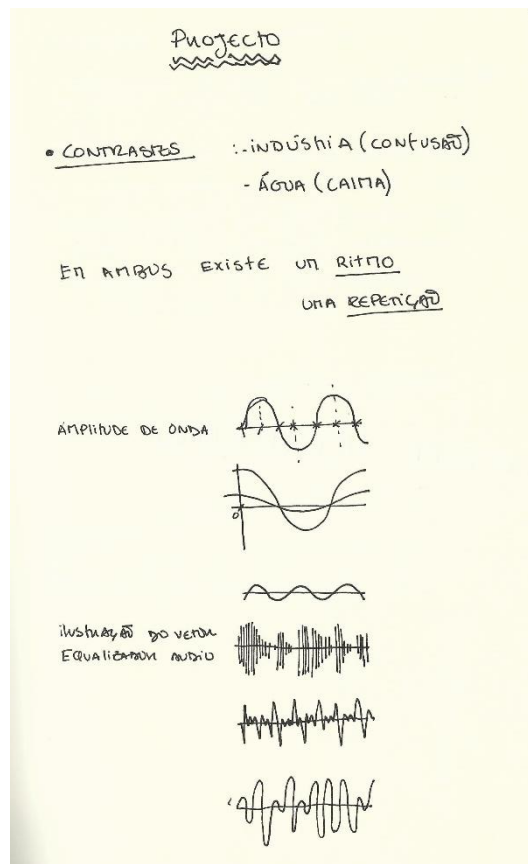
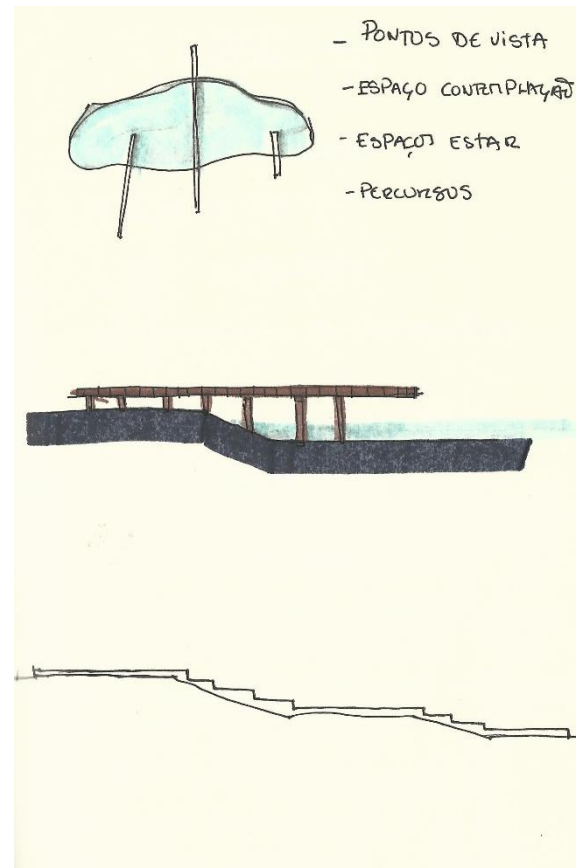






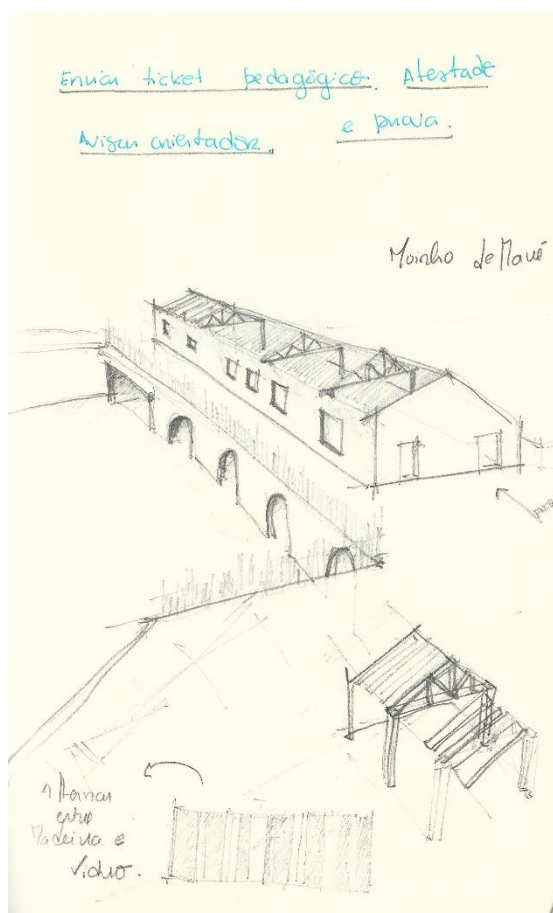
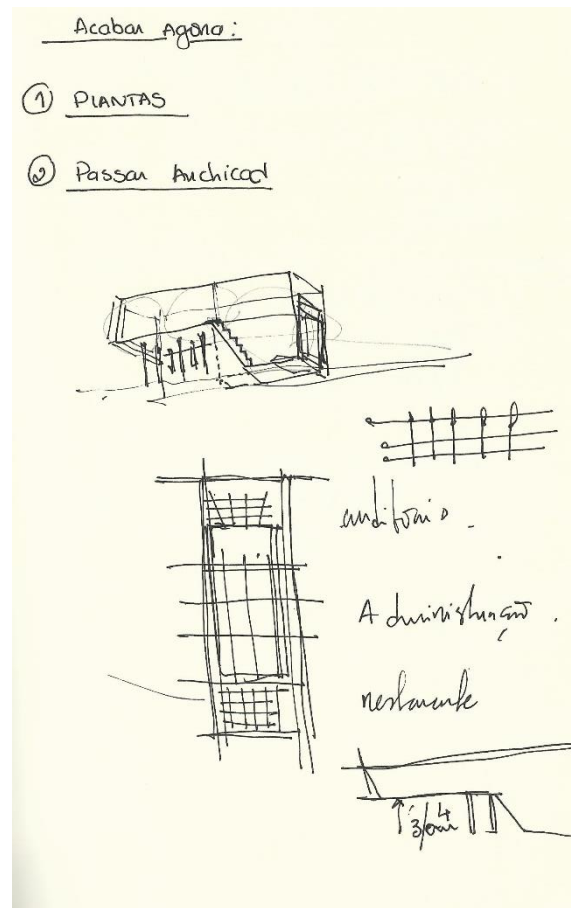
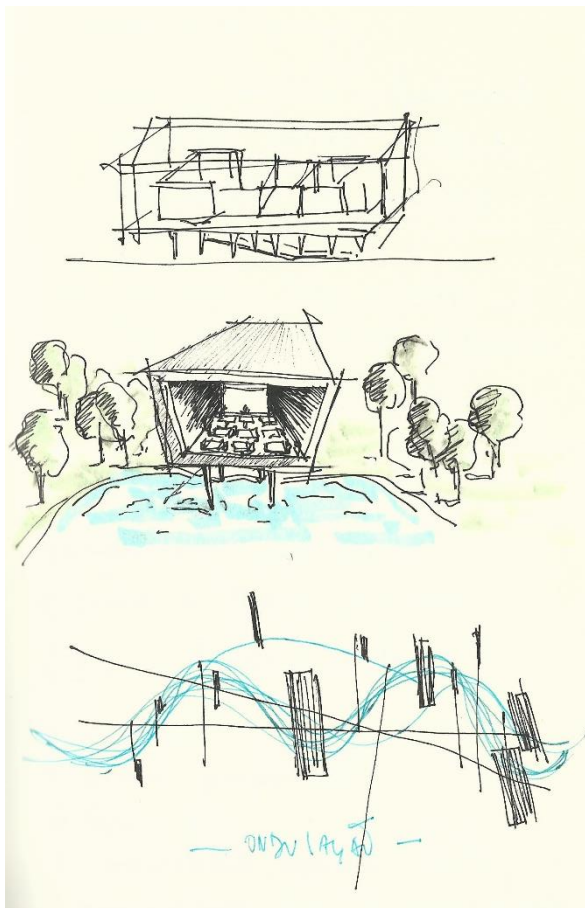


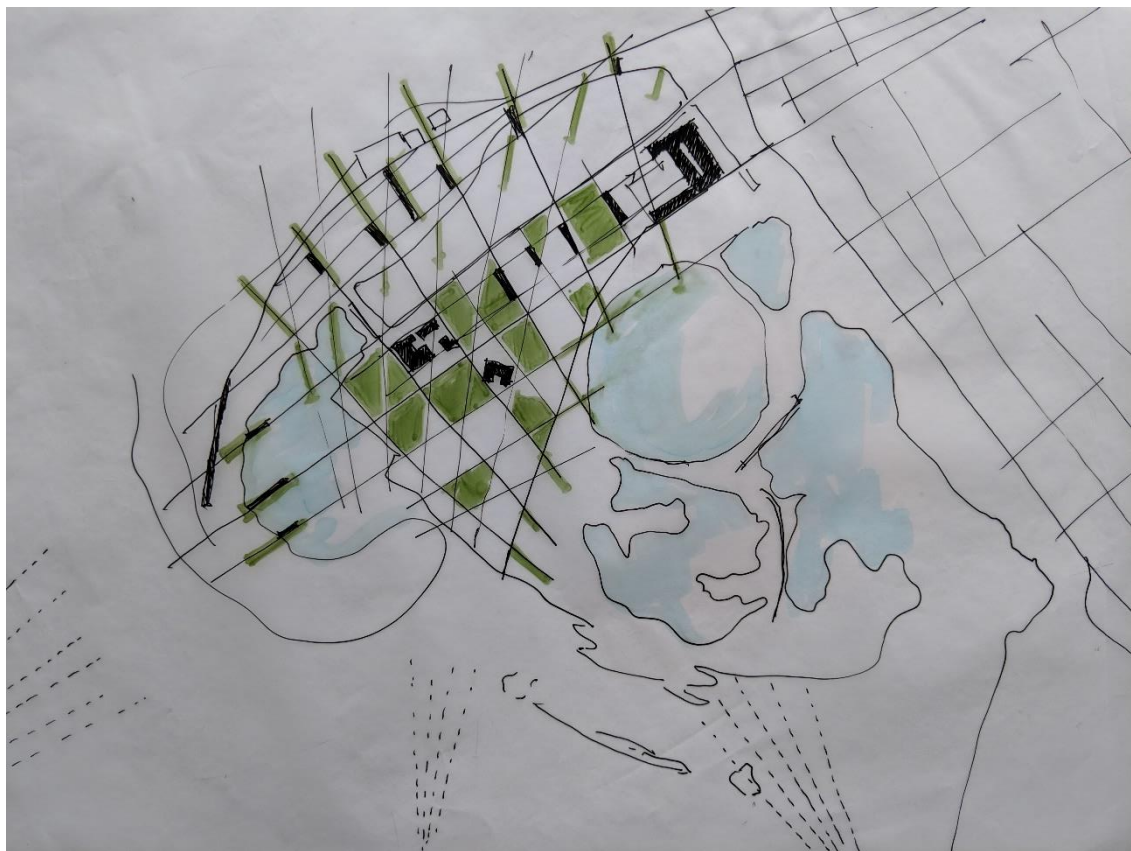
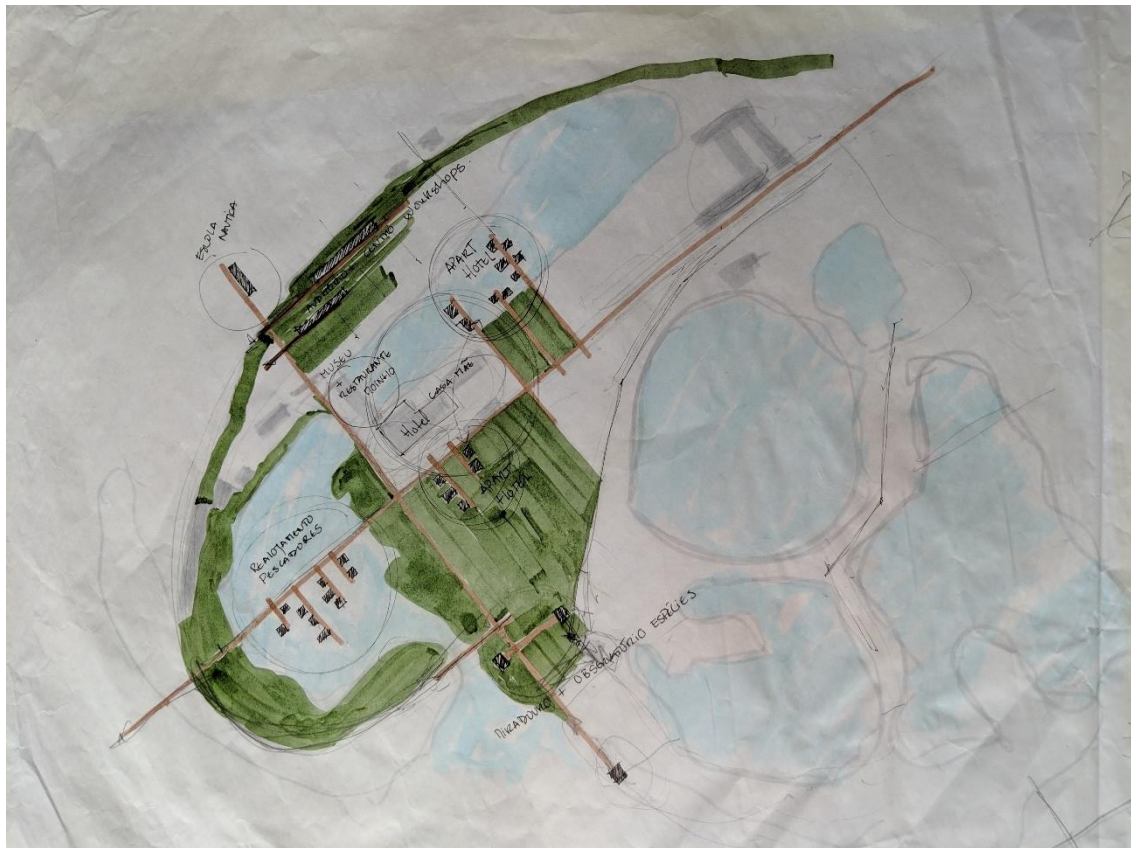




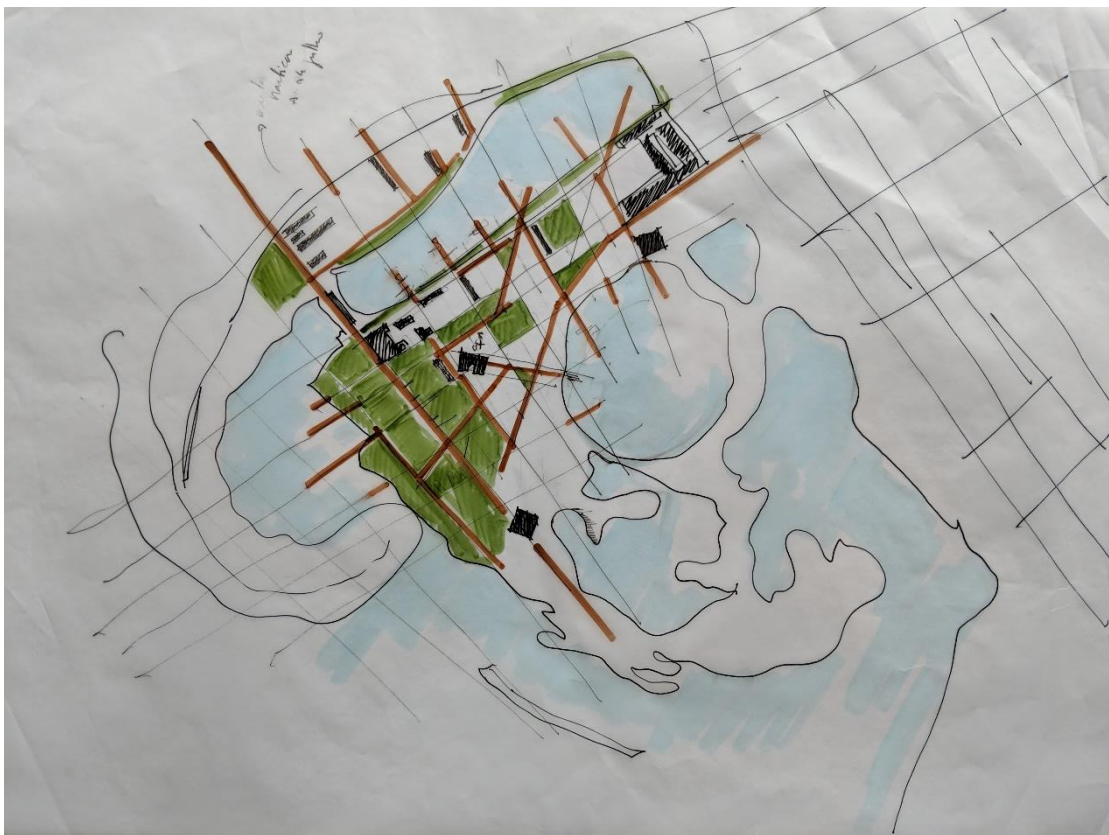






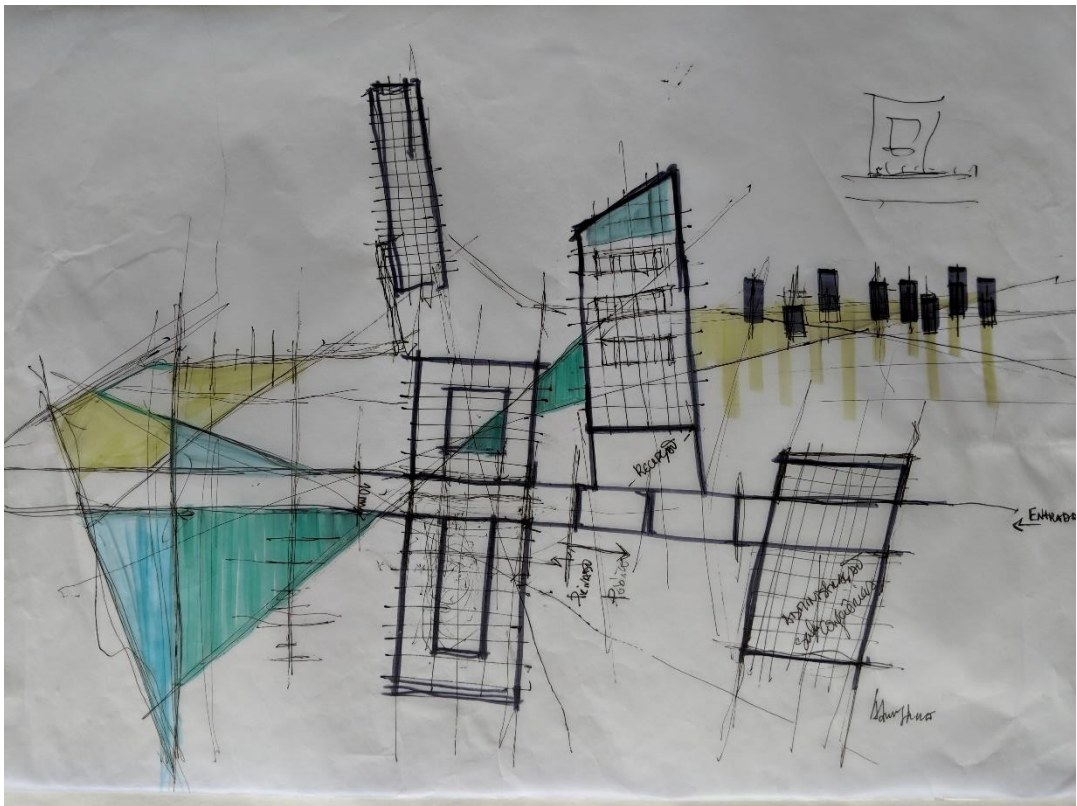
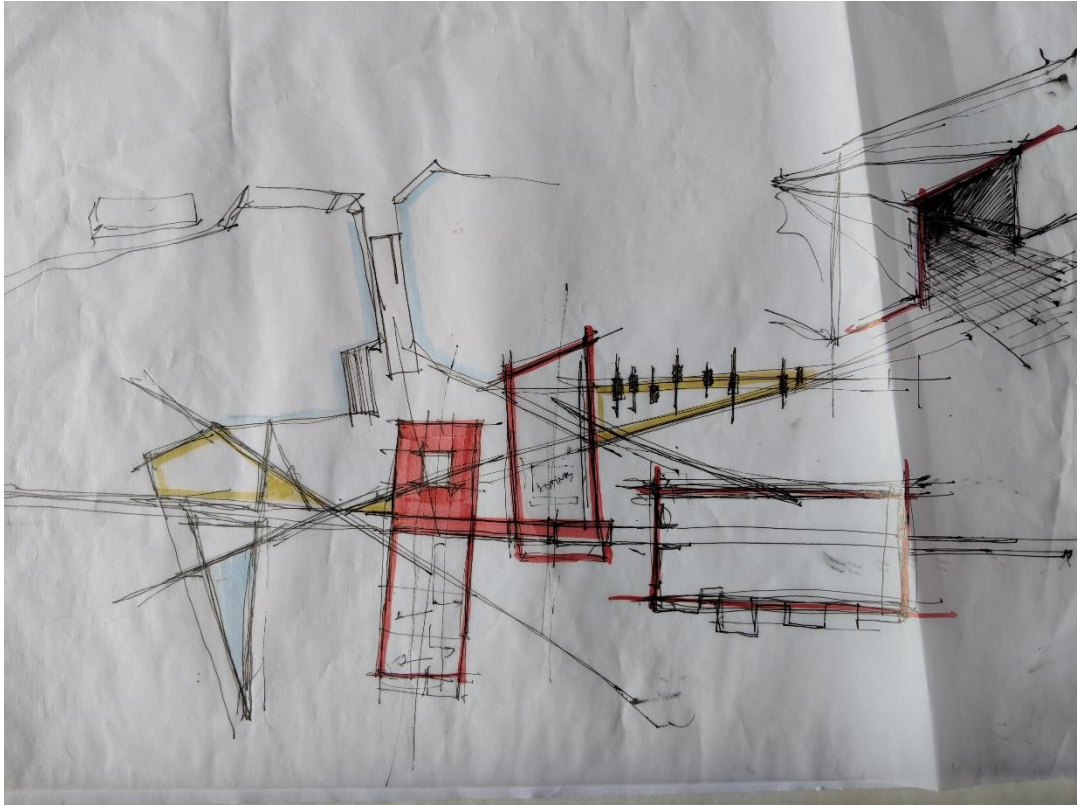




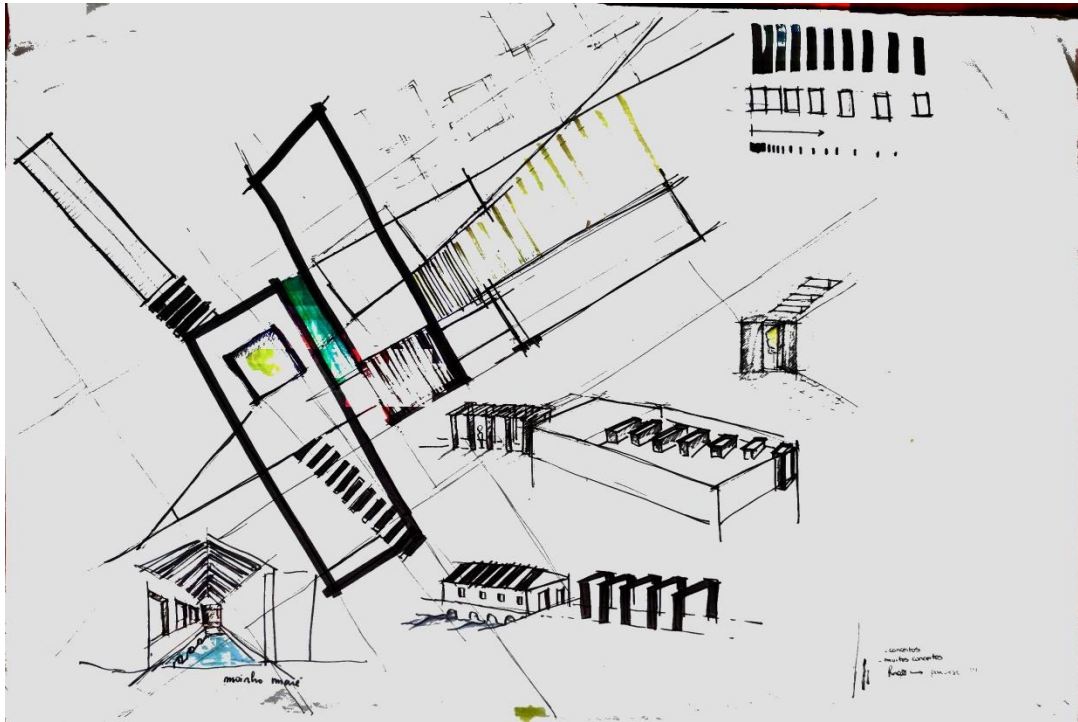


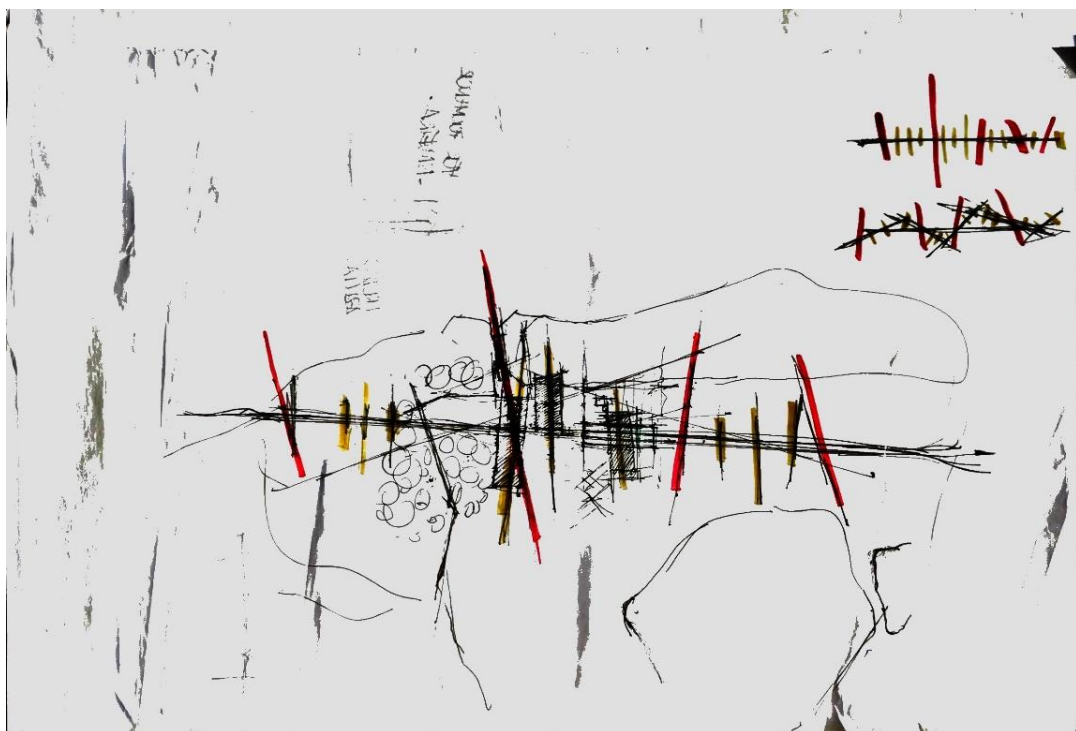
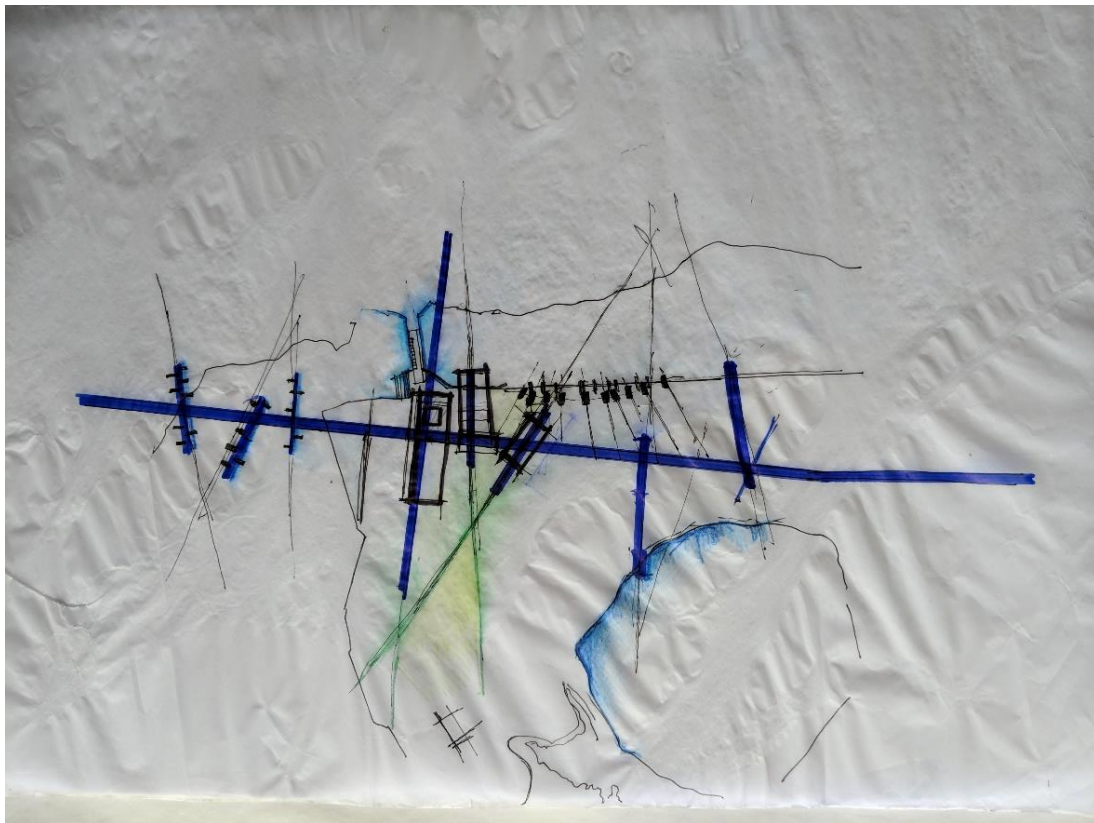


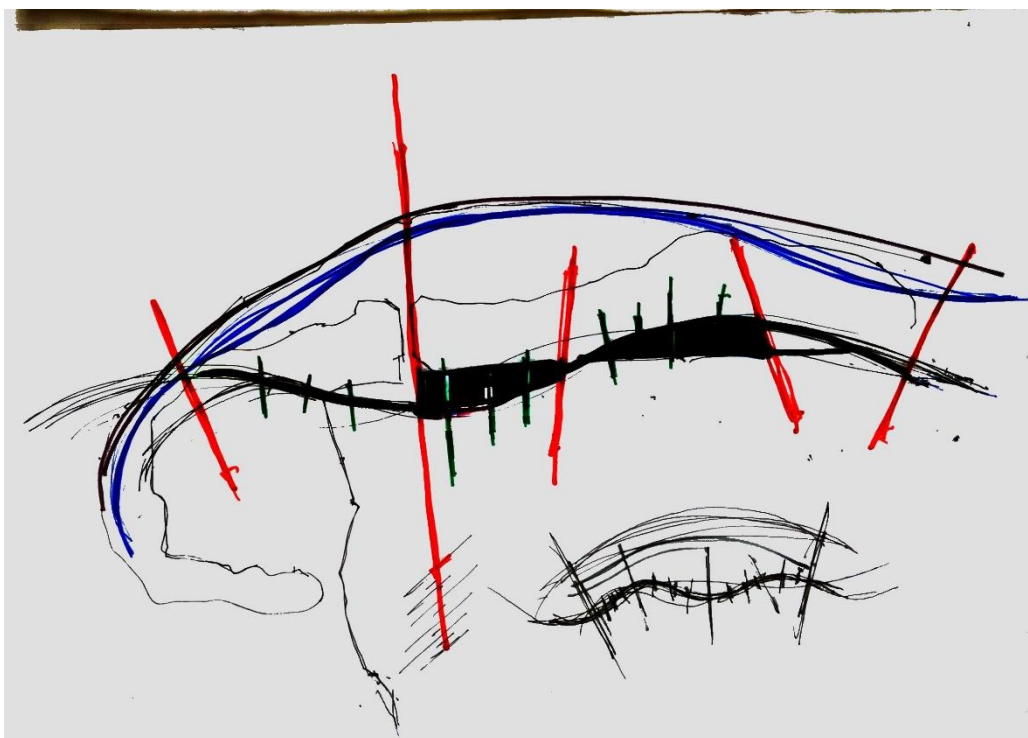
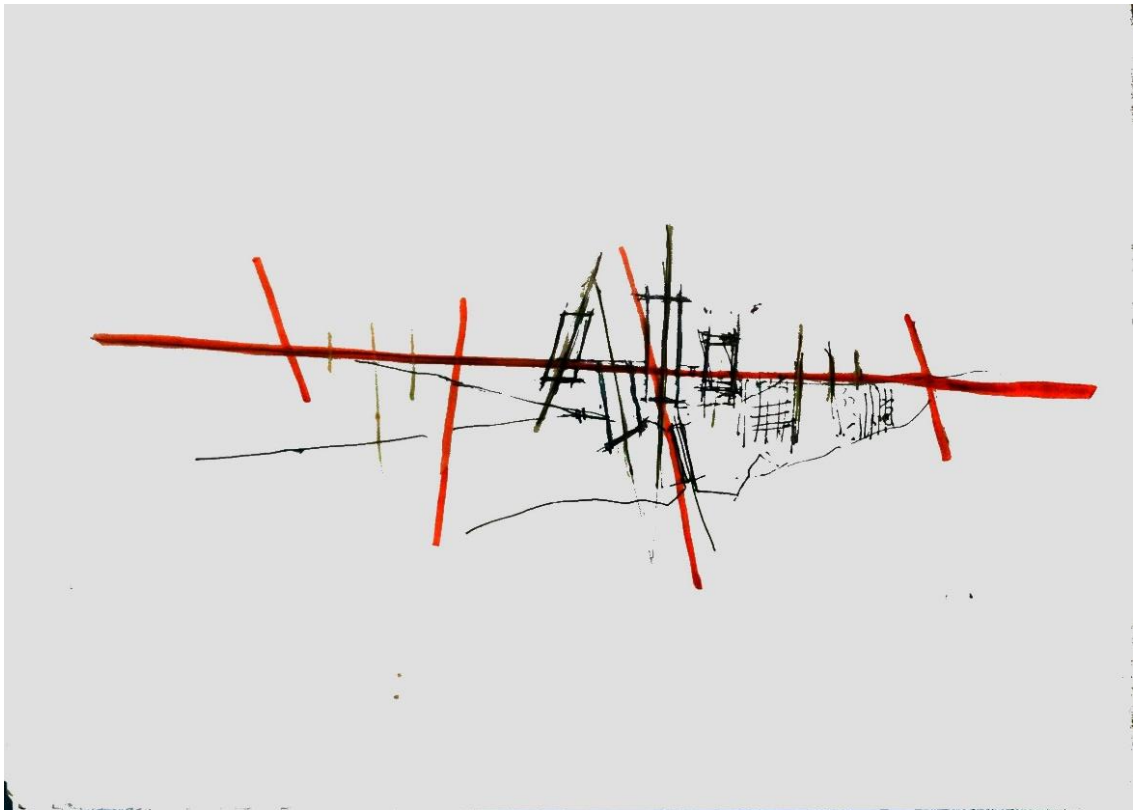




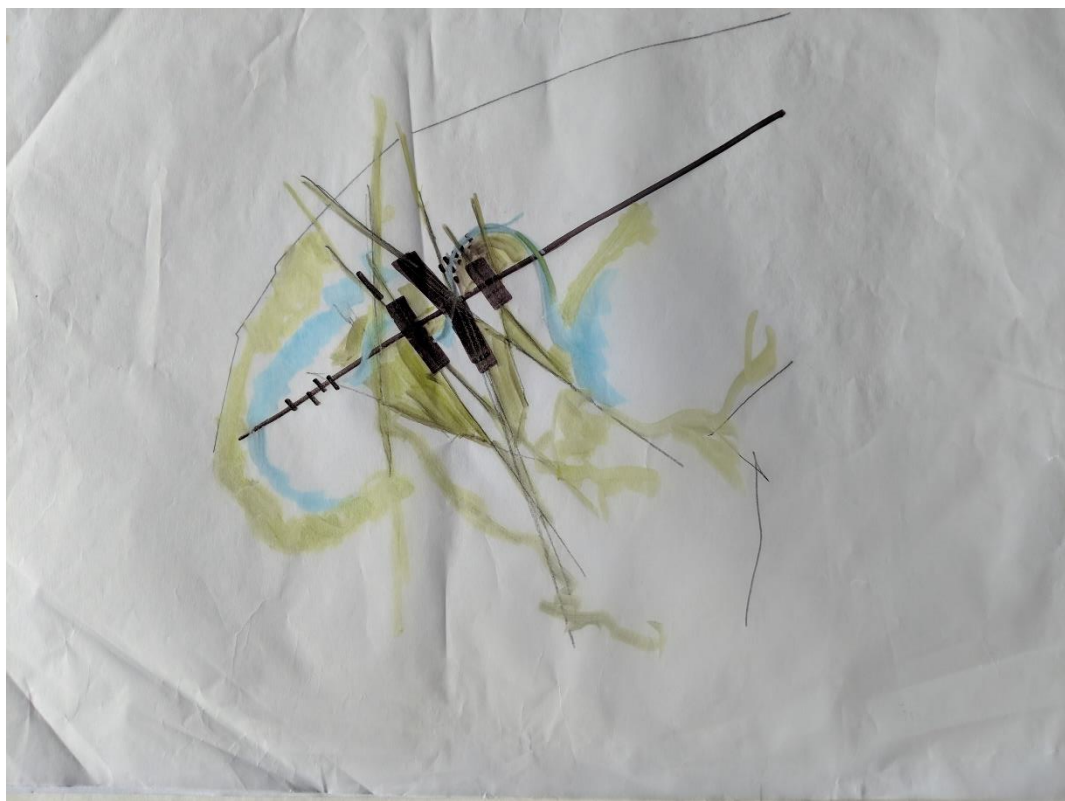


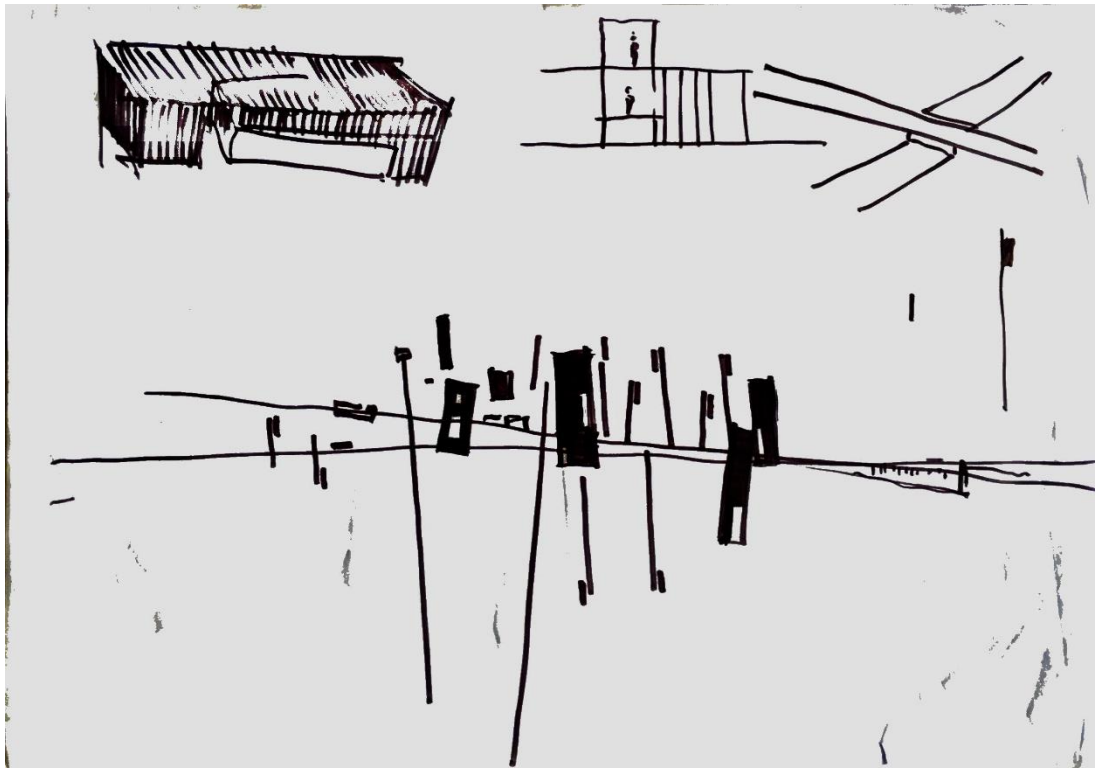


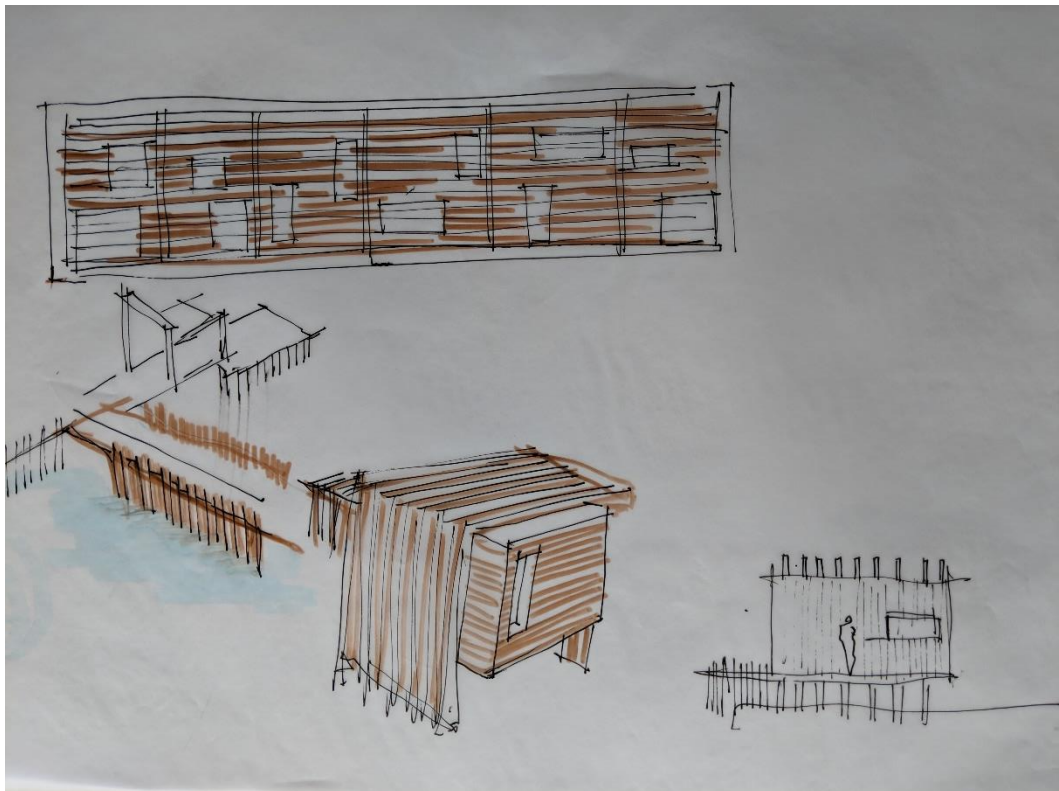
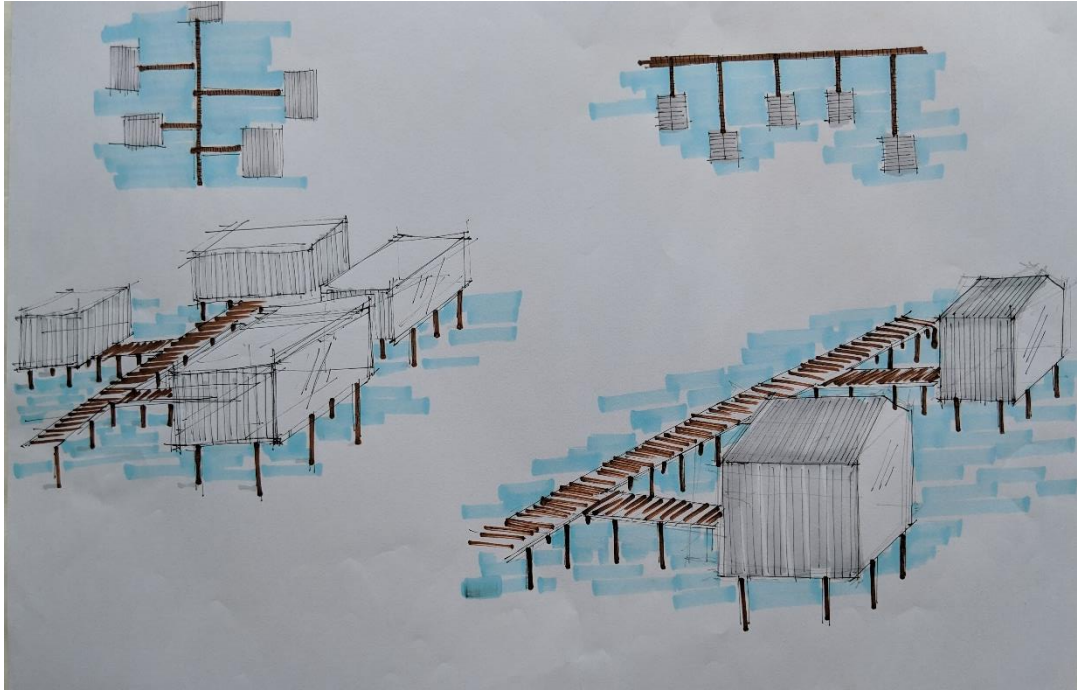




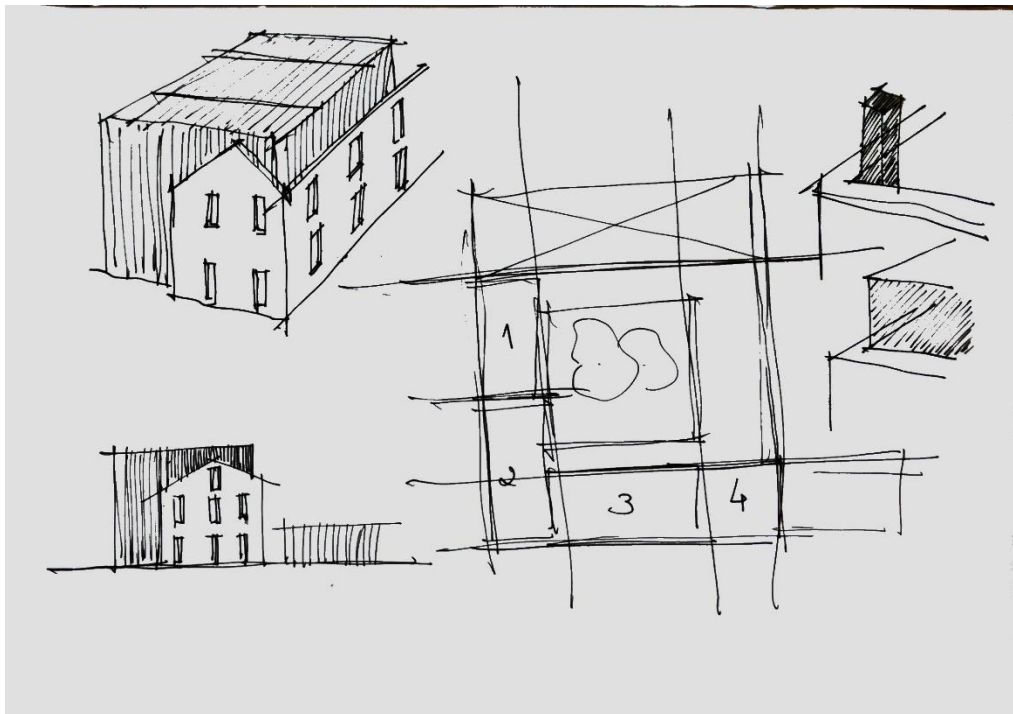
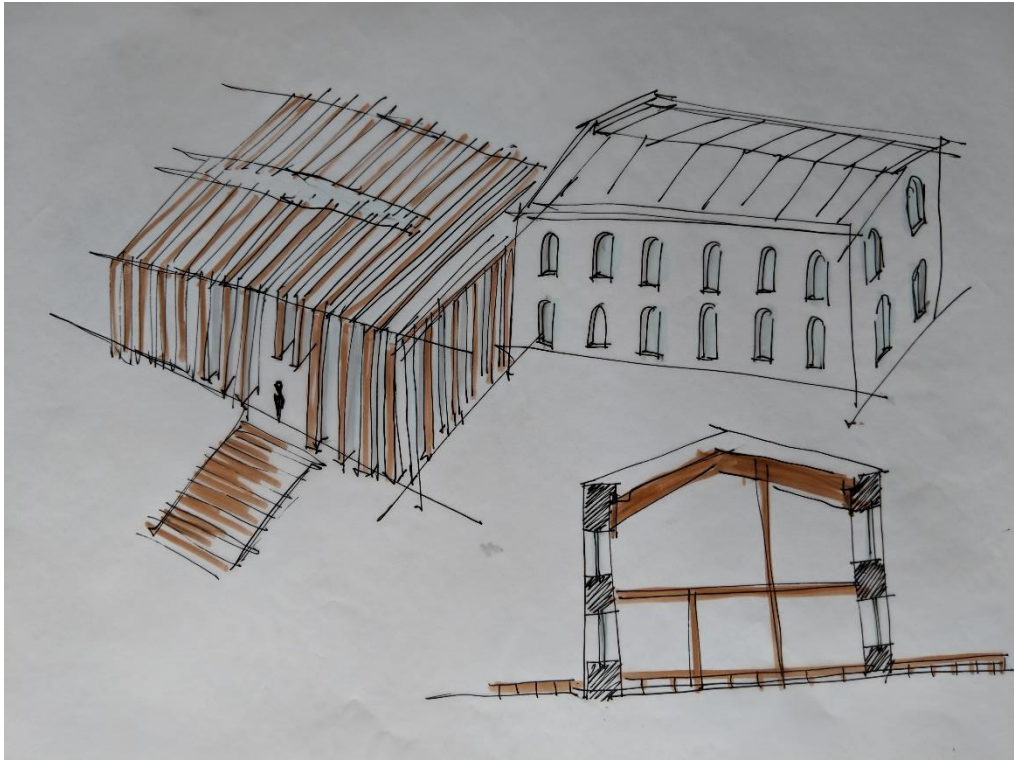


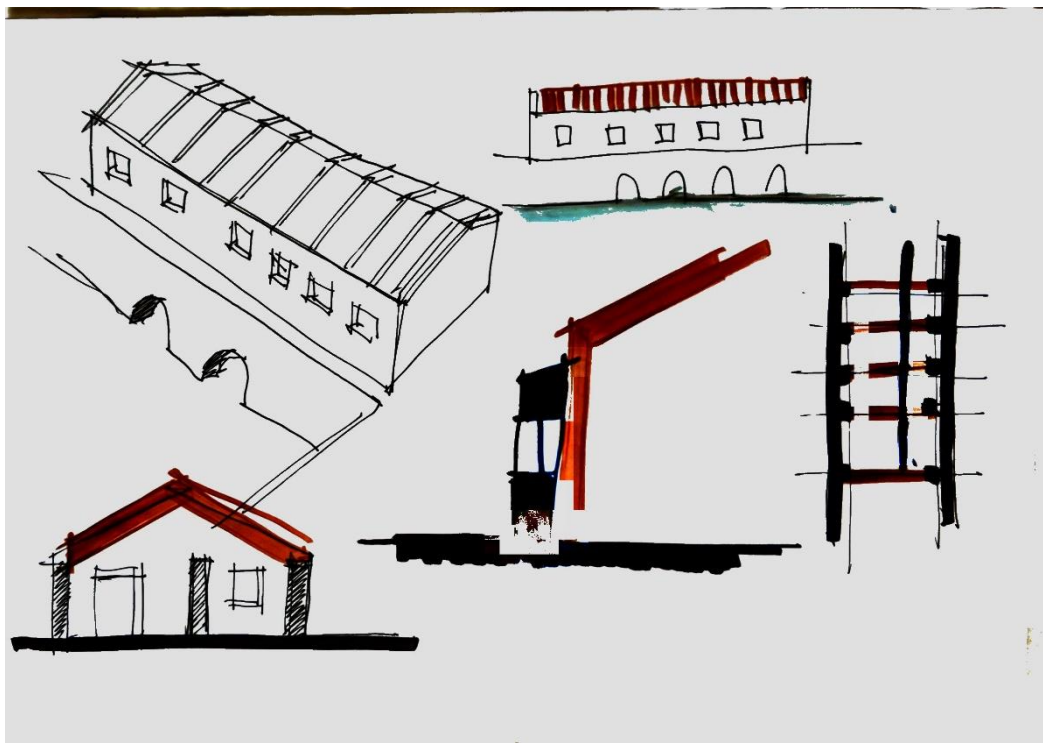








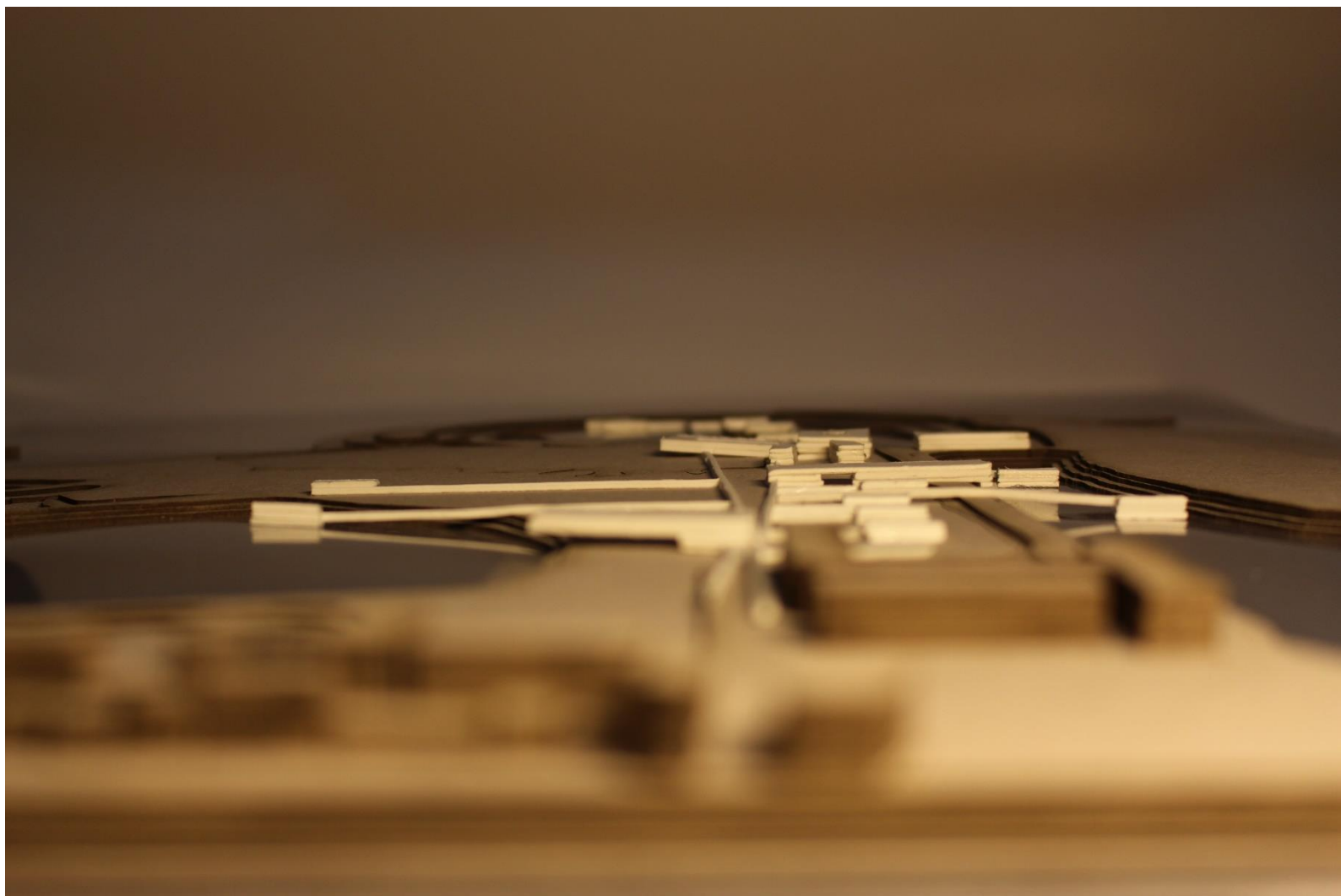


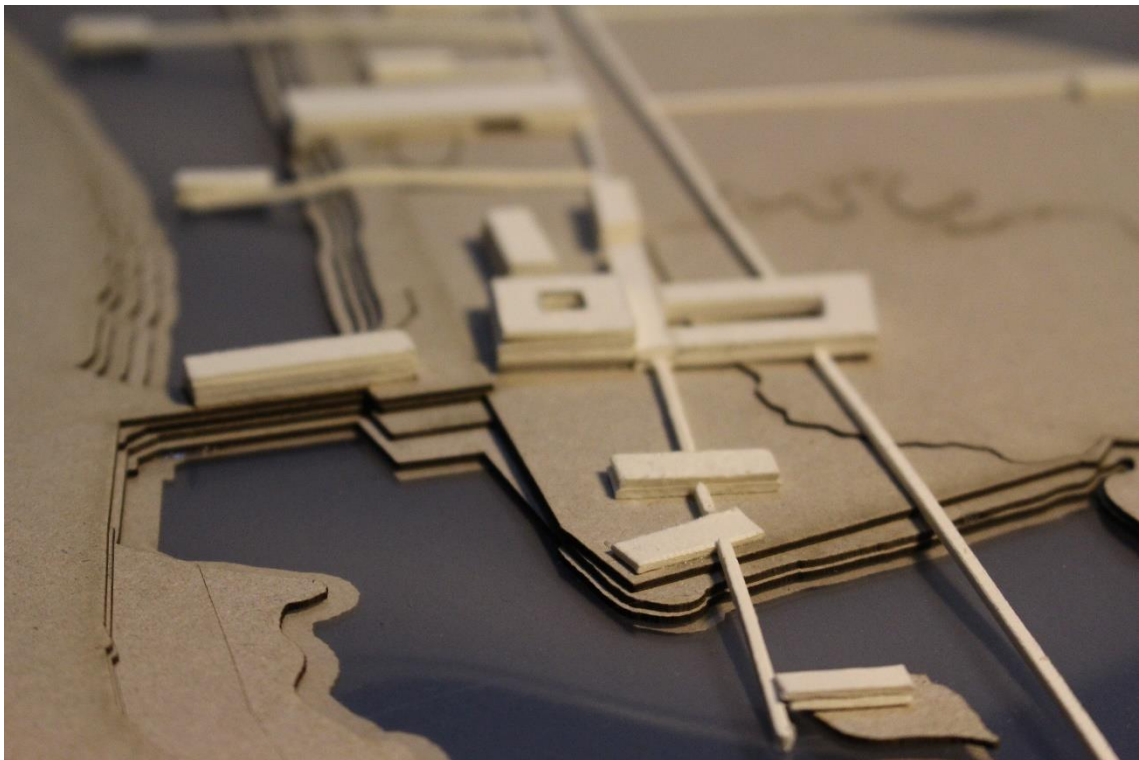
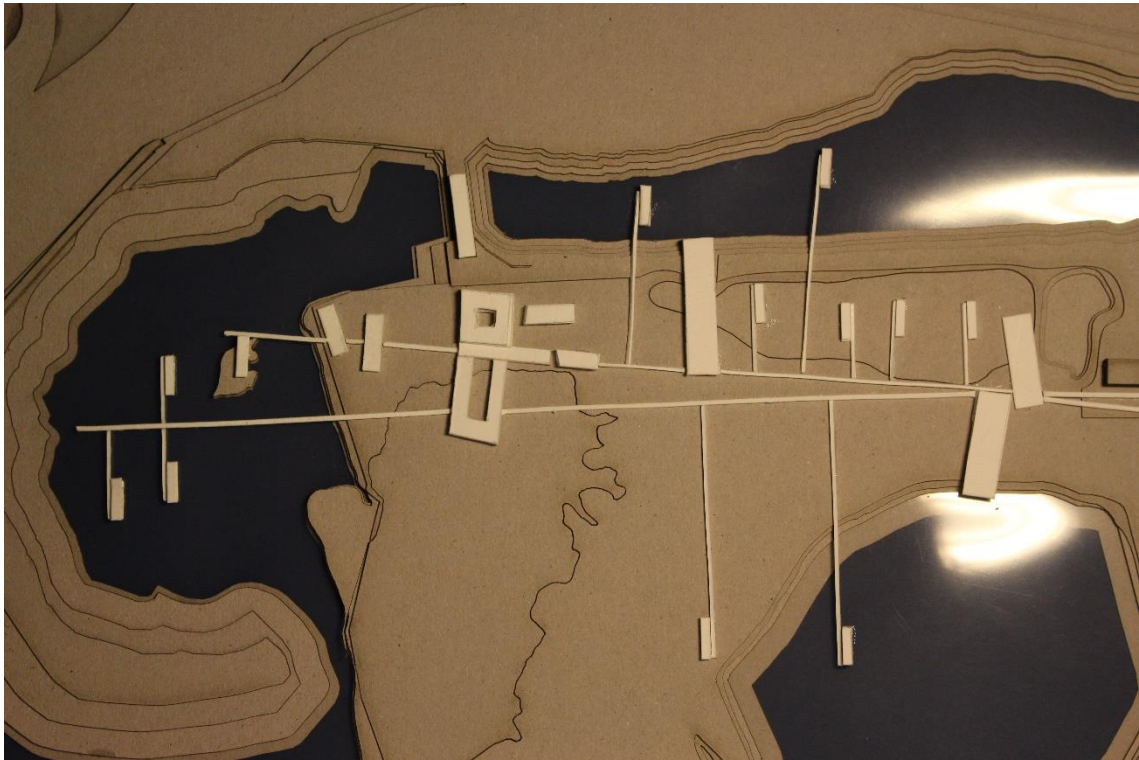


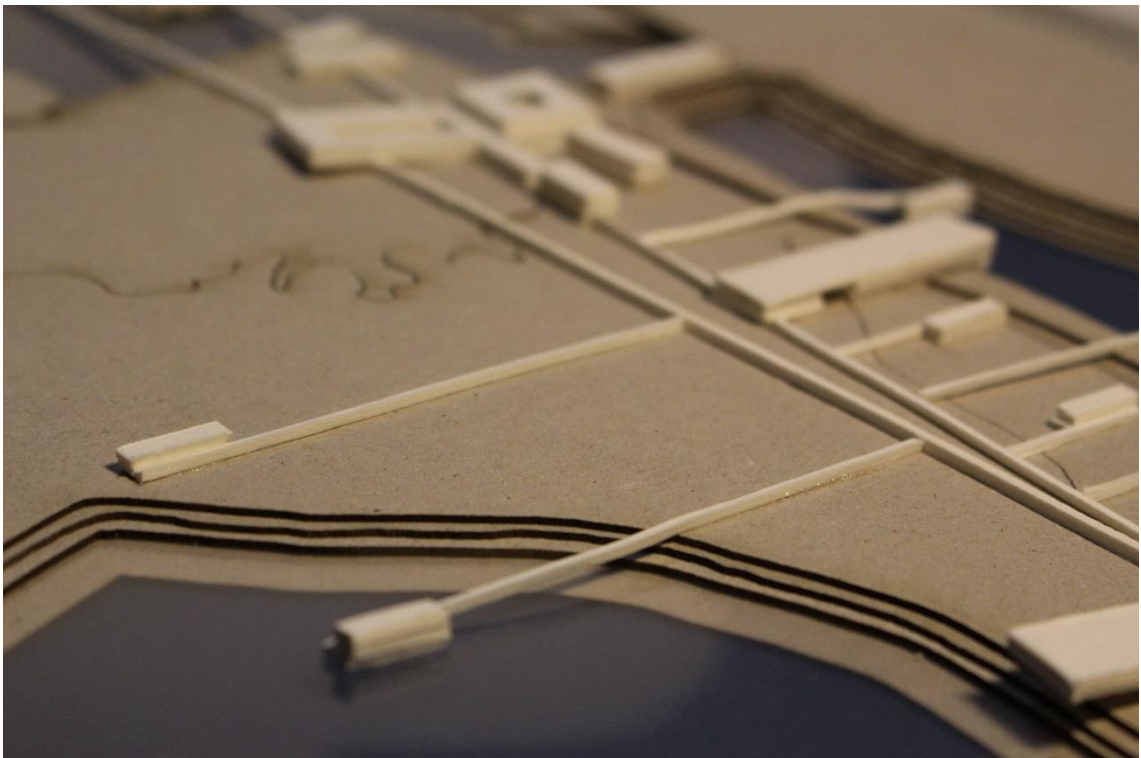
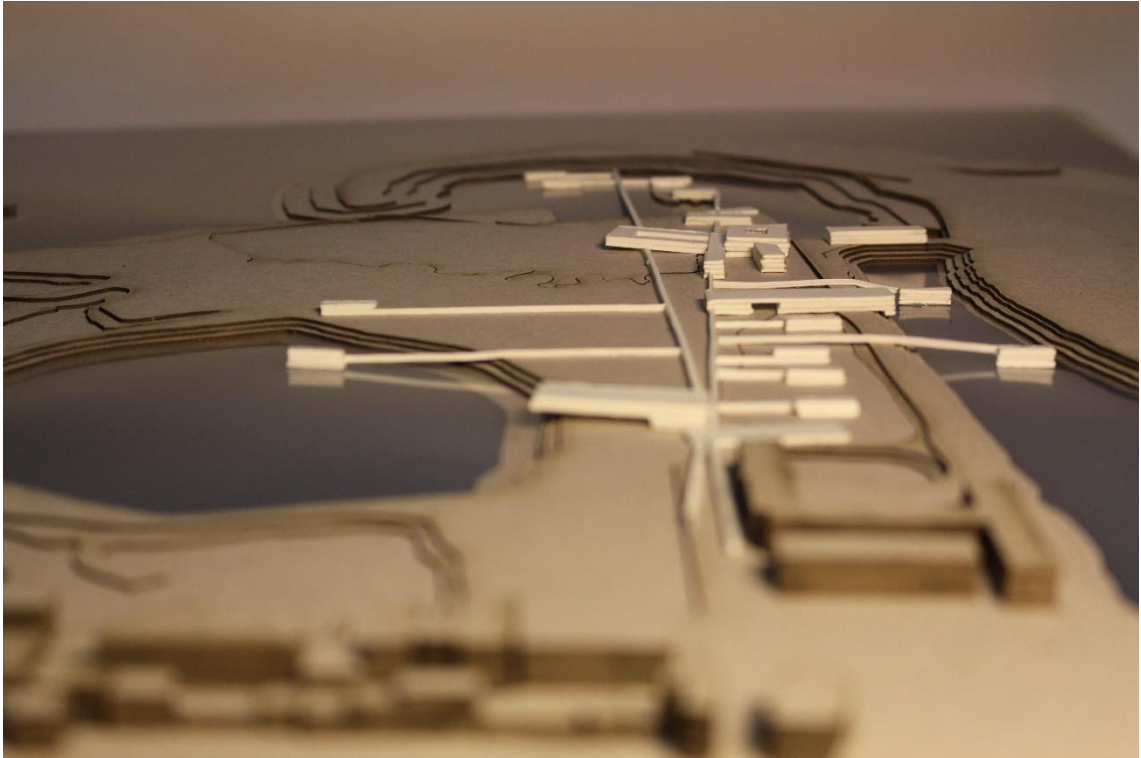


## 9.5 | FOTOGRAFIAS MAQUETES FINAIS

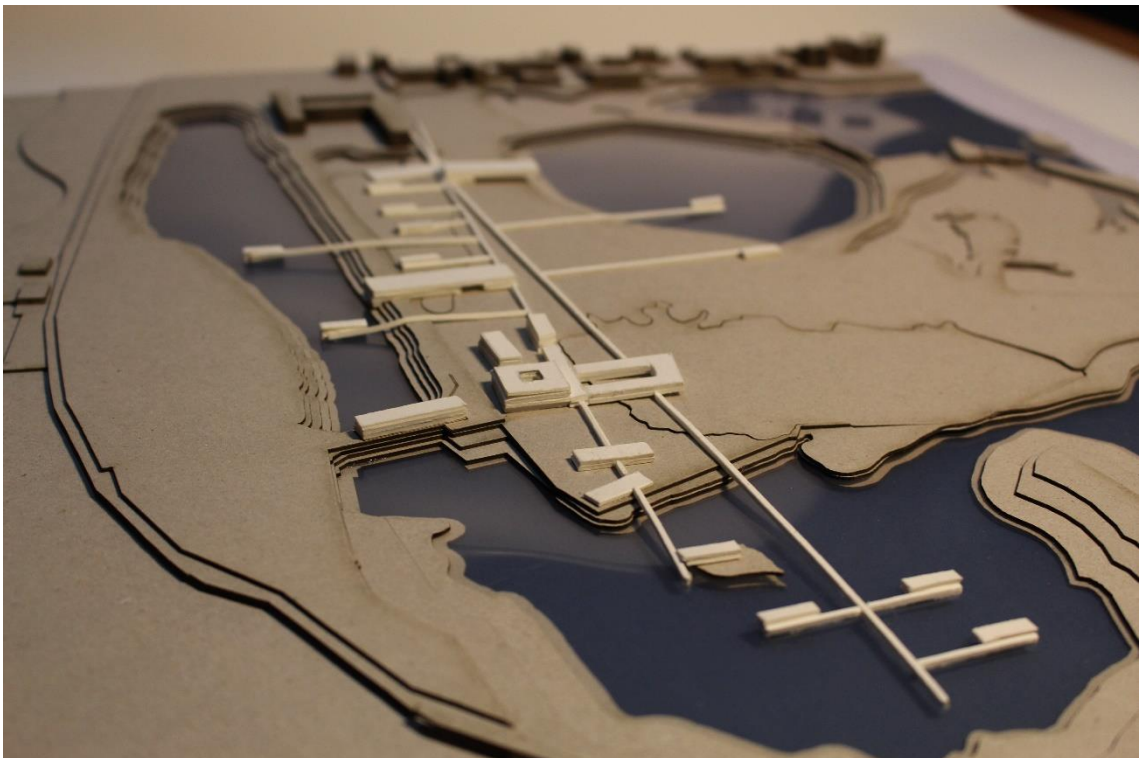
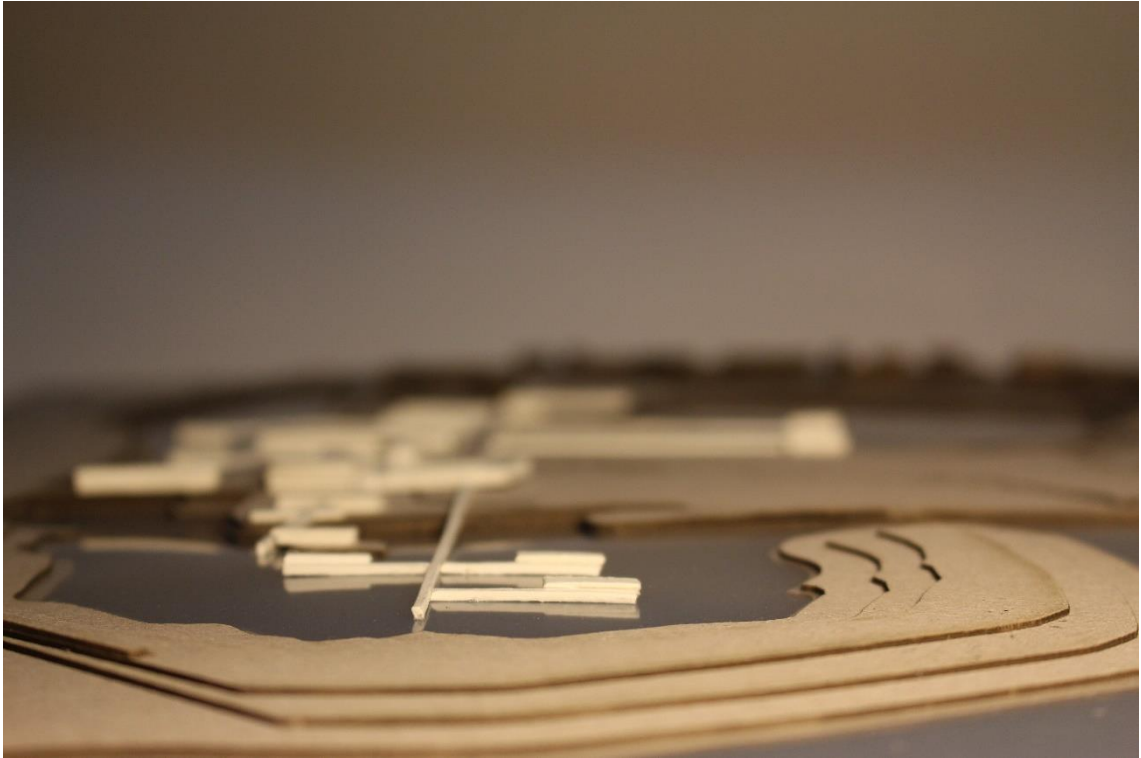
### 1 | Maquete Geral (escala 1/2000)







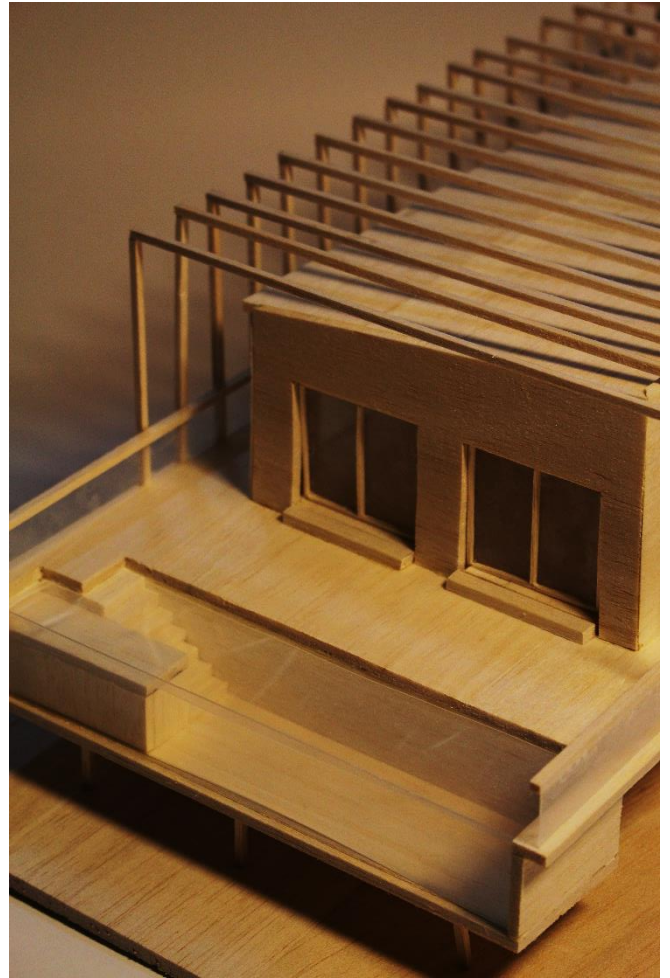


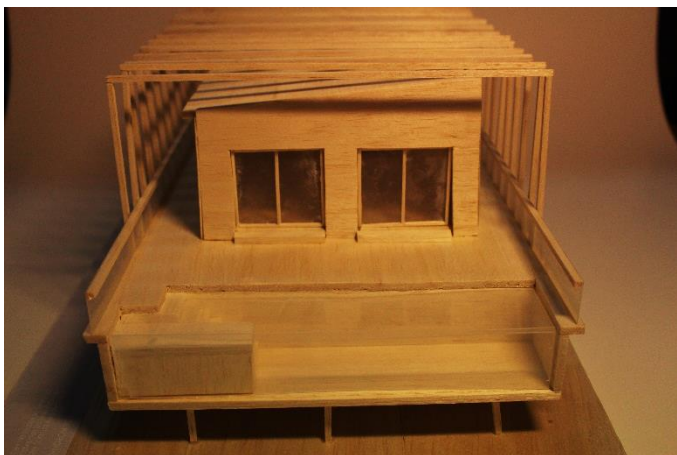
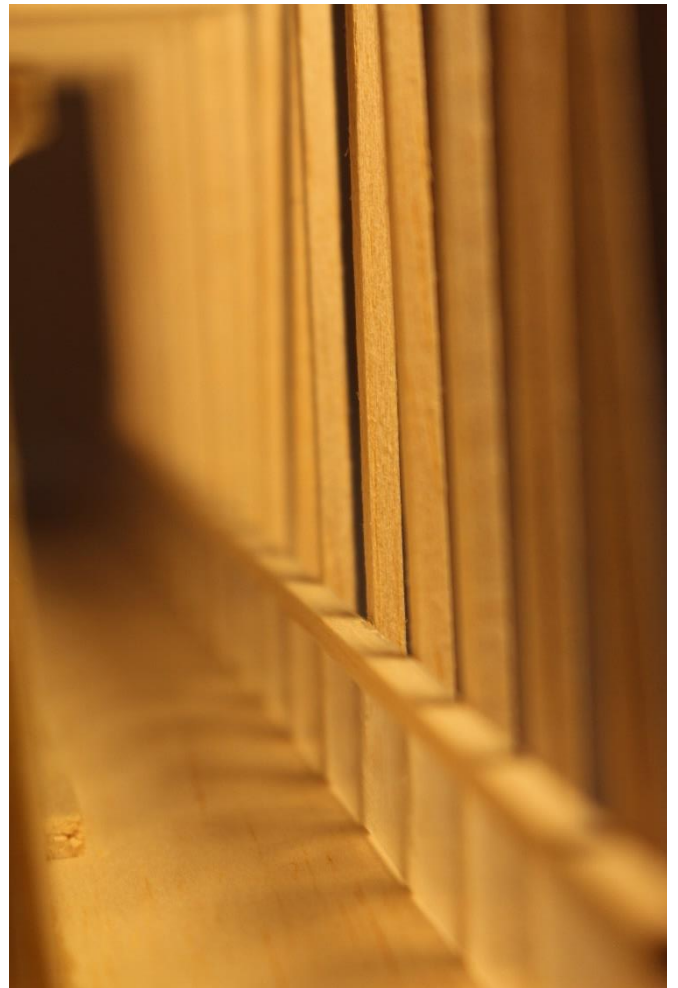
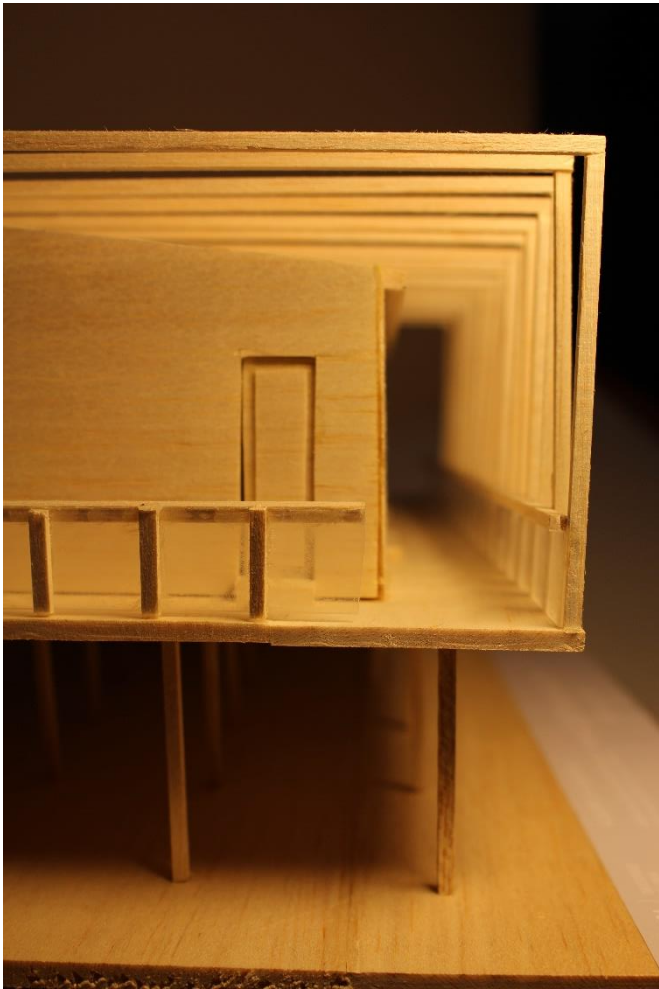


2 | Maquete Bungalow (escala 1/50)



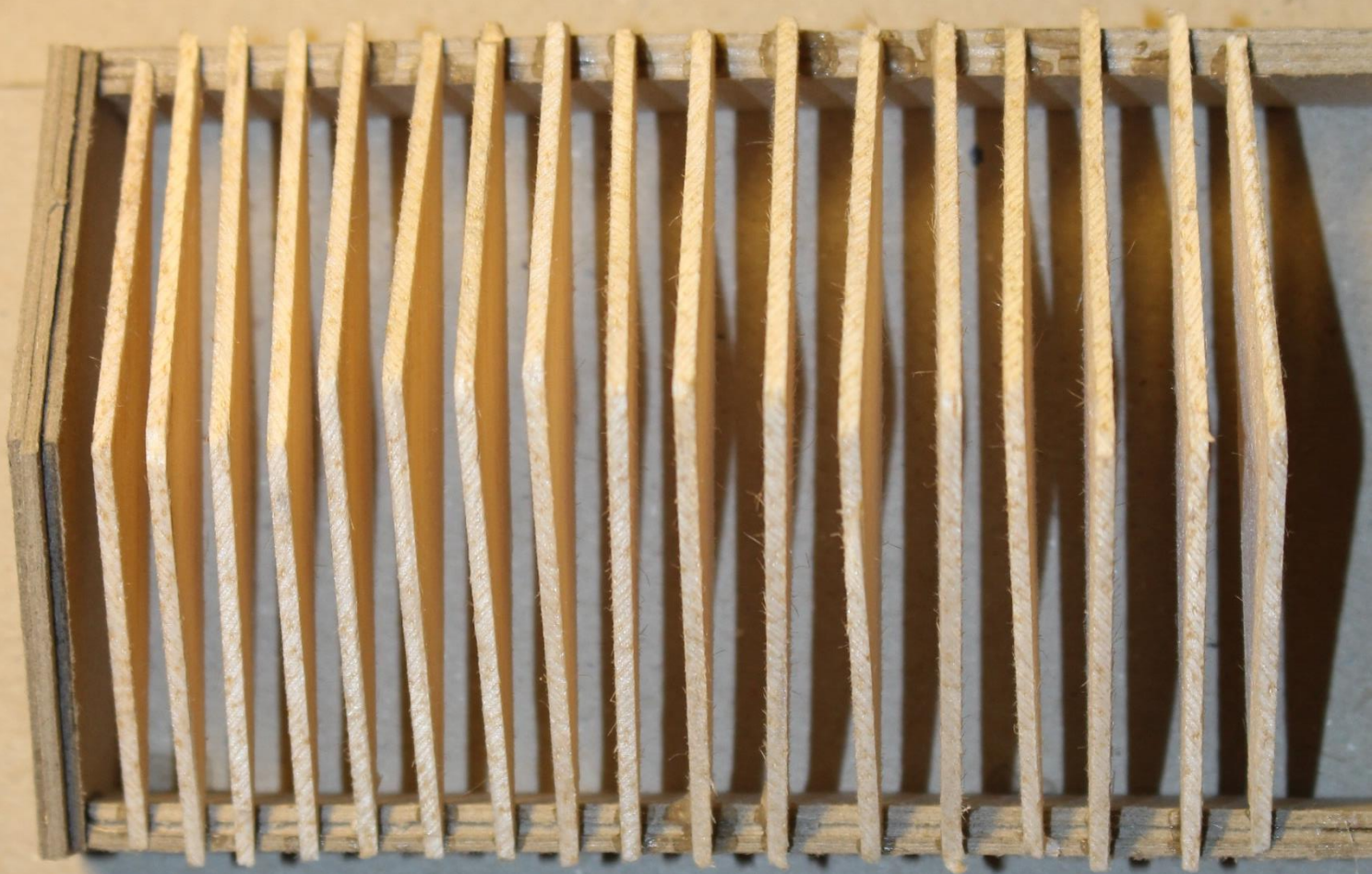




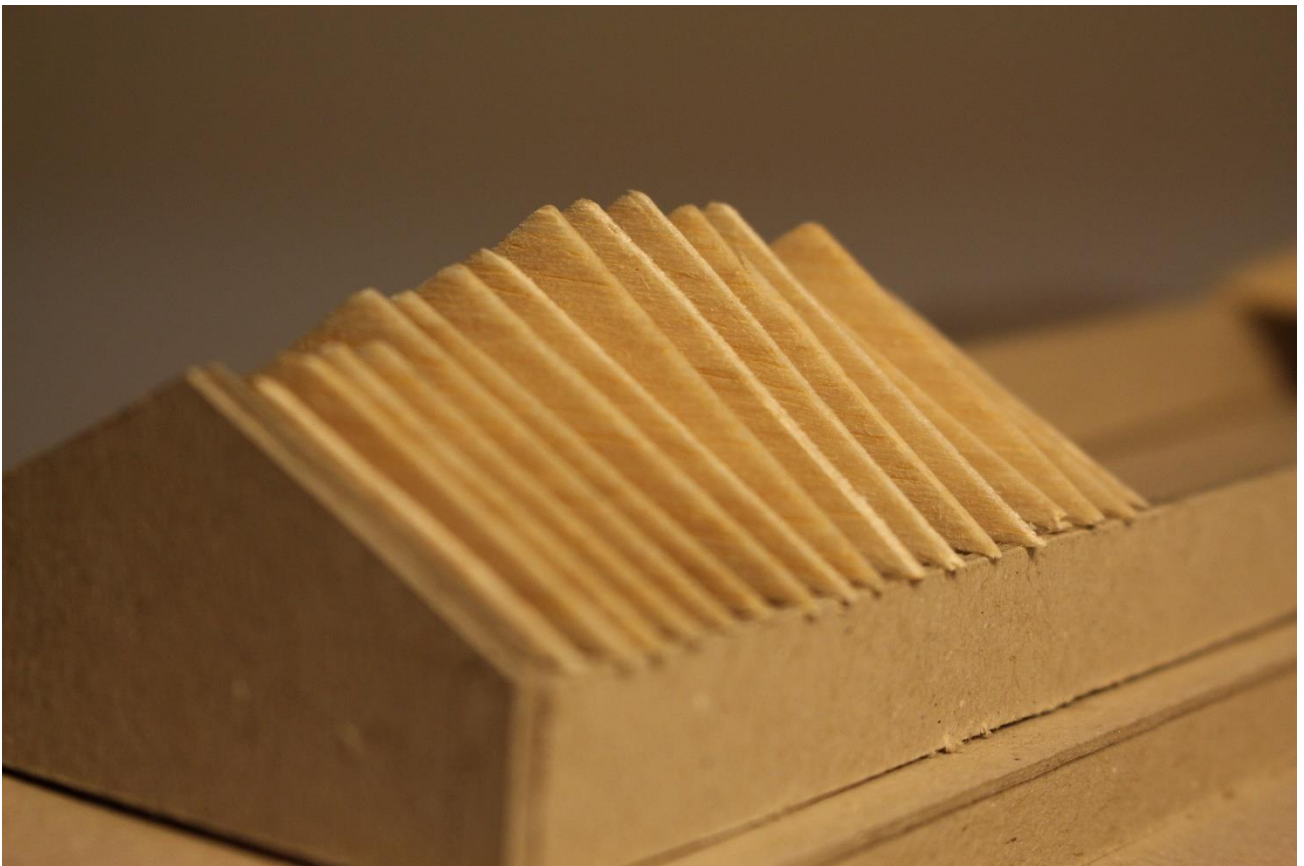
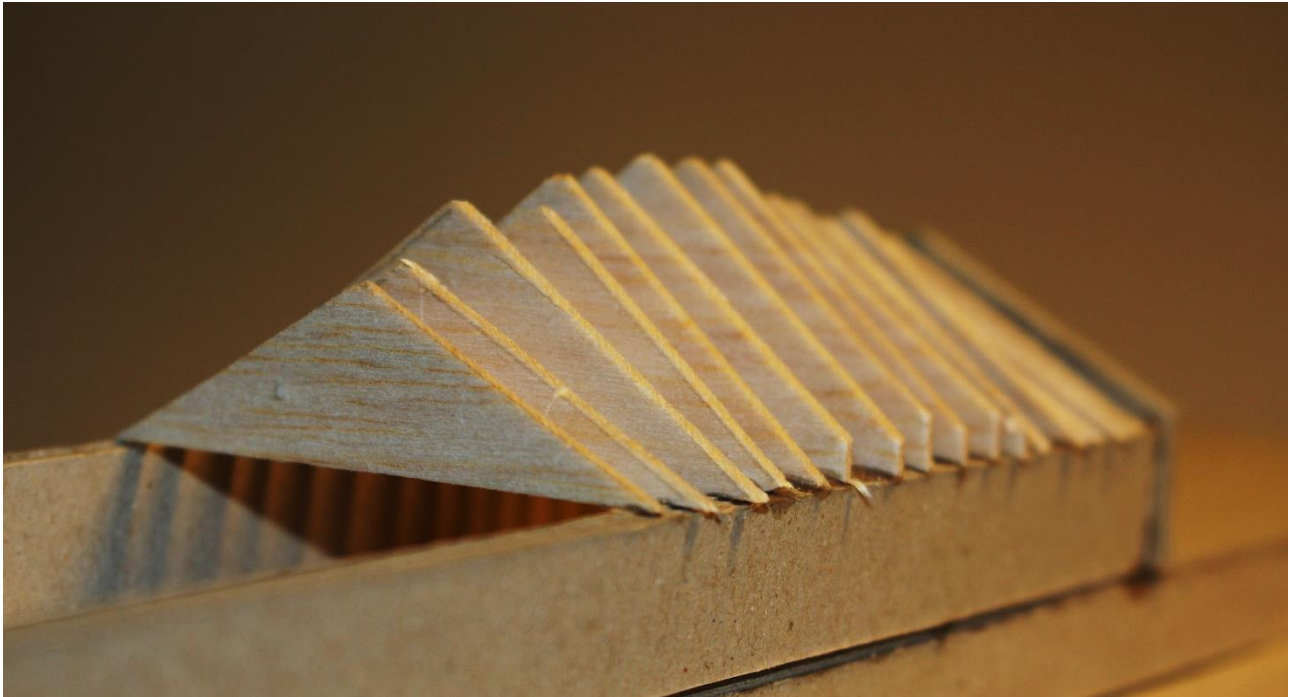


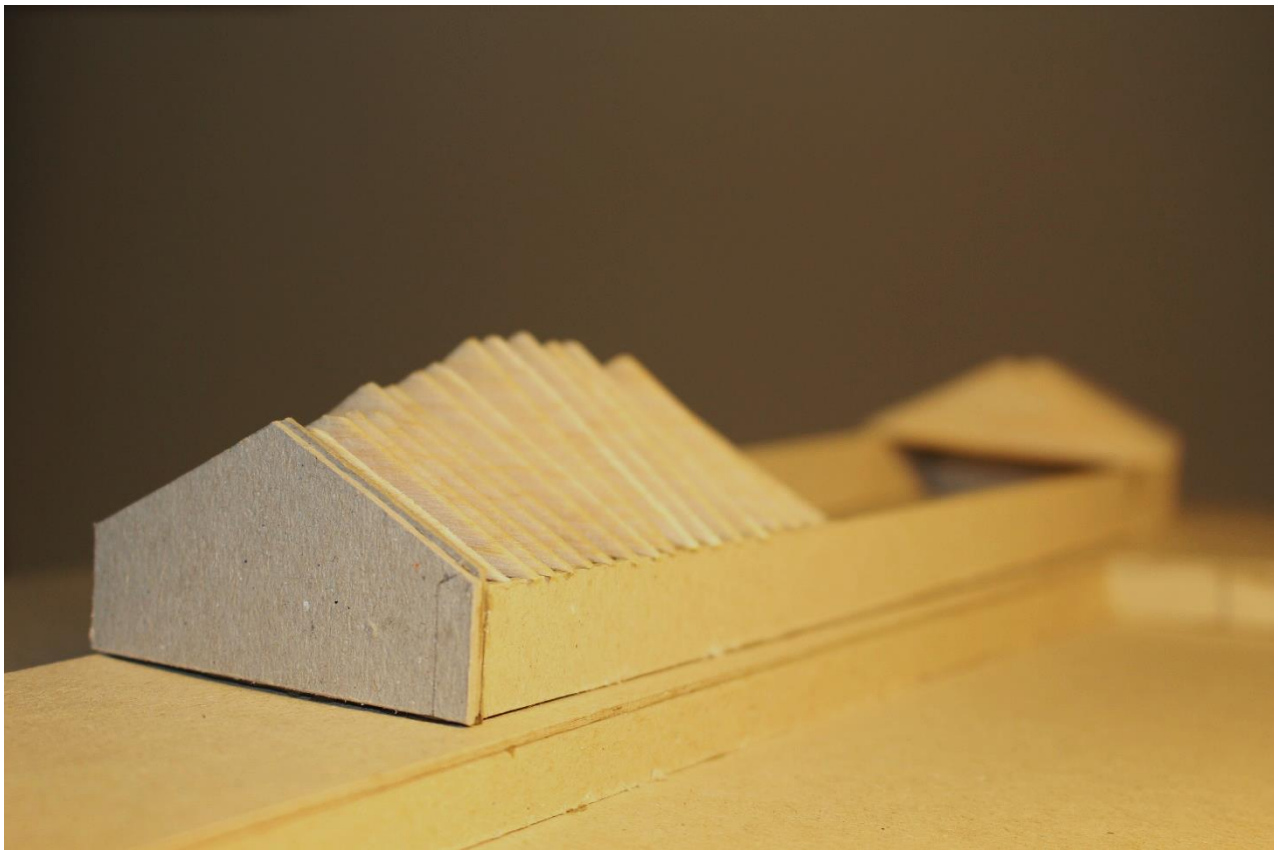
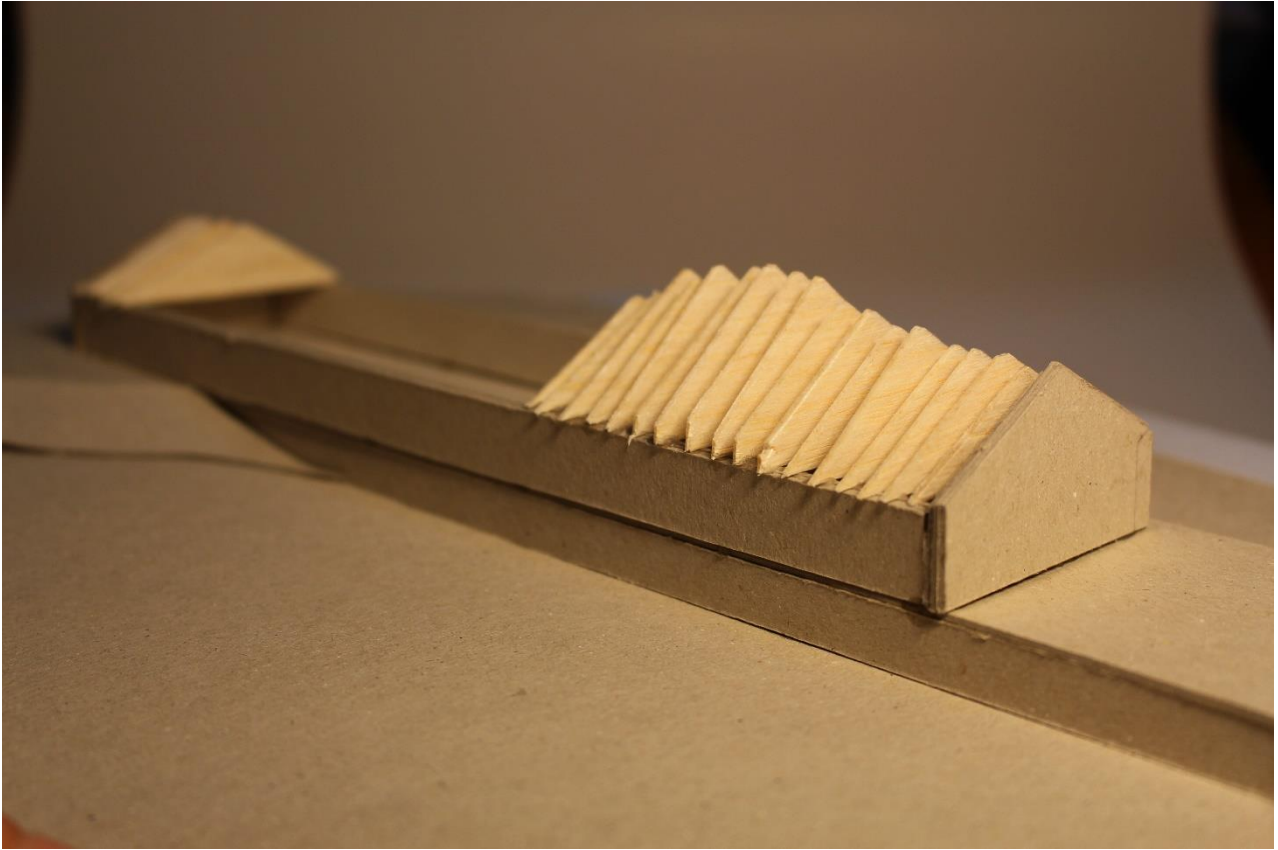


3 | Maquete estudo Centro Expositivo (moinho de maré) escala 1/200









## 9.6 | Painéis Finais Apresentação